

*Carolina Reinoite Lemos
(Licenciada)*

*Projeto final de Mestrado para a obtenção do Grau
de Mestre em Arquitetura, na Área de
Especialização em Arquitetura Integrada*

Orientação Científica

*Doutor Arquiteto Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Doutora Arquiteta Patrícia Guimarães Cabrita
Matias*

Júri


*Presidente: Doutor Arquiteto José Nuno Dinis
Cabral Beirão*

*Vogal: Doutor Arquiteto Nuno Miguel Feio Ribeiro
Mateus*

*Vogal: Doutor Arquiteto Nuno Filipe Santos De
Castro Montenegro*

*Faculdade de Arquitetura da
Universidade de Lisboa*

Julho, 2024



HABITAR E CRIAR

Uma residência artística
no Vale de Santo António

Documento Definitivo

RESUMO

O TFM proposto consiste, em continuidade com a unidade curricular de projeto integrado III, na proposta de uma residência artística para o Vale de Santo António, em Lisboa.

O Vale de Santo António é atualmente um vazio urbano entre as freguesias de Penha de França e São Vicente. Propõe-se, através de uma intervenção urbana, colmatar esse vazio e qualificar o Vale, criando habitação, melhores conexões com a cidade, os serviços adequados e espaços verdes qualificados. É dada particular atenção à componente natural, a sua preservação e como um urbanismo verde pode melhorar a qualidade de vida dos atuais e futuros habitantes do Vale.

A residência artística projetada localiza-se no Alto da Eira. O projeto arquitetónico é um espaço para habitar e criar, englobando tanto habitações como espaços de trabalho. O edifício foca-se numa vivência comunitária entre os habitantes da residência, mas também na vivência pública que pode proporcionar, podendo funcionar como um catalisador para atividades culturais para os habitantes do Vale.

A flexibilidade dos espaços pretende ser uma constante a investigar ao longo do projeto arquitetónico, numa tentativa de que a arquitetura se adapte aos residentes e a diversos programas.

Palavras-chave: Vale de Santo António; Habitar; Criar; Residência Artística.

Aluno:

Carolina Reinoite Lemos

Título:

*Habitar e Criar
uma residência artística no
Vale de Santo António*

Orientação Científica :

Doutor Arquiteto Nuno Miguel

Feio Ribeiro Mateus

Doutora Arquiteta Patrícia

Guimarães Cabrita Matias

Mestrado Integrado em

Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da

Universidade de Lisboa

Julho, 2024

ABSTRACT

The proposed TFM consists, in continuation with the project III curricular unit, of a proposal for an artistic residency in Lisbon's Santo António Valley.

Vale de Santo António is currently an urban void between Penha de França and São Vicente. Through an urban intervention, it is proposed to fill this void and qualify the valley, creating housing, better connections with the city, adequate services and qualified green spaces. Particular attention is paid to the natural component, its preservation and how green urbanism can improve the quality of life of the Valley's current and future inhabitants.

The planned artistic residence is located in Alto da Eira. The architectural project is a space for living and creating, encompassing both living and working spaces. The building focuses on a communal experience among the residents of the residence, but also on the public experience it can provide, and can act as a catalyst for cultural activities for the inhabitants of the Valley.

The flexibility of the spaces is intended to be a constant to be investigated throughout the architectural project, in an attempt for the architecture to adapt to the residents and various programmes.

Keywords: Vale de Santo António; Inhabit; Create; Artist Residency.

Student:

Carolina Reinoite Lemos

Title:

*Inhabit and Create
an artistic residency in
Santo António Valley*

Scientific Orientation :

PhD Architect Nuno Miguel

Feio Ribeiro Mateus

PhD Architect Patrícia

Guimarães Cabrita Matias

Architecture Masters Degree

Lisbon School Of Architecture

July, 2024

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,

*Aos meus amigos, os que me acompanham desde o início deste
percurso e a todas as amizades que fiz pelo caminho,*

Aos meus orientadores.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	III
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS	VII
ÍNDICE GERAL	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XIII
ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS	XXI
INTRODUÇÃO	1
<i>Enquadramento e objetivos</i>	3
<i>Metodologia e estrutura</i>	5
O VALE DE SANTO ANTÓNIO	9
<i>Passado, presente e futuro</i>	11
<i>Componente natural do Vale</i>	23
RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS	33
<i>Residência Artística no Vale de Santo António</i>	35
<i>Residência Artística</i>	36
<i>Comunidade Artística</i>	48

<i>UM VALE DE QUARTEIRÕES</i>	51
<i>Urbanismo verde ao serviço das pessoas</i>	53
<i>A água como componente da paisagem</i>	56
<i>O quarteirão como ecossistema</i>	60
<i>UM QUARTEIRÃO PARA A CULTURA</i>	67
<i>A residência</i>	69
<i>Habitar</i>	
<i>Criar</i>	74
<i>O Pátio</i>	77
<i>A Metamorfose</i>	81
<i>MATERIALIDADE</i>	89
<i>CONCLUSÃO</i>	95
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	99
<i>ANEXOS</i>	105

ÍNDICE DE FIGURAS

01 . Gráfico da evolução populacional na cidade de Lisboa, segundo dados do INE. <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	12
02 . Gráfico da evolução populacional nas Freguesias de Penha de França e São Vicente, segundo dados do INE. <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	12
03 . Representação da densidade populacional na cidade de Lisboa, segundo dados do INE. <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	12
04 . Pirâmide etária de 2021 das Freguesias de Penha de França e São Vicente (mulheres) <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	12
05 . Pirâmide etária de 2021 das Freguesias de Penha de França e São Vicente (homens) <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	12
06 . Vista aérea dos bairros do Vale de Santo António, Alto da Eira e Vale Escuro,- Fotografia de Gustavo da Cunha Leitão, 1989. <i>Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa</i>	13
07 . Vista aérea dos bairros do Vale de Santo António, Alto da Eira e Vale Escuro,Fotografia de Gustavo da Cunha Leitão, 1989. <i>Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa</i>	13
08 . Património classificado na área intervencionada e em seu redor <i>Do autor</i>	14
09 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944 <i>Fonte: Aquivo Municipal de Lisboa</i>	15
10 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944 <i>Fonte: Aquivo Municipal de Lisboa</i>	15
11 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944 <i>Fonte: Aquivo Municipal de Lisboa</i>	15
12 . Evolução Cartográfica do Vale de Santo António <i>Fonte: Cartografia retirada do website Lxi</i> https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi	17
13 . Urbanização do Vale Escuro, 1961. Planta geral <i>Fonte: Aquivo Municipal de Lisboa</i>	18

14 . Projeto da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, publicada na revista <i>Binário</i> , páginas 205-206; janeiro-Fevereiro 1976 Fonte: Website Lisboa Para Pessoas https://lisboaparapessoas.pt/2023/10/10/vale-de-santo-antonio-plano-de-urbanizacao/	18
15 . Desenho do projeto do Vale de Santo António, Câmara Municipal de Lisboa Fonte: Website Lisboa Para Pessoas https://lisboaparapessoas.pt/2023/10/10/vale-de-santo-antonio-plano-de-urbanizacao/	18
16 . Construções clandestinas junto á Calçada dos Barbadinhos Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). <i>Cidade/Paisagem</i> .	20
17 . Construções clandestinasno Alto da Eira Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). <i>Cidade/Paisagem</i> .	20
18 . Circulação Rodoviária Do autor	21
19 . Transportes públicos (autocarros) Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). <i>Cidade/Paisagem</i> .	21
20 . Hipsometria, Vale de Santo António Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). <i>Cidade/Paisagem</i> .	22
21 . Identificação de hortas expontâneas, municipais e pertencentes a acossiações Do autor	22
22 . Passagem da linha de água no Vale de Santo Anónio Do autor	24
23 . Perspetiva do Clube de Ténis de Monsanto da Aatoria de Keil do Amaral Fonte: Tostões, A. (1992). <i>Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquiteto dos espaços verdes de Lisboa (pp. 53-57)</i> . Edições Salamandra.	26
24 . Pérgula dos Montes Claros, Fotografia de Horácio Novaes, anos 40 Fonte: Tostões, A. (1992). <i>Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquiteto dos espaços verdes de Lisboa (pp. 53-57)</i> . Edições Salamandra.	26
25 . Estudos de paisagem, Gonçalo Ribeiro de Telles Fonte: d'Abreu, M., & Bettencourt da Camara, T. (Eds.). (2020). <i>Gonçalo Ribeiro Telles O mestre da paisagem. Catálogo publicado no âmbito da exposição "O mestre da Paisagem."</i>	27
26 . Estudos de paisagem, Gonçalo Ribeiro de Telles Fonte: d'Abreu, M., & Bettencourt da Camara, T. (Eds.). (2020). <i>Gonçalo Ribeiro Telles O mestre da paisagem. Catálogo publicado no âmbito da exposição "O mestre da Paisagem."</i>	27

27 . Diagramas realizados segundo a análise de Gonçalo Ribeiro de Telles, no programa “As Cheias de 1967”, em 1973 <i>Do autor</i>	28
28 . Estudos de paisagem, Gonçalo Ribeiro de Telles <i>Fonte: d’Abreu, M., & Bettencourt da Camara, T. (Eds.). (2020). Gonçalo Ribeiro Telles O mestre da paisagem. Catálogo publicado no âmbito da exposição “O mestre da Paisagem.”</i>	29
29 . Diagrama das áreas Urbanas consolidadas na AML <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	30
30 . Diagrama das principais áreas Verdes na AML <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	30
31 . Five Fingers Plan, 1947 <i>Sørensen, E., & Torfing, J. (2019). The Copenhagen Metropolitan “Finger Plan.” In Great Policy Successes, 218–243</i>	30
32 . Diagrama conceptual da expansão demográfica da AML <i>Fonte: Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
33 . Diagrama conceptual da mobilização dos habitantes da AML <i>Fonte: Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
34 . Diagramas conceptual da expansão da AML <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
35 . Diagramas conceptual da expansão da AML <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
36 . Diagramas conceptual da expansão da AML <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
37 . Diagramas dos “dedos de Lisboa” <i>Fonte: Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). Cidade/Paisagem.</i>	31
38 . Benefícios de programas de residência de artistas, tabela retirada do “Manual de Procedimentos para residências de artistas” <i>Fonte: Comissão europeia, Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura. (2014). Manual de procedimentos para residências de artistas: agenda europeia para a cultura: plano de trabalho para a cultura 2011-2014.</i>	38
39 . Roundhouse Works, Fotografia de Fred Howard <i>Fonte: https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse</i>	42
40 . Roundhouse Works, piso térreo <i>Fonte: https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse</i>	42

41 . Roudhouse Works, Fotografia de Fred Howard Fonte: https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse	42
42 . Roundhouse Works, 1º piso Fonte: https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse	42
43 . Roundhouse Works, corte Fonte: https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse	42
44 . Wiels, Summer Workshop and art danse, Fotografia de Raquel Echeverria Fonte: https://www.wiels.org/en/events?categories=family-kids	44
45 . WIELS residency, fachada atual, Fotografia de Andrea Anoni Fonte: https://www.wiels.org/en/about-wiels/venue-hire	44
46 . WIELS residency, 1930, Fotografia de Willy Kessels Fonte: https://www.wiels.org/en/about-wiels/history	44
47 . Crow Lane Creative Studios, Planta Geral Fonte: https://www.pollenarchitecture.com/portfolio/crow-lane/	46
48 . Crow Lane Creative Studios, Diferentes configurações do espaço Fonte: https://www.pollenarchitecture.com/portfolio/crow-lane/	46
49 . Crow Lane Creative Studios, corte prespetivado Fonte: https://www.pollenarchitecture.com/portfolio/crow-lane/	46
50 . Postal da fachada Norte do Hotel Chelsea Fonte: https://hotelchelsea.com/history	48
51 . Janis Joplin, no Hotel Chelsea Fonte: https://hotelchelsea.com/history	48
52 . Patti Smith no Hotel Chelsea Fonte: https://hotelchelsea.com/history	48
53 . Andy Warhol Factory, 231 East 47th Street Factory, Billy Name Estate Fonte: https://www.billynameestate.com/about	49
54 . Andy Warhol, 1964, Billy Name Estate Fonte: https://www.billynameestate.com/about	49
55 . Andy Warhol, 1964, Billy Name Estate Fonte: https://www.billynameestate.com/about	49
56 . Ilustração da relação entre espaços verdes Do autor	53
57 . Percursos pedonais Do autor, diagrama realizado no âmbito da unidade curricular de projeto III	53
58 . Percursos cicláveis Do autor, diagrama realizado no âmbito da unidade curricular de projeto III	53

59 . Sistema Húmido de Lisboa	54
<i>Do autor, diagrama realizado no âmbito da unidade curricular de projeto III</i>	
60 . Bosque	54
<i>Do autor</i>	
61 . Parques Urbanos e áreas ajardinadas	54
<i>Do autor</i>	
62 . Mercados	54
<i>Do autor</i>	
63 . Agricultura Urbana e Hortas comunitárias	54
<i>Do autor</i>	
64 . Distribuição de espaços verdes no Vale de Santo António	55
<i>Do autor</i>	
65 . Linha de água e o gesto proposto	56
<i>Do autor</i>	
66 . Precurso da água no Vale	56
<i>Do autor</i>	
67 . Recolha de água, Alto da Eira	56
<i>Do autor</i>	
68 . Gestos de projeto relativos ao aproveitamento de água e á relação com o rio	57
<i>Do autor</i>	
69 . Carlo Scarpa, Tomba Brion Fotografia de Gianni Berengo Gardin	59
<i>Fonte: https://divisare.com/projects/330192-carlo-scarpa-carlo-scarpa-e-il-giapone</i>	
70 . Sistema verde quarteirão	60
<i>Do autor</i>	
71 . Sistema verde de água no quarteirão	60
<i>Do autor</i>	
72 . Maquetes de estudo da morfologia dos quarteirões, realizada no 1º semestre	61
<i>Do autor</i>	
73 . Maquetes de estudo da morfologia dos quarteirões, realizada no 1º semestre	61
<i>Do autor</i>	
74 . Representação gráfica de como os arranjos físicos podem promover ou inibir os contactos visuais e auditivos, retirada do livro "A vida entre edifícios" de Jan Gehl	62
<i>Fonte: Gehl, J. (2017). A vida entre edifícios. Lisboa: Livraria Tigre de Papel</i>	

75 . Representação gráfica da relação entre a qualidade dos espaços exteriores e o grau de ocorrência de atividades exteriores, Tabela retirada do livro "A vida entre edifícios" de Jan Gehl <i>Fonte: Gehl, J. (2017). A vida entre edifícios. Lisboa: Livraria Tigre de Papel</i>	62
76 . Ilustração dos contactos ativos e passivos no interior dos quarteirões <i>Do autor</i>	63
77 . Planta geral do plano urbano proposto para o Vale de Santo António (sem escala) <i>Do autor</i>	65
78 . Habitação, fotomontagem do autor <i>Do autor</i>	69
79 . Ilustração da vivência da galeria, do autor <i>Do autor</i>	70
80 . Prespetiva da galeria, do autor <i>Do autor</i>	70
81 . Axonometria explodida do edifício <i>Do autor</i>	70
82 . Diagrama dos espaços de circulação <i>Do autor</i>	71
83 . Distribuição Tipológica em Alçado <i>Do autor</i>	72
84 . Diagramas espaços públicos e coletivos <i>Do autor</i>	73
85 . Espaços de trabalho, fotomontagem do autor <i>Do autor</i>	74
86 . Espaços de Exposição, fotomontagem do autor <i>Do autor</i>	75
87 . Distribuição dos Espaços de Trabalho <i>Do autor</i>	76
88 . Fluxo do espaço público <i>Do autor</i>	77
89 . Fluxo do espaço coletivo (Pátio) <i>Do autor</i>	77
90 . Escola Superior da Música <i>Do autor, fotografia tirada no âmbito da unidade curricular Arquitetura in Situ</i>	78
91 . Escola Superior da Música <i>Do autor, fotografia tirada no âmbito da unidade curricular Arquitetura in Situ</i>	78

92 . <i>Escola Superior da Música, Fotografia de fg+sg - fotografia de arquitetura</i> Fonte: https://www.carrilhodagraca.pt/esml	78
93 . <i>Escola Superior da Música , Corte longitudinal do edifício</i> Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-29305/escola-superior-de-musica-do-instituto-politecnico-de-lisboa-carrilho-da-graca-arquitectos	78
94 . <i>Perspetiva do pátio/ espaço coletivo exterior</i> Do autor	80
95 . <i>Axonometria da morfologia do edifício</i> Do autor	80
96 . <i>Ateliers Médicis, axonometrias relativas á flexibilidade dos espaços, Muoto Architectes</i> Fonte: https://divisare.com/projects/480497-muoto-architectes-titan-olivier-campagne-artefactorylab-ateliers-medicis	82
97 . <i>Ateliers Médicis, Fotografia de Olivier Campagne</i> Fonte: https://divisare.com/projects/480497-muoto-architectes-titan-olivier-campagne-artefactorylab-ateliers-medicis	82
98 . <i>Ateliers Médicis, Fotografia de Olivier Campagne</i> Fonte: https://divisare.com/projects/480497-muoto-architectes-titan-olivier-campagne-artefactorylab-ateliers-medicis	82
99 . <i>Ateliers Médicis, maquete do edifício, Muoto Architectes</i> Fonte: https://divisare.com/projects/480497-muoto-architectes-titan-olivier-campagne-artefactorylab-ateliers-medicis	82
100 . <i>Flexibilidade tipológica</i> Do autor	84
101 . <i>Flexibilidade dos espaços de trabalho</i> Do autor	85
102 . <i>Planta piso térreo (sem escala)</i> Do autor	86
103 . <i>Planta piso tipo(sem escala)</i> Do autor	87
104 . <i>Materialidade dos espaços de trabalho</i> Do autor	91
105 . <i>Ilustração dos tijolos que constituem a “pele” do edifício</i> Do autor	92
106 . <i>Fachado do edifício</i> Do autor	93

ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

EPUL- Empresa Pública de Urbanização de Lisboa

AML- Área Metropolitana de Lisboa

UE- União Europeia

CLT- Cross Laminated Timber



01

INTRODUÇÃO

Enquadramento e objetivos

O trabalho final de mestrado proposto surge em continuidade do trabalho realizado no primeiro semestre. O programa da Unidade Curricular Projeto Integrado III, relativamente ao primeiro semestre, aborda a criação de um plano urbano para o Vale de Santo António.

A análise inicial, realizada em contexto de trabalho de turma, permitiu a identificação dos principais temas caracterizadores do Vale de Santo António, quais as suas potencialidades e características menos qualificadoras que deveriam ser alvo de intervenção.

O masterplan proposto, pretende colmatar as preocupações apontadas pela análise ao local. A intervenção urbana engloba habitação, serviços e infraestruturas adequadas ao número de fogos propostos, espaços verdes, bem como áreas agrícolas, parques urbanos, bosques, espaços públicos qualificados e espaços de retenção e tratamento de água. Foi dada particular atenção à influência positiva que os elementos paisagísticos podem ter na qualidade de vida urbana e qual a forma mais adequada de abordar temáticas como o ciclo da água, a movimentação de solos e qual a melhor disposição para os espaços verdes, de forma a aproveitar ao máximo as vantagens da componente natural, preservando os sistemas biofísicos. A estratégia utilizada para edificar em torno do Vale foi pensada de forma a integrar espaços públicos e espaços verdes qualificados, permitindo uma simbiose entre os espaços verdes e a cidade.

Para entender o funcionamento do território é particularmente importante estudar o comportamento da água, a sua influência no Vale e as condicionantes impostas pela topografia. Ao respeitar a natureza do local e moldando-nos a ele é possível obter uma paisagem estabilizada, próspera da qual a intervenção humana beneficia.

Primeiramente, foi desenvolvido um plano urbano com as preocupações referidas. Posteriormente desenvolveu-se uma estratégia de quarteirão. O projeto arquitetónico proposto consiste na implementação de uma residência artística num dos quarteirões definidos pelo plano urbano, podendo neste contexto funcionar como paradigma.

O projeto tem como objetivo primordial a definição de um edifício que sirva tanto os seus residentes no local como quem reside em seu redor. A residência não se deve fechar sobre si mesma, mas tornar-se num ponto de interesse cultural, aberta para o Vale de Santo António e para a participação dos seus habitantes.

São criados espaços de trabalho que pretendem servir um grande número de projetos artísticos de diversas áreas e fogos que se adaptem às exigências da diversidade dos seus residentes, dado que a flexibilidade dos espaços pretende ser uma constante a investigar ao longo do projeto.

Ambos os espaços habitacionais e de trabalho são articulados por espaços coletivos de interação que procuram proporcionar uma vivência qualificada em comunidade. A dicotomia entre habitar e criar molda o espírito do projeto, explorando as vivências que se podem obter a partir dela.

Metodologia e estrutura

O trabalho estrutura-se em 5 capítulos, partindo de uma abordagem teórica relativa ao local e a residências artísticas nos capítulos 2 e 3. Seguidamente, é exposta a proposta, começando na escala mais abrangente, até à mais aproximada.

Inicia-se o exercício pela análise do local, aprofundando os diferentes temas que definem o Vale de Santo António, quais as suas fraquezas e oportunidades e problemas que teriam de ser colmatados pela intervenção proposta. A análise não se restringe ao presente do Vale, mas às possibilidades que nos oferece e como as podemos abraçar.

Sendo o TFM proposto a continuação do trabalho iniciado no semestre anterior, a proposta urbana elaborada manteve-se na sua essência, sofrendo apenas ligeiras adaptações. A pesquisa realizada, focada principalmente nos espaços verdes, as linhas de água e topografia, baseiam as decisões tomadas na parte urbana da proposta.

Primeiramente, aborda-se o Vale de Santo António, o seu passado, o seu estado atual e eventual futuro. Questiona-se como se pode tornar o vale num espaço urbanamente qualificado, analisando o seu passado e atentando sempre à sua componente natural.

Procura-se uma abordagem informada a residências artísticas, perceber como se definem e o seu funcionamento. A pesquisa e abordagem relativa a residências, não se foca somente numa vivência interior, mas também em como afetam a área em seu redor, e como podem ser uma vantagem para o espaço urbanizado. No segundo capítulo, pretende-se expor esta pesquisa explicando quais as vantagens deste equipamento no Vale de Santo António.

No capítulo seguinte são expostas as intenções do plano urbano proposto com a análise dos espaços verdes, as linhas de água e a estratégia dos quarteirões. Seguidamente, é explicado o projeto à escala do edifício, relacionando-o com a componente urbana. O último capítulo desenvolve o tema da materialidade e do impacto das decisões construtivas tomadas no edifício.

O projeto foi desenvolvido nas seguintes escalas:

Escala 1:2000 - Intervenção urbana;

Escala 1:500 - Proposta ao nível do quarteirão;

Escala 1:200 e 1:100 - Proposta arquitetónica;

Escala 1:50, 1:20, e 1:5 - Materialidade e sistema construtivo.

Os diferentes fatores do projeto foram desenvolvidos de forma simultânea permitindo que os diferentes aspetos da proposta, desde a intervenção urbana à materialidade se contaminassem, abordando-a como um todo.



02

O VALE DE
SANTO ANTÓNIO

Passado, presente e futuro

“Para Norberg-Schulz, é a arquitetura que revela o significado escondido do meio no qual se integra. Sem ela, este permaneceria invisível, inacessível. Com ela, o sentido do sítio torna-se visível e, por isso, constrói o lugar. Lugar carregado de sentido. Lugar humanamente vivido. Lugar simbólico e existencial. Lugar habitado. Revelar o sentido do sítio é revelar o seu carácter próprio ou a sua identidade.”

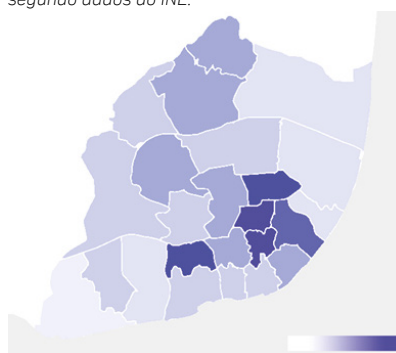
(Xavier, 2007)



01 . Gráfico da evolução populacional na cidade de Lisboa, segundo dados do INE.



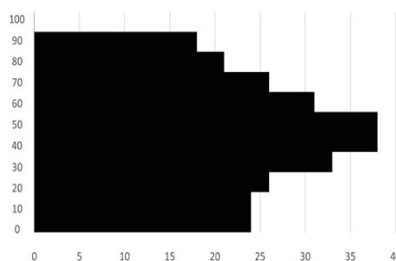
02 . Gráfico da evolução populacional nas Freguesias de Penha de França e São Vicente, segundo dados do INE.



03 . Representação da densidade populacional na cidade de Lisboa, segundo dados do INE.



04 . Pirâmide etária de 2021 das Freguesias de Penha de França e São Vicente (mulheres)



05 . Pirâmide etária de 2021 das Freguesias de Penha de França e São Vicente (homens)

O vale de Santo António, outrora localizado na periferia da cidade de Lisboa, foi, ao longo dos anos, sendo utilizado para produção agrícola. A cartografia histórica mostra-nos esta evolução desde 1856, onde, na carta realizada por Filipe Folque, o Vale se apresenta coberto por espaços agrícolas e os edifícios existentes são associados a eles ou de cariz religioso. Com o crescimento populacional do município de Lisboa, muito marcado na década de 40, a cidade foi-se expandindo e a produção agrícola foi-se abandonando. As atuais freguesias da Penha de França e de São Vicente evoluíram para áreas urbanas densas, os edifícios foram crescendo em redor do Vale, e os terrenos agrícolas tornaram-se terrenos abandonados.

É de salientar algum do património classificado na área intervencionada e em seu redor, nomeadamente:

-O Quartel da Cruz dos quatro caminhos, junto ao mercado dos Sapadores, mandado construir pelo rei D. José I em 1762, é atualmente a Direção de Comunicações e sistemas de informação do exército português.

-A Vila Cândida, cuja entrada é no n.º 24 da avenida General Roçadas, uma Vila Operária construída entre 1912 e 1915, as propriedades foram doadas aos moradores após o 25 de Abril.

-A Estação elevatória a vapor dos Barbadinhos, inaugurada a outubro de 1880, atualmente Museu da água, estava destinada a bombear água do aqueduto do Alviela para a cidade de Lisboa.

- O convento de Santos-o-Novo foi construído em 1685 no reinado de D. Pedro II. O convento perdeu a sua função original em 1895 e foi adotando diversas funções ao longo dos anos. Atualmente, o edifício é apropriado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (residência para idosos) e o ISCTE (residência universitária).



06 . Vista aérea dos bairros do Vale de Santo António, Alto da Eira e Vale Escuro, Fotografia de Gustavo da Cunha Leitão, 1989.



07 . Vista aérea dos bairros do Vale de Santo António, Alto da Eira e Vale Escuro, Fotografia de Gustavo da Cunha Leitão, 1989.



08 . Património classificado na área intervencionada e em seu redor

O Vale de Santo António



09 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944



10 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944



11 . Vale de Santo António, Eduardo Portugal, 1944

1865- 58

Atlas Cartográfico de Lisboa, Filipe Folque



1911

Carta topográfica de Silva Pinto



1950

Carta topográfica Autor Desconhecido





1970

*Carta topográfica
Autor Desconhecido*



1987

Ortofotomapa



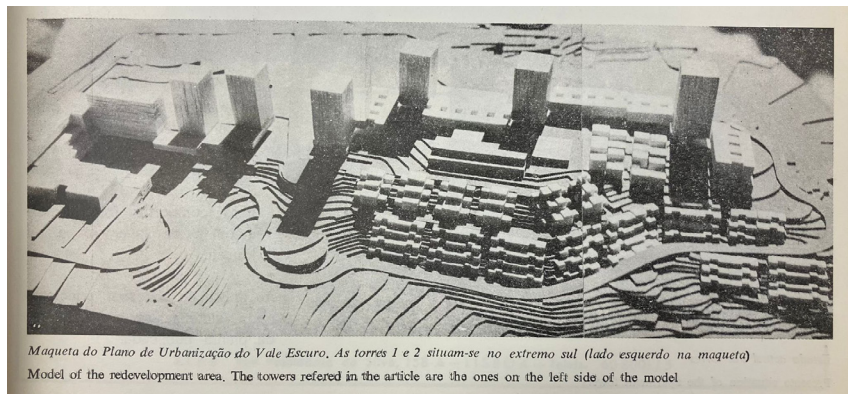
2016

Ortofotomapa

13 . Urbanização do Vale Escuro, 1961. Planta geral



14 . Projeto da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, publicada na revista Binário, páginas 205-206; janeiro-Feveireiro 1976



15 . Desenho do projeto do Vale de Santo António, Câmara Municipal de Lisboa



Ao longo dos anos, foram realizados vários planos urbanos para o Vale de Santo António, os planos acompanham a evolução da cidade de Lisboa, mas até agora nenhum foi posto em prática na sua totalidade.

O primeiro plano a ser parcialmente implementado foi o de 1961, do qual foi construído um conjunto de edifícios habitacionais entre a Calçada dos Barbadinhos e a Rua Barão Monte Pedral. Seguidamente, é de salientar a implementação de duas torres habitacionais junto ao alto da Eira, englobadas por um plano habitacional proposto pela EPUL, na década de 70.

O Plano de Urbanização mais recente do Vale de Santo António prevê a construção de 2400 fogos de renda acessível, tal como espaços verdes, um parque público, privilegiando a circulação pedonal e a Ciclovia. O plano foi aprovado em maio de 2024 pela Câmara Municipal de Lisboa e segue agora para um processo de discussão pública.

Estes objetivos serviram como referência para o trabalho proposto, pretendendo-se também uma concentração de edifícios habitacionais, em articulação com a criação de espaços verdes qualificados, uma melhoria dos sistemas viários e pedonais, respeitando sempre a componente natural do Vale.



16 . Construções clandestinas junto á Calçada dos Barbadinhos



17 . Construções clandestinas no Alto da Eira

Atualmente, entre a Avenida Mouzinho de Albuquerque e a Avenida General Roçadas encontramos uma grande área desocupada rodeada por edifícios desconectados entre si, cercados por estradas, que tornam a ligação pedonal com a cidade envolvente complicada e desagradável. Este aspeto é acentuado pela escassez de transportes públicos. Os edifícios não estabelecem relação com a sua envolvente e o vale é desconectado do resto da cidade. Atualmente, o Vale é um vazio no centro de Lisboa, rodeado de habitações clandestinas, construções inacabadas, zonas de estacionamento que foram surgindo nos vazios, hortas que foram crescendo na encosta, vegetação que foi nascendo no vale. Apesar da proximidade deste Vale ao centro histórico da cidade de Lisboa, a perceção é de um grande vazio urbano sem relação com a envolvente próxima. São estes os aspetos negativos na caracterização deste lugar que o presente projeto pretende reduzir ou eliminar.

O nosso olhar sobre o vale pode incidir sobre um local vazio e abandonado, no entanto é importante reconhecer também o seu potencial.



18. Circulação Rodoviária



19. Transportes públicos (autocarros)



20 . Hipsometria, Vale de Santo António



21 . Identificação de hortas espontâneas, municipais e pertencentes a associações

Componente natural do Vale

“A construção da paisagem humanizada faz-se procurando harmonizar os interesses do homem e da natureza, porque ele é ao mesmo tempo senhor e escravo dela. Senhor porque tem cada vez mais possibilidade de a alterar e até destruir, escravo porque se não utilizar a natureza em benefício da humanidade (...) utilizando sabiamente todas as suas possibilidades, será por ela amordaçado e escravizado. A comunidade humana deve marchar para uma maior dignidade, utilizando e amando o único instrumento capaz de a manter e libertar – a natureza.”

(Terra, a paisagem segundo Gonçalo Ribeiro Telles, 2020)



22. *Passagem da linha de água no Vale de Santo António*

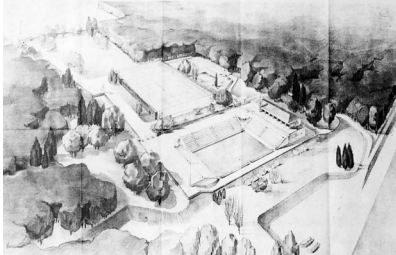
As linhas de água são de forte preponderância na caracterização do Vale. É a água que dá vida aos espaços verdes espontâneos e é ela que define que espaços não devem sofrer uma intervenção humana significativa. A água é um elemento de vida, mas que também pode destruir com a sua passagem. Ao considerar devidamente a componente natural do Vale, é possível tomar partido das suas vantagens, projetar tendo-as em consideração e evitando consequências desastrosas.

É sabido que a integração de espaços verdes nas cidades contribui para amenizar o clima e corrigir microclimas, tal como para a "higienização do ar cada vez mais poluído pela indústria e pelos transportes" ¹, mas acrescentam também um fator de bem-estar, uma resposta a necessidade psicológica de contacto com a natureza. (Ribeiro de Telles, 1957). Os espaços verdes podem ser de diversas géneses, podendo constituir espaços de lazer, ou ter uma função produtiva.

Nos Vales é possível usufruir das diversas vantagens que os espaços verdes podem oferecer. Espaços como parques urbanos que podem proporcionar atividades lúdicas, receber diversos eventos e atividades, são relevantes na melhoria da qualidade de vida de habitantes de determinada área, permitindo um fácil contacto com a natureza no quotidiano. O mesmo acontece com bosques que, para além de poderem constituir espaços de lazer, podem também ser áreas produtivas.

¹ Telles, Gonçalo Ribeiro. (1957) "A importância actual da vegetação na cidade." Agros. Boletim da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, Ano 40 (2), Março-Abril 1957, p. 137-150.

CLUB DE TENIS DE MONSANTO PERSPECTIVA DO CONJUNTO



23 . Perspetiva do Clube de Tênis de Monsanto da Autoria de Keil do Amara



24 . Pérgula dos Montes Claros, Fotografia de Horácio Novaes, anos 40

O miradouro de Montes Claros, onde se inseria a Casa de chá, posteriormente transformada num restaurante foi projetado como um grande espaço de estadia “organizada em volta de um espelho de água, envolvido por relva, rematado em curva por uma tradicional pérgula (...) Montes Claros é um símbolo de um Monsanto apazível e feliz, e é notável percorrer a pérgula que acompanha a curva do lago, na sucessão de sombras e luz.” (Tostões, 1992)

O parque florestal de Monsanto, arborizado em 1943, engloba diversos espaços destinados a atividades lúdicas, miradouros, parques, edificações destinadas à atividade desportiva e trilhos propícios à prática de desporto ao ar livre, sendo, não obstante, um espaço de bosque natural com inúmeros benefícios, desde a purificação da atmosfera urbana, aos benefícios do ecossistema e climáticos. A ideia de arborizar a serra de Monsanto surgiu em 1868 com o objetivo de “abastecer a cidade de lenhas e madeira, amenizar o clima e contribuir para a saúde pública” (Tostões 1992). Os bosques podem (ou devem) ser explorados também como espaços produtivos, criando um maior aproveitamento do espaço e um maior interesse em preservá-lo.

“Para construir o Bosque de Lisboa, aproveitar-se-iam a Serra de Monsanto e os terrenos circunvizinhos, até à Buraca e Carnide. A vasta arborização rodearia a cidade do Norte, com o acesso fácil a todos os bairros, desde o Campo grande a Benfica, desde a Buraca até à serra. (...) A criação do bosque modificaria beneficemente o clima lisboeta, que se tornaria menos seco e ventoso. As ventanias de norte e nordeste, que são as predominantes na meteorologia da capital, sofreriam uma enorme redução.”
(Mac-Bride, 1933)

Outro aspeto a contemplar é a incorporação de hortas urbanas no vale. Ao longo dos anos quem veio habitar o Alto da Eira foi-se aproveitando do terreno para a criação de hortas informais, tirando partido do Vale e do terreno livre. Seria desejável criar espaços hortícolas qualificados para proveito dos futuros habitantes do Vale de Santo António, podendo-se criar talhões destinados a Parques Hortícolas Municipais, englobando hortas recreativas (40m²), que funcionariam como uma atividade de lazer, ou hortas sociais (80 m²), cujo objetivo seria satisfazer parcialmente as necessidades alimentares do respetivo utilizador. (Direção Municipal de Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia)

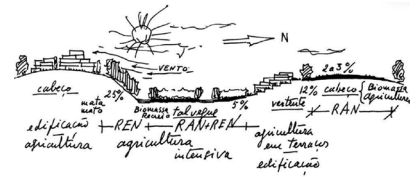
Com o crescimento dos núcleos Urbanos a produção agrícola, foi-se afastando cada vez mais das cidades, afastando-se consequentemente dos consumidores. É relevante repensar as cidades considerando uma ideia de simbiose entre o meio rural e urbano.



25. Estudos de paisagem, Gonçalo Ribeiro de Telles

“Ribeiro Telles afirma que é importante integrar os elementos rurais no planeamento da cidade e, em particular, no planeamento da cidade de Lisboa porque eles fazem parte da história da cidade. A valorização da ruralidade encontra por isso o seu fundamento na manutenção do espírito do lugar.”

(Xavier, 2007)



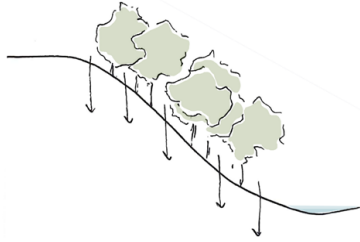
26. Estudos de paisagem, Gonçalo Ribeiro de Telles

Com este objetivo, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura propõe uma estratégia de criação de sistemas alimentares locais, mais perto dos consumidores, facilitando assim os fluxos alimentares. Desta forma é possível envolver serviços locais na produção alimentar, criando também oportunidades de emprego. (FAO, 2020)

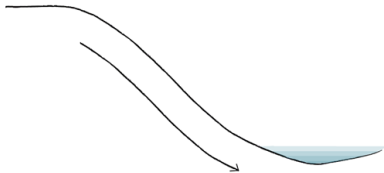
É necessário entender os diferentes contextos sociogeográficos, perceber quais são os desafios e oportunidades dos diferentes locais e tomar partido deles, integrando a produção alimentar na planificação urbana e territorial. A criação de cadeias de alimentos rurais-urbanas que permite uma integração da agricultura nos espaços urbanos tem consequências positivas, servindo para proteger e melhorar serviços do ecossistema e promover uma gestão saudável dos recursos naturais. Os serviços do ecossistema são particularmente relevantes num contexto urbano, porque além das vantagens já enumeradas, permitem a regulação de inundações, secas e degradação das terras, formação de solos e ciclos de nutrientes. (FAO, 2020)



Este tipo de estratégia para a integração de produção agrícola na cidade pode ser pensada à escala do Vale e à escala da cidade. Os Vales são áreas propícias para a produção agrícola, sendo possível tomar proveito da topografia e das zonas onde, devido à passagem das linhas de água, não é aconselhada a construção.

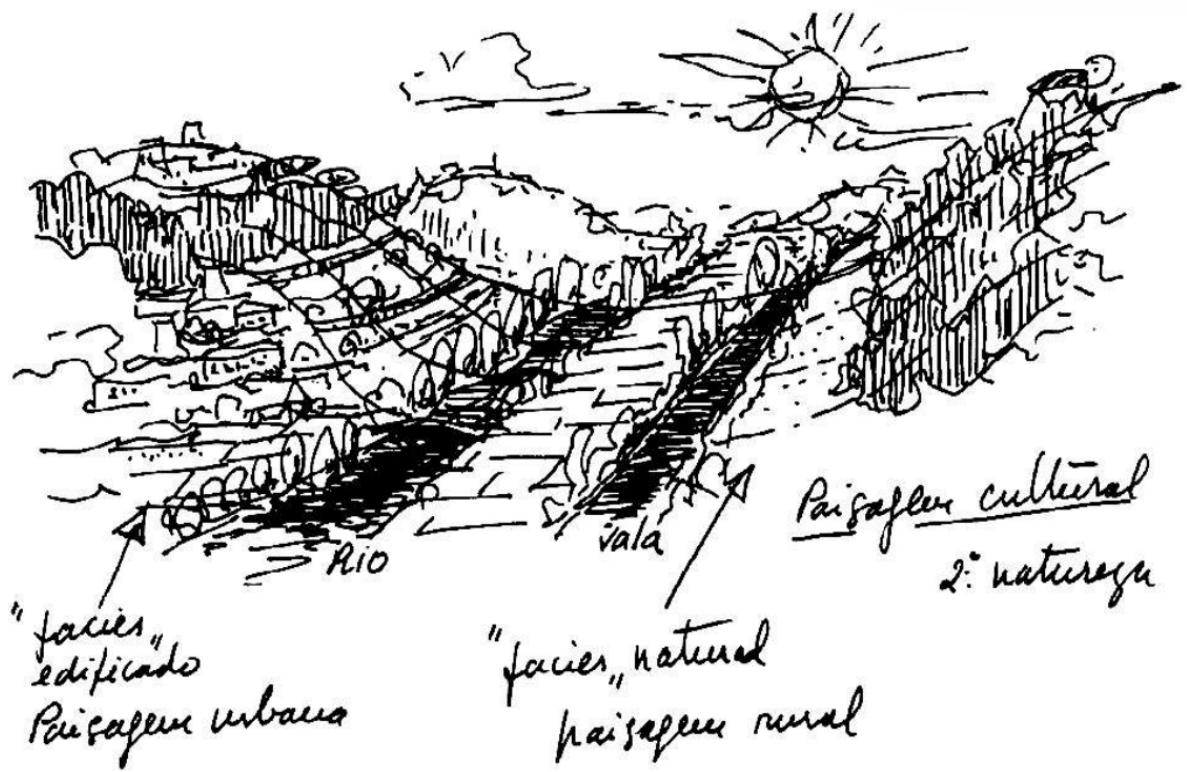


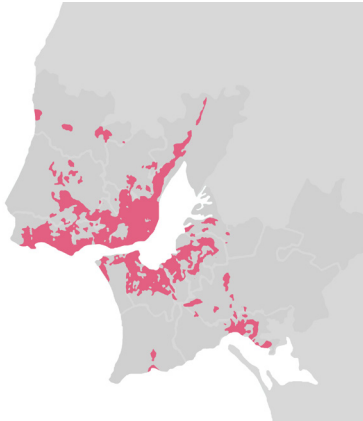
O espaço que está atualmente ao abandono pode vir novamente a albergar inúmeros tipos de espaços verdes com as mais diversas funções. Ao tirar partido da componente natural do Vale, é possível criar espaços de produção agrícola, zonas de pomares, uma área considerável de bosque produtivo, parques urbanos, e hortas urbanas, em articulação com a área construída. É importante criar espaços de lazer para os futuros habitantes do Vale, no entanto devem também ser equacionadas questões económicas, conjugando os espaços de lazer com áreas produtivas.



27 . Diagramas realizados segundo a análise de Gonçalo Ribeiro de Telles, no programa "As Cheias de 1967", em 1973

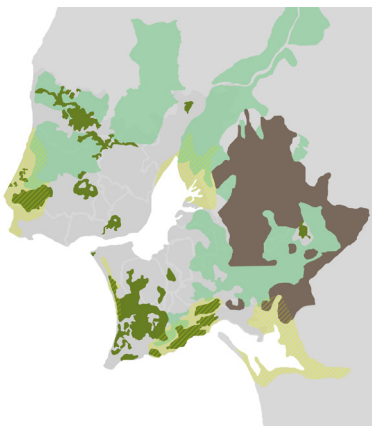
Uma das hipóteses a considerar é a criação de um bosque produtivo nas encostas, de forma a impedir um grande movimento de terras quando há grandes chuvadas e utilizar a zona de cota inferior para hortas, agricultura. O bosque seria uma zona permeável onde a água se infiltra, impediria a movimentação de terras em caso de precipitação abundante e os terrenos férteis a uma cota inferior seriam utilizados para cultivo.





29 . Diagrama das áreas Urbanas consolidadas na AML

■ Áreas urbanas consolidadas



30 . Diagrama das principais áreas Verdes na AML

■ Principais massas florestais

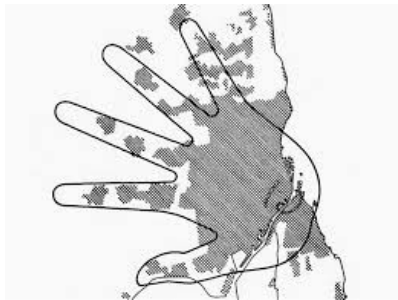
■ Zonas de Agricultura

■ Florestas de montado

■ Áreas protegidas

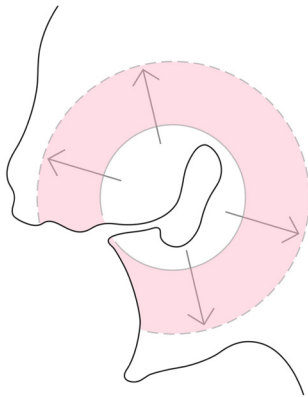
Ao não densificar em excesso os vales, mantêm-se áreas permeáveis, fundamentais para impedir desastres naturais como cheias. Se a mesma estratégia for utilizada nos restantes vales de Lisboa, permite-se a entrada dos espaços verdes na cidade com todos os benefícios associados. Ao permitir esta permeabilidade do verde na cidade é possível imaginar um crescimento urbano com uma estratégia semelhante ao “Five Fingers Plan” de Copenhaga, que se baseia numa ideia de “deixar que as funções de habitação e de serviços locais se desenvolvam ao longo de cinco dedos que se estendem a partir do centro da cidade, que constituiria a palma da mão. Os dedos expandir-se-iam ao longo de um novo sistema de metro que seria complementado por estradas ao longo das fronteiras dos cinco dedos. Os dedos seriam separados por espaços verdes que proporcionariam um acesso fácil à natureza e ao lazer para as pessoas que vivem ao longo dos dedos urbanos”².

A utilização dos vales da cidade de Lisboa para a criação de espaços verdes, é uma forma de tornar a cidade mais equilibrada, não densificando todas as áreas, de forma a criar zonas permeáveis ao longo das linhas de água, e permitindo que a cidade cresça para a periferia, sendo intercalada por espaços verdes melhorando a qualidade de vida dos habitantes, permitindo que haja contacto com a natureza, não só através de espaços de lazer, mas também de áreas florestais, que melhoram a qualidade de vida.

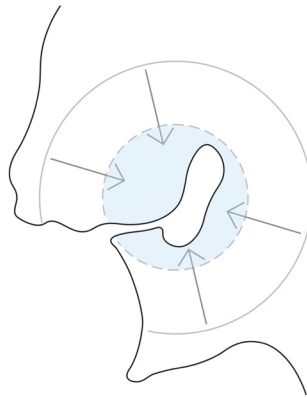


31 . Five Fingers Plan, 1947

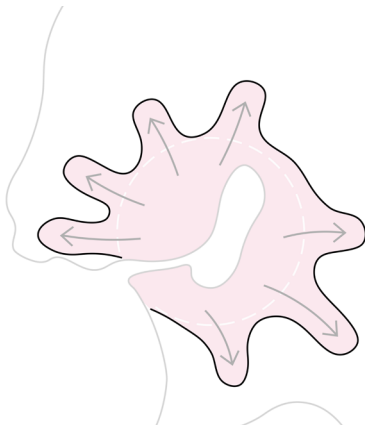
² “letting housing and local service functions develop along five fingers stretching out from the inner city, which would constitute the palm of the hand. The fingers would expand along a new subway system (the so-called S-train system) that would be supplemented by roads running along the borders of the five fingers. The fingers would be separated by green wedges that provided easy access to nature and recreation for those living along the urban fingers” Sørensen, E., & Torfing, J. (2019) pg. 226



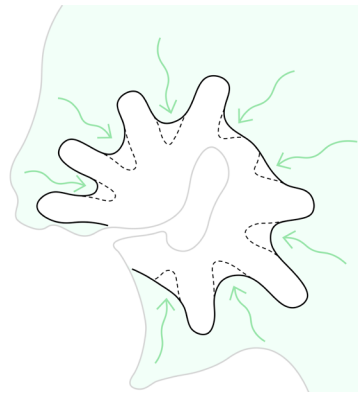
32 . Diagrama conceptual da expansão demográfica da AML



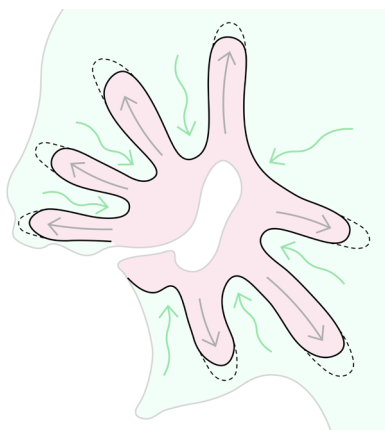
33 . Diagrama conceptual da mobilização dos habitantes da AML



34 . Diagramas conceptual da expansão da AML



35 . Diagramas conceptual da expansão da AML



36 . Diagramas conceptual da expansão da AML



37 . Diagramas dos "dedos de Lisboa"



03

RESIDÊNCIAS
ARTÍSTICAS

Residência Artística no Vale de Santo António

É inegável que, atualmente, a habitação a preços acessíveis é uma necessidade urgente na cidade de Lisboa, e as dificuldades que se vivem, principalmente para os mais jovens, são muitas vezes impeditivas para o seguimento de algum tipo de projeto de natureza artística. Este espaço pretende fornecer a jovens a oportunidade de seguir diversos tipos de projetos, fornecendo alojamento a um custo acessível e espaços de trabalho qualificados.

O projeto encaixa-se na definição de residência artística, uma vez que se trata de uma definição bastante ampla. O edifício e o seu programa são definidos também pelo plano urbano, pelo tipo de espaços que os quarteirões pensados para o Alto da Eira sugerem, e que tipo de espaços são relevantes numa zona com a densidade pensada para o Vale de Santo António.

A criação de residências para artistas é benéfica para as comunidades locais, sendo que existem muitas vezes espaços abertos ao público associados, como espaços de exposição e auditórios que proporcionam a realização de eventos, de que os habitantes possam disfrutar, e gera um maior dinamismo e interesse no local.

A residência pode abranger diversas áreas, englobando diversos meios artísticos, no entanto, pretende-se que a arquitetura do espaço não seja condicionadora deste tipo de decisões.

Pretende-se também dar ênfase à vida em comunidade. O objetivo do espaço não é constituir uma residência permanente, mas ser um local acessível a quem tem interesse, onde se pode criar um forte sentido de comunidade, através da partilha e interação em projetos de natureza artística.

Residência Artística

O espaço proposto é pensado para poder albergar residências artísticas.

Segundo o “Manual de procedimentos para residências de artistas”, da autoria do Grupo MAC e Grupo de Trabalho de Peritos em Residências de artistas dos estados-membros da UE, podem-se definir Residências de artistas da seguinte forma:

“Residências de artistas” é um conceito aberto e fluido... Tipicamente, as residências de artistas proporcionam alojamento, apoio e treino artístico, apoio à produção e/ou facilidades de apresentação. (...) As residências de artistas podem requerer um resultado palpável, como por exemplo uma produção artística, uma exposição, um projeto, um workshop, uma colaboração, ou simplesmente dispensar resultados pré-definidos”

(Comissão europeia, Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura, 2014)

Neste manual, documento cujo objetivo é “proporcionar uma análise do valor das residências de artistas e identificar exemplos de boas práticas”, são identificados os beneficiários de espaços de residências de artistas, os artistas, as organizações anfitriãs, os financiadores, a comunidade local e as cidades/regiões/nações que se envolvam em programas de residência.

Para o artista, as vantagens relacionam-se, naturalmente, com o seu desenvolvimento profissional, mas também económico, dado que as residências devem ser acessíveis e podem, por vezes, financiar os seus residentes. São, por norma, espaços que proporcionam interações interculturais, que permitem a criação de networking e dão uma maior visibilidade ao artista. A comunidade

local beneficia de programas públicos proporcionados pela residência, não só por poder usufruir de espaços comuns ligados á atividade artística, como também da organização de eventos, como, por exemplo, performances ou exposições. Um espaço de residência pode funcionar como um catalisador de atividades culturais, valorizando e dinamizando o local onde se insere. (Comissão europeia, Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura, 2014)

Beneficiários	Desenvolvimento artista/profissional	Desenvolvimento económico	Desenvolvimento cultural	Aprendizagem organizacional	Visibilidade
Artistas	Investimento criativo em inspiração/reflexão. Oportunidades de produzir e ver novos trabalhos e exposições	Subsídios, desenvolvimento de produto, novos fluxos/opportunidades de rendimento	Interação com outros artistas/comunidades. Desenvolvimento de ideias e conexões	Desenvolvimento de competências, gestão e <i>networking</i> .	Melhoria de CV e credenciais profissionais
Organizações anfitriãs	Credibilidade por via da interação com artistas	Geração de rendimento através de novas parcerias e/ou satisfação de necessidades dos financiadores. Mais conexões com populações e públicos locais, proporcionando relacionamentos de longo prazo e potencial geração de rendimento	Interação com artistas de outros países e culturas, além de interação com outras «culturas» na localidade – étnicas, setoriais, etc. Função importante na reciprocidade de trabalho internacional. Apoio à economia local	Desenvolvimento de aprendizagens, competências gerais e competências organizacionais/logísticas do pessoal	Desenvolvimento da visibilidade do centro junto de artistas, comunidades e governos. Potencial de imprensa e relações públicas e envolvimento com a agenda local, regional e nacional
Financiadores	Reembolso do financiador e promoção da agenda de desenvolvimento artístico; desenvolvimento de critérios e processos de seleção	Satisfação de missão e metas. Potencial alavancagem de financiamento de parcerias. Interação com outros financiadores e potenciais parceiros	Interação internacional, desenvolvimento de conhecimento de outros artistas e <i>culturas</i>	Oportunidades para desenvolvimento de capacidades do pessoal e consecução da missão e metas	Oportunidades para os financiadores divulgarem o seu trabalho e sucessos. Eventos para celebrar as colaborações
Comunidade Local	Melhoria da qualidade de vida dos habitantes/participantes locais. Proporciona ampliação de horizontes e inspiração aos participantes locais	Atração de novas oportunidades de financiamento; interação com as autoridades e empresas locais	Interação com artistas e redes de artistas. Igualmente, oportunidades para grupos especiais, tais como migrantes, idosos ou portadores de deficiência	Desenvolvimento de capacidades empreendedorísticas e especialização organizacional no sentido da criação de eventos locais	Oportunidades de eventos promocionais locais promovendo a comunidade e o aumento da autoestima e noção de pertença
Cidades/regiões e nações	Melhoria da noção de pertença e de região/nação criativa	Atração do turismo, em particular o turismo cultural. Vantagem competitiva nas estratégias de atração de investimento. Nas cidades, promoção de estratégias de regeneração local	Criação de compreensão intercultural e diversidade comunitária. Possível criação de laços com grupos da diáspora e migrantes. Aumento da consciencialização das diferentes culturas	Incentivo às políticas municipais/regionais a virarem-se para o exterior, aceitando a diferença e gerindo as agendas mais complexas	Oportunidades de eventos e promoções municipais/regionais/internacionais

38 . Benefícios de programas de residência de artistas, tabela retirada do “Manual de Procedimentos para residências de artistas”

A experiência de residir e produzir obras numa residência é diferenciada da experiência de o fazer num estúdio, os processos divergem devido ao espaço e tempo. Um estúdio é um espaço privado, que permite a introspeção, um local onde o artista se pode perder no tempo, enquanto a ideia de residência está agarrada à ideia de tempo e, por norma, também se relaciona fortemente com o local onde se encontra.

"It is the experience of time and of space that marks the difference between a residence and a studio, precisely because both are institutionalized here in a different way."

(Gielen, 2019)

A residência não é um espaço de introspeção da mesma forma de um estúdio; a estadia de um artista numa residência é, normalmente, definida por um intervalo de tempo específico, durante o qual ele deve, idealmente, ser capaz de produzir. Há residências que requerem um resultado pré-definido, existindo assim uma maior pressão relativa à produção, no entanto, as metas da estadia são mais comumente definidas pelo próprio residente.

A residência deve funcionar como um refúgio onde há tempo e espaço para a produção artística, aceitando que a produção artística não se deve confranger apenas a tempo produtivo, é também um local de aprendizagem, um espaço social, onde se deve permitir a não-productividade.

"If production and productivity are the main determining facts in the current artistic context, then how can a school become a place for reclaiming spaces of daydreaming and non-productivity? One could identify this as a form of escapism, a moment of silence or a pause. What we are trying to attain is a form of learning beyond the imposed politics of time and productivity."

(Batista, 2019)

Existem variadíssimos tipos de residências: temáticas, relacionadas com o artesanato local, ligadas a instituições, residências que interagem com a comunidade local, outras que têm como objetivo o isolamento e meditação por parte do artista. Os tempos de estadia são variados, podem ser definidos pela instituição ou ficar ao critério do artista, sendo que os tempos de estadia mais comuns são de 3 meses ou 6 semanas.

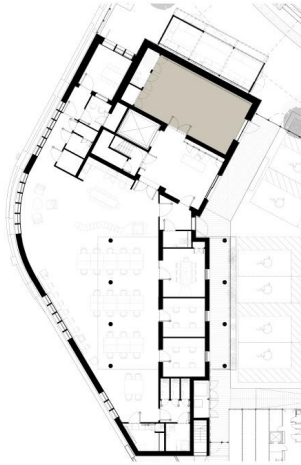
A plataforma internacional TransArtists, é atualmente a maior database sobre residências artísticas, onde é possível encontrar informações sobre residências a nível mundial. As residências devem, no entanto, responder aos seguintes critérios, para serem englobadas pela database: têm de constituir uma oportunidade profissional para os artistas residentes, não pretendem obter lucro a partir dos programas de residência, a estadia, se for paga, deve ter um preço razoável e aceitar residentes internacionais.

Ao habitar em residência artística, há um foco na vida comunitária, podendo assim optar-se por criar áreas de habitação mais reduzidas, compensadas por espaços comunitários mais generosos. Espaços como a sala e a cozinha, nos quais tradicionalmente se desenvolve a vida familiar, perdem a força no contexto de residência, em que a vida, não em família, mas em comunidade se desenvolve em torno dos espaços de trabalho, de convívio, áreas exteriores etc. Os espaços de habitação podem ser ou quartos individuais, com cozinhas e espaços de estar coletivos, ou apartamentos, individuais ou partilhados.

Os espaços de habitar, apesar de fundamentais, podem ser interpretados como espaços secundários que servem uma vivência em comunidade, constituída por indivíduos com objetivos semelhantes, que convergem no espaço de residência onde não só partilha de um espaço, mas também de ideias e experiências.

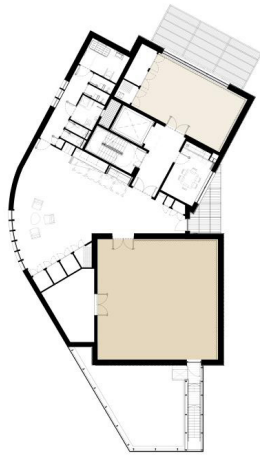
Dadas as muitas valências que as residências podem adotar, é importante a implementação de espaços versáteis que permitam a realização de diversas atividades, para os residentes e para a comunidade envolvente.

A análise de espaços de residência, ou com um programa semelhante, tanto do ponto de vista arquitetónico como do seu aproveitamento por parte da organização e dos residentes, oferece uma perspetiva das diferenças valências que os espaços projetados podem adquirir. São, ao longo do trabalho, referenciados casos de estudo, que serviram de inspiração para o projeto proposto.



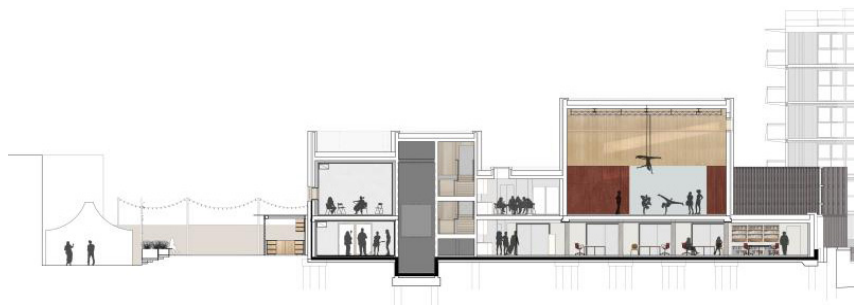
39 . Roundhouse Works, Fotografia de Fred Howard

40 . Roundhouse Works, piso térreo



41 . Roundhouse Works, Fotografia de Fred Howard

42 . Roundhouse Works, 1º piso



43 . Roundhouse Works, corte

ROUDHOUSE WORKS Reed Watts Architects, Paddy Dillon
Architect 2023

O edifício Roudhouse works é um espaço que se insere no roudhouse “arts venue”, que se destaca pelo seu papel na cena underground de Londres nas décadas de 60 e 70, e atualmente, também pelo seu apoio a jovens artistas e freelancers.

É possível frequentar livremente o espaço Roudhouse Works através de uma “adesão para residentes” (Resident membership), exclusivamente para jovens entre os 18 e os 30 anos. Quem decidir frequentar o espaço para desenvolver determinado projeto, beneficia de uma equipa de apoio, eventos que pretendem ajudar jovens a desenvolver uma network, workshops, palestras, aulas de yoga, entre outros.

O edifício engloba, no primeiro piso, um estúdio com grande pé-direito, pensado para artes preformativas, principalmente artistas de circo, salas acusticamente isoladas para músicos, salas de reunião, e um espaço exterior elevado de forma a não contactar diretamente com a frente de rua.

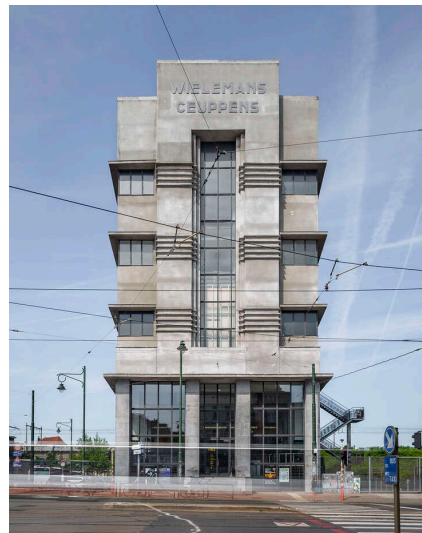


44 . Wiels, Summer Workshop and art danse, Fotografia de Raquel Echeverria



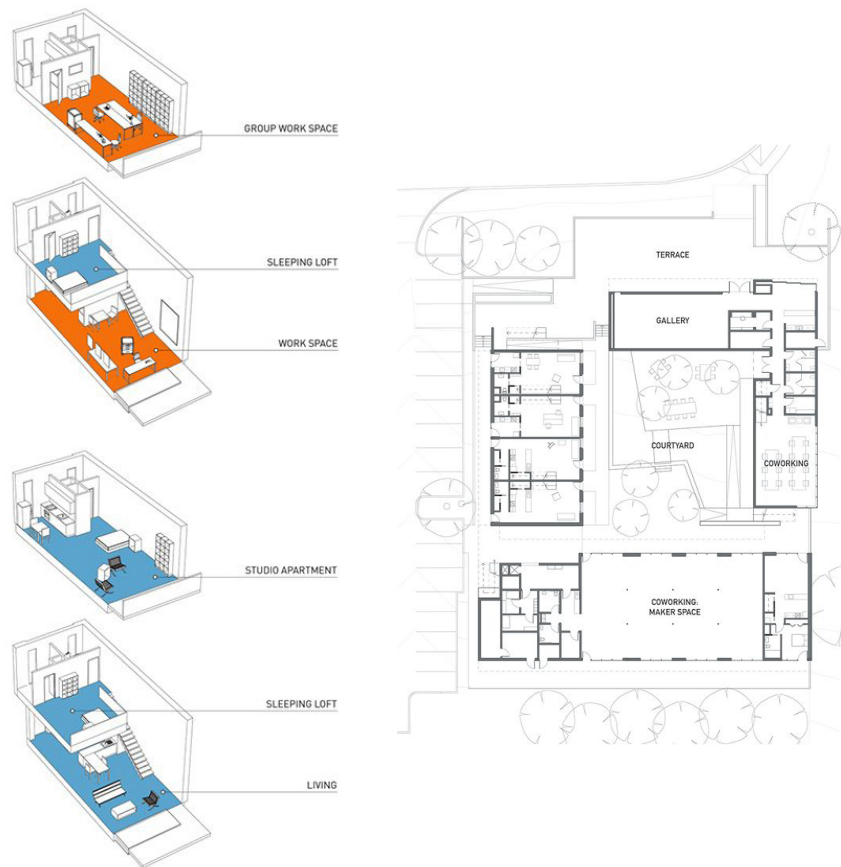
45 . WIELS residency, fachada atual, Fotografia de Andrea Anoni

46 . WIELS residency, 1930, Fotografia de Willy Kessels



WIELS RESIDENCY Adrien Blomme 1930

WIELS em Bruxelas é um centro de Arte contemporânea, instalado numa antiga fábrica de cerveja, onde, para além de um programa de residência, se organizam inúmeras outras atividades desde palestras, programas educativos, etc. Podem-se salientar iniciativas como jardins comunitários, com espaços hortícolas e colmeias mantidos pelos residentes, onde ocorrem visitas educacionais das escolas vizinhas. Existem diversas iniciativas e workshops como, por exemplo, o programa WE WIELS x Mindchangers, onde jovens que abandonam a escola, e idosos têm oportunidade de discutir diversas temáticas que posteriormente culminam em projetos de natureza artística, expostos num festival organizado pela WIELS. Existem também atividades dirigidas às crianças, como visitas guiadas às exposições para as famílias e workshops de verão para crianças.



47 . Crow Lane Creative Studios, Planta Geral

48 . Crow Lane Creative Studios, Diferentes configurações do espaço

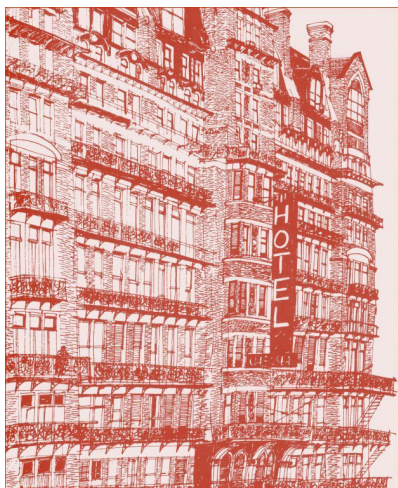


49 . Crow Lane Creative Studios, corte perspectivado

CROW LANE CREATIVE STUDIOS Pollen Architects

O projeto Crow Lane Creative Studios, em Austin, no Texas, não foi contruído, não sendo assim possível aferir a utilização dos espaços. É, no entanto, um projeto onde a ideia de espaços que se adaptam ao artista está muito presente e, por isso, considerado como objeto de estudo. Existe um pátio central em torno do qual se desenvolve o programa. O edifício é constituído por espaços de co-working e galeria. O pátio pode ser utilizado como espaço de convívio ou como um espaço de trabalho exterior. Os espaços individuais de trabalho podem ser adaptados pelos residentes, utilizando-os como espaços de trabalho, de habitar, ou ambos.

Comunidade Artística



50 . Postal da fachada Norte do Hotel Chelsea

A ideia de comunidade, formada por artistas e boémios, já vem de há muito tempo. Um dos exemplos mais icónicos é o Hotel Chelsea, que outrora funcionou como uma fábrica de cultura. Era já procurado no final da década de 60, por artistas aspirantes que queriam frequentar o Chelsea, pela memória de quem já o tinha frequentado, pelo gosto dos donos do hotel em receber artistas e também pelo preço acessível. Outros, como por exemplo, Arthur Milller mudaram-se para o Chelsea em busca da vivência quotidiana, sem formalidades. Até aos dias de hoje, conseguem-se encontrar versos de música escritos sobre o hotel Chelsea, que deixou de ser apenas um hotel e se tornou numa referência, quase num espaço mítico, para músicos, escritores e artistas em Nova Iorque. Devido aos preços baixos do hotel, para além de albergar jovens com ambição de serem artistas, atraía também hóspedes que contribuíam para um ambiente ocasionalmente perigoso que, se tornou também numa parte da experiência do Chelsea. Claramente o Hotel Chelsea, não era uma utopia, mas é fácil romantizar esta ideia de um espaço onde convergiram durante décadas algumas das mentes mais marcantes de várias gerações.



51 . Janis Joplin, no Hotel Chelsea

Um atelier pode ser muitas coisas, conter várias funções, é um local de criar e viver, pode funcionar como um refúgio criativo, pode ser um espaço social. Não é suposto a arquitetura tentar forçar um limite entre a arte e a vida, deve servir ambos.



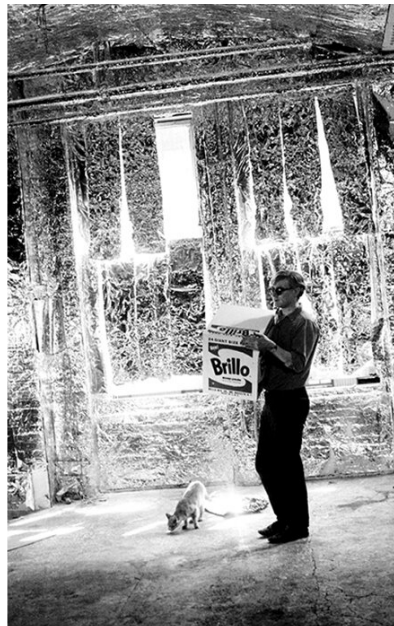
52 . Patti Smith no Hotel Chelsea

Podemos pensar no atelier de Andy Warhol, a Factory, como um atelier que ultrapassou a ideia de atelier. O espaço ocupado, uma antiga fábrica de chapéus, tornou-se num espaço de produção artística, de onde saíram as famosas obras de Warhol, mas era um espaço social, onde convergia um determinado grupo de pessoas, onde se realizavam festas, filmavam filmes, produziam esculturas, compunham músicas. Este ambiente foi fielmente retratado pelas fotografias de Billy Name.



53 . Andy Warhol Factory, 231 East 47th Street
Factory, Billy Name Estate

Tanto o Chelsea Hotel como a Factory de Andy Warhol são exemplos icônicos desta convergência de artistas, que pertencem a um universo Nova Iorque dos anos 60. É a ideia de um local onde há espaço e tempo para a arte e, principalmente, para quem a faz, que une estes exemplos ao projeto proposto.



54 . Andy Warhol, 1964, Billy Name Estate

55 . Andy Warhol, 1964, Billy Name Estate



03

UM VALE DE
QUARTEIRÕES

A proposta urbana pode-se definir em três temáticas, primeiramente a renaturalização do vale e a abordagem aos espaços verdes. Seguidamente a água, como a água influencia a paisagem e como é integrada no projeto. Por último, a estratégia ao nível do quarteirão e a sua adaptabilidade.

Urbanismo verde ao serviço das pessoas

A topografia é naturalmente um fator predominante, a passagem da linha de água define as áreas que podem ser edificadas e os espaços que devem impreterivelmente manter-se permeáveis.



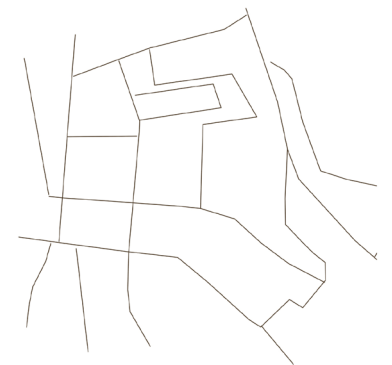
56. Ilustração da relação entre espaços verdes

Propõe-se criar espaços verdes em torno da linha de água, zonas hortícolas, zonas de bosque produtivo e de lazer. A interação de espaços verdes de diferentes géneses, misturando áreas de lazer com zonas produtivas permite um melhor aproveitamento dos espaços, deixando que uma área de parque urbano seja contagiada por fragmentos de bosque produtivo, pelos espaços de hortas, criando contacto passivo entre os utilizadores dos diversos espaços. Ao propor a criação de um parque agrícola junto a um parque urbano, a utilização de hortas torna-se mais atrativa, permite situações em que, por exemplo, uma criança tem um espaço para brincar livremente e os pais ou avós podem, se assim o entenderem, cuidar de um pequeno talhão.



57. Percursos pedonais

A zona da passagem da linha de água tornar-se-ia num coração verde do vale em torno do qual nasce o plano urbano. A principal linha de água, coincidente com a Avenida Mouzinho de Albuquerque, é acompanhada por um corredor verde que se estende até ao Tejo, a uma área destinada a equipamentos, permitindo que a cidade se estenda até ao rio, rompendo com a barreira criada pelas linhas de comboio e circulação rodoviária.



58. Percursos cicláveis



59 . Sistema Húmido de Lisboa Produtivo

Ao descer a avenida, ir-se-ia também ao encontro de um espaço de produção agrícola, juntamente com uma área de mercado.

A conexão da Avenida General Roçadas com o plano urbano proposto é feita através de melhores ligações pedonais, espaços verdes convidativos que levam ao coração do vale. O espaço verde, com os percursos e ciclovias adequadas, juntamente com melhores ligações rodoviárias, importantes para uma melhor qualidade de transportes públicos, atenuam a fracturação existente atualmente.



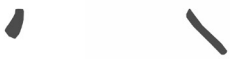
60 . Bosque

Com o intuito de vencer a topografia, no lado norte do alto da Eira utilizam-se diversos patamares conectados entre si, alguns de onde nascem edifícios, outros destinados a espaços públicos. Os patamares consistem alguns em espaços verdes, enquanto outras áreas são deixadas para zonas verdes, que “trepam” até ao topo do alto da Eira. No lado mais a sul, o bosque vai-se dissolvendo em direção ao interior dos quarteirões, abraçando a zona de cota mais elevada.



61 . Parques Urbanos e áreas ajardinadas

A vida em quarteirão é a ideia intrínseca associada ao plano urbano. Pretende-se projetar quarteirões conectados com a componente natural do vale, que permitam a entrada dos espaços verdes, não criando uma barreira entre os espaços naturais e os espaços edificados. Ao deixar que a natureza contagie os edifícios, modifica-se a vivência dos espaços públicos, o espaço urbano cresce em simbiose com o espaço natural, tornando-se indissociável dele.



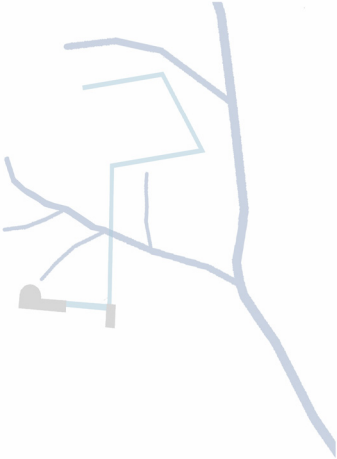
62 . Mercados



63 . Agricultura Urbana e Hortas comunitárias

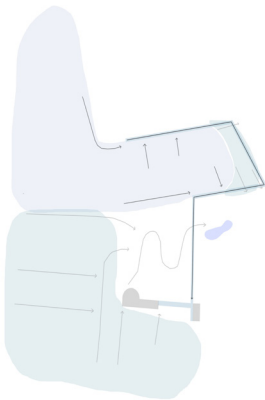


A água como componente da paisagem



65 . Linha de água e o gesto proposto

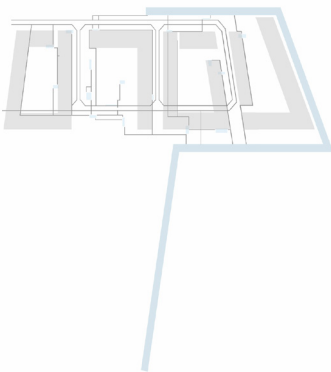
A água é um elemento intrínseco no projeto urbano, o respeito pela passagem das linhas de água resulta na criação de zonas de infiltração e a sua utilização para a criação de espaços verdes naturalmente prósperos. A topografia do vale dirige a água para o leito de cheia, para além da zona de infiltração da encosta. A utilização de uma bacia de retenção na zona de cota inferior do vale pode ser uma componente do percurso da água, que contribui para a prevenção de inundações urbanas.



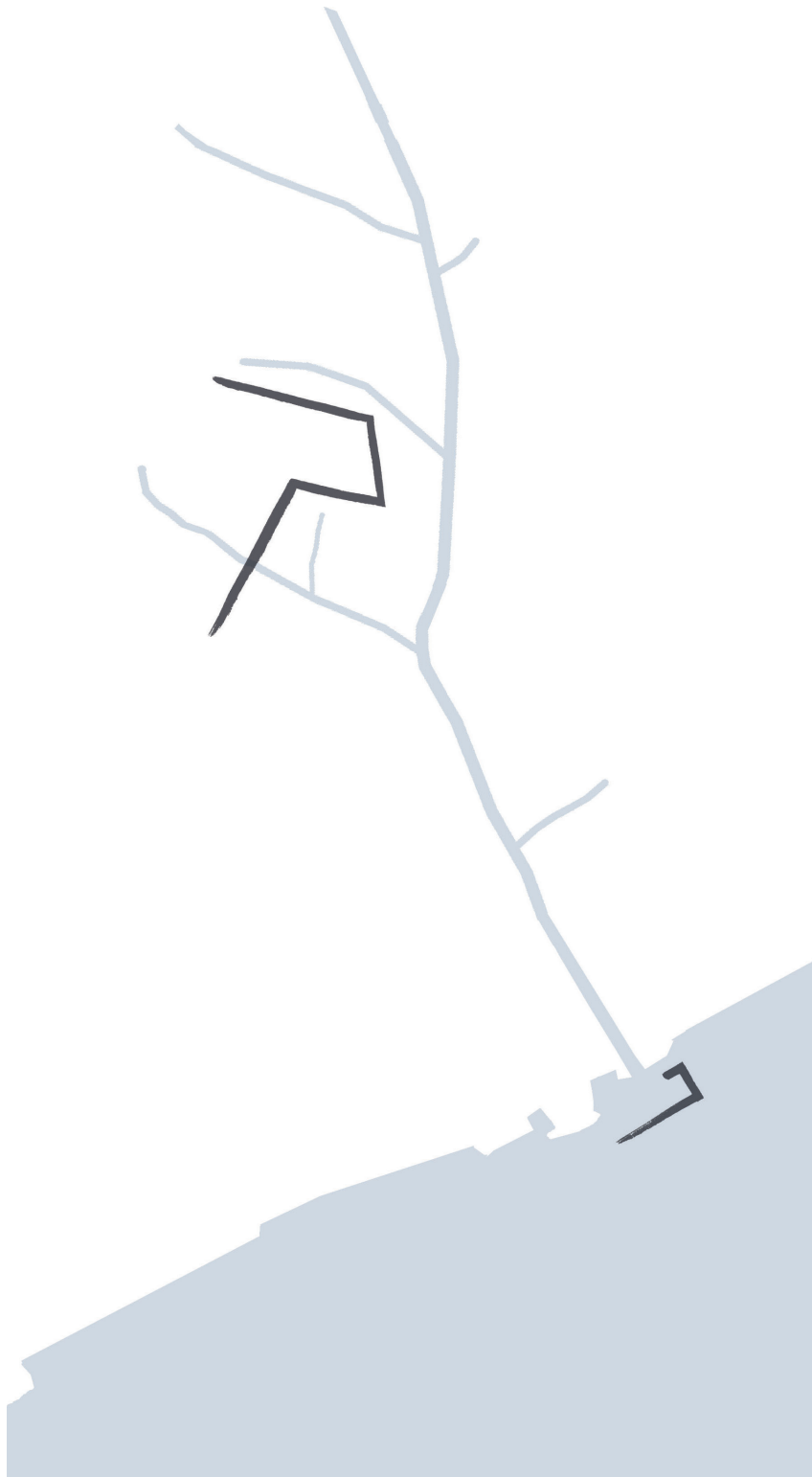
66 . Percurso da água no Vale

Propõe-se a criação de um segundo percurso da água, um percurso criado pelo Homem. Enquanto as linhas de água acompanham a topografia, o segundo caminho proposto desafia-a. É desenhado um gesto, um aqueduto que funciona também como percurso pedonal e ciclovia, que transporta águas pluviais captadas para uma estação de tratamento de águas, abaixo da Rua General Justiniano Padrel, contida pelo bosque.

Ao incorporar a água e tomar partido da sua influência na paisagem, abre-se as portas à sua presença como um elemento poético, tantas vezes retratado em pinturas, no cinema e utilizado de forma deleitosa em inúmeras obras arquitetónicas.



67 . Recolha de água, Alto da Eira



68 . Gestos de projeto relativos ao aproveitamento de água e á relação com o rio

"I always adhered to the idea that God is time, or at least that His spirit is. Perhaps this idea was even of my own manufacture, but now I don't remember. In any case, I always thought that if the Spirit of God moved upon the face of the water, the water was bound to reflect it. Hence my sentiment for water, for its folds, wrinkles, and ripples, and – as I am a Northerner – for its grayness. I simply think that water is the image of time, and every New Year's Eve, in somewhat pagan fashion, I try to find myself near water, preferably near a sea or an ocean, to watch the emergence of a new helping, a new cupful of time from it. I am not looking for a naked maiden riding on a shell; I am looking for either a cloud or the crest of a wave hitting the shore at midnight. That, to me, is time coming out of water, and I stare at the lace-like pattern it puts on the shore, not with a gypsy-like knowing, but with tenderness and with gratitude."

(Joseph Brodsky, 1992)



69 . Carlo Scarpa, Tomba Brion Fotografia de Gianni Berengo Gardin

O quarteirão como ecossistema



70 . Sistema verde quarteirão

A abordagem ao quarteirão é feita através da sua desconstrução, são criadas formas que crescem para um vazio interior, criando espaços mais densos, outras que crescem para cima, formando torres libertando área. A plasticidade dos quarteirões permite que se adaptem a diferentes locais e topografias, permitindo que se propaguem ao longo do Vale de Santo António, criando vazios e caminhos para a entrada de espaços verdes.

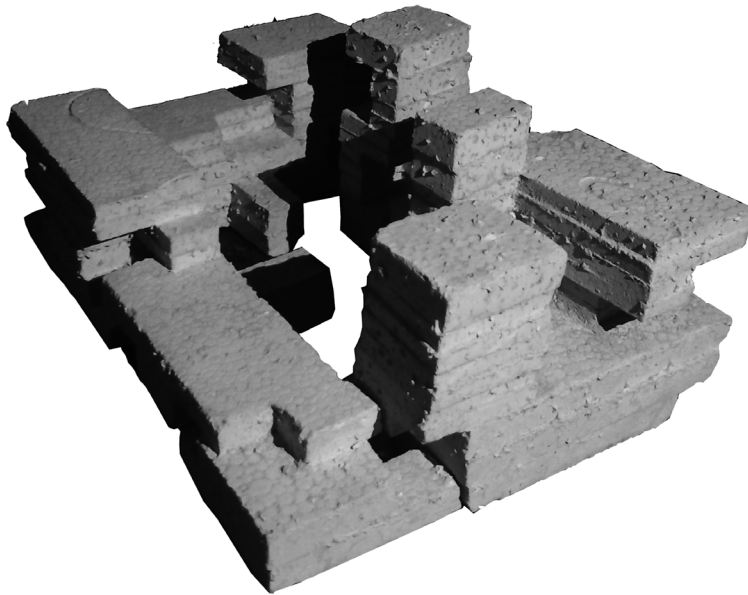
A junção de edifícios habitacionais, espaços de comércio, espaços públicos e o fácil acesso a áreas verdes cria uma vivência singular. Os espaços públicos qualificados fomentam a interação entre os habitantes que, podem-se restringir a “contactos passivos” (Gehl, 2017), podemos ver e ouvir os outros, criando a possibilidade de futuras interações mais significativas. Ao criar espaço para as interações quotidianas banais, este facilmente se adapta a atividades recreativas pontuais, tornando o espaço do quotidiano num ponto de convergência, pretextando uma maior interação humana. Esta abordagem ao espaço público deriva do pensamento exposto no livro “Vida entre edifícios” de Jan Gehl.



71 . Sistema verde de água no quarteirão

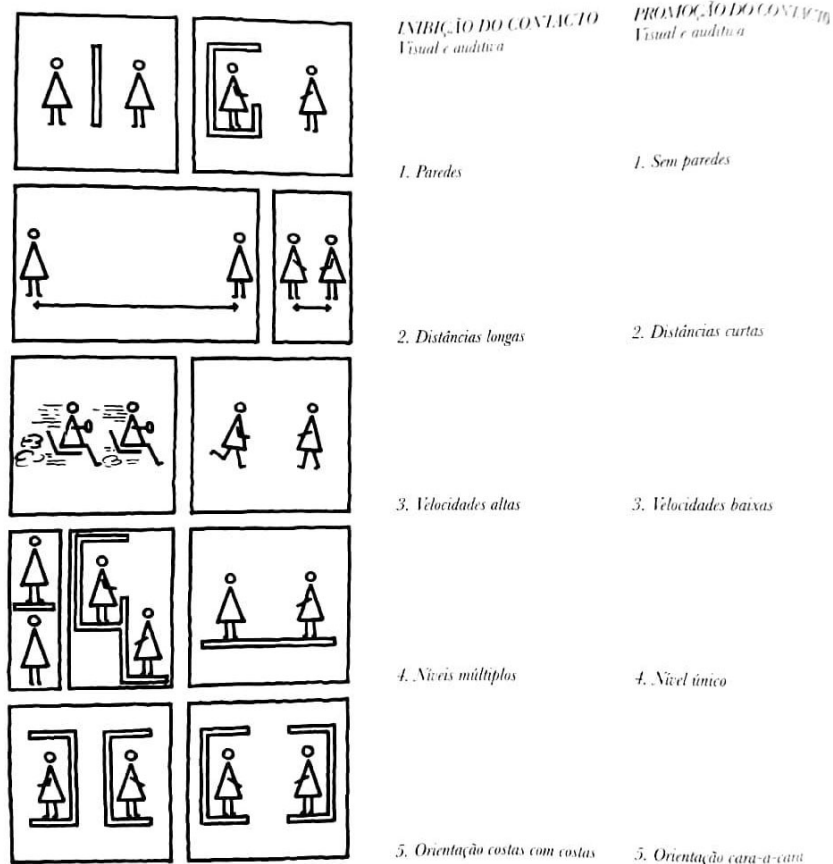
O quarteirão é abordado como um ecossistema para a vida Urbana. A morfologia do quarteirão, permite que diversos espaços sejam habitados, criando determinadas interações passivas que marcam a sua vivência, não somente as interações humanas, também a forma como se interage com o edifício e a natureza.

Os espaços públicos derivam dos edifícios condicionando a interação com eles. Criam-se espaços de permanência cobertos permitindo um convívio abrigado da chuva, zonas de praça onde as crianças podem brincar, jardins que permitem um momento de contemplação a olhar para o rio, tudo dentro do perímetro do quarteirão, contidos num ambiente citadino familiar. O quarteirão cresce para o seu interior, convidando-nos a entrar no espaço edificado como uma extensão do espaço público.



72 . Maquetes de estudo da morfologia dos quarteirões, realizada no 1º semestre

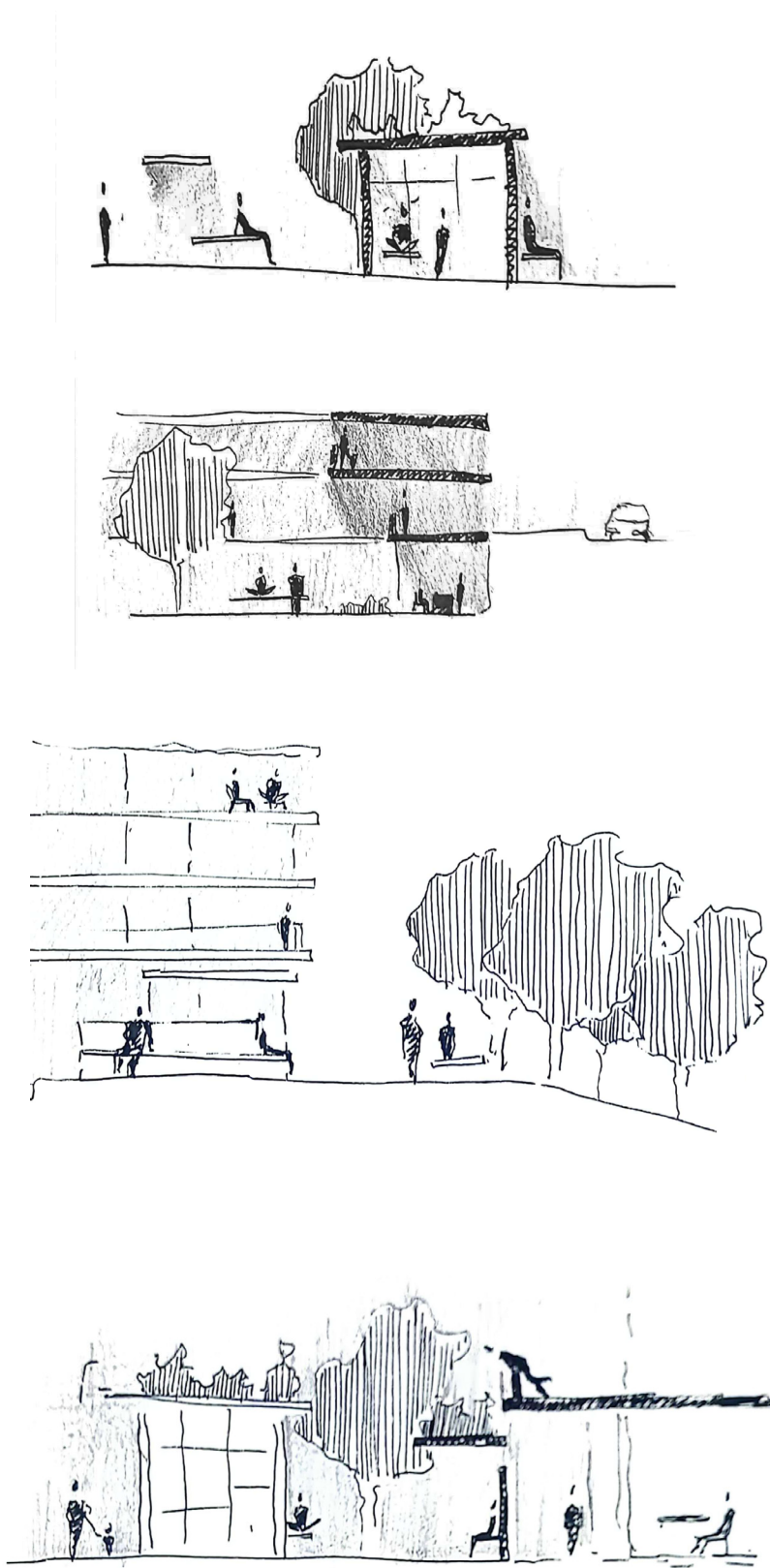
73 . Maquetes de estudo da morfologia dos quarteirões, realizada no 1º semestre



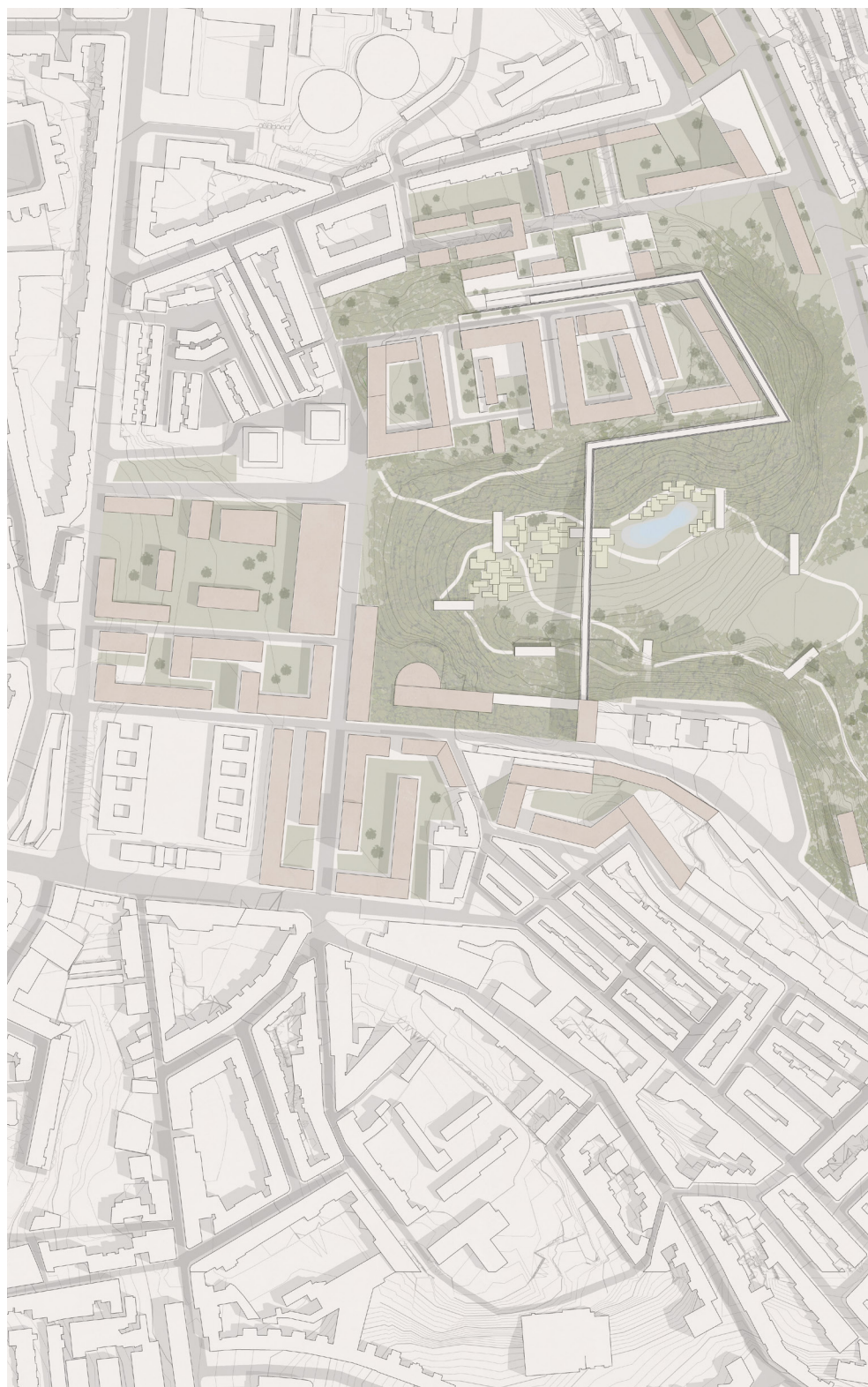
74. Representação gráfica de como os arranjos físicos podem promover ou inibir os contactos visuais e auditivos, retirada do livro "A vida entre edifícios" de Jan Gehl

75. Representação gráfica da relação entre a qualidade dos espaços exteriores e o grau de ocorrência de atividades exteriores, Tabela retirada do livro "A vida entre edifícios" de Jan Gehl

	Qualidade do ambiente físico	
	Má	Boa
Actividades necessárias	●	●
Actividades opcionais	●	●
Actividades "resultantes" (actividades sociais)	●	●



76 . Ilustração dos contactos ativos e passivos no interior dos quarteirões





77 . Planta geral do plano urbano proposto para o Vale de Santo António (sem escala)



04

UM QUARTEIRÃO
PARA A
CULTURA

A residência

O quarteirão trabalhado consiste primariamente num edifício em “L”, de onde nascem outros espaços edificados e uma vivência entre eles. O quarteirão é desconstruído, abrindo-se para o vale e para os espaços naturais em seu redor. O espaço de residência é definido essencialmente por zonas de habitação, espaços sociais e espaços de trabalho. Pretende-se conseguir conjugar harmoniosamente os diferentes espaços, otimizando a vivência do que deve ser uma residência artística.

Habitar

Ao optar por criar espaços de habitação mais convencionais, pretende-se que a residência seja adequada para um maior número de residentes. Os fogos podem servir tanto uma mãe ou pai solteiro, alguém que prefira viver sozinho, ou quem opte por uma experiência de co-living.

As tipologias existentes no edifício são T0, T2 e T3. O edifício tem um grande foco na vida em comunidade, sendo que as áreas reduzidas das zonas privativas são compensadas por áreas comuns amplas, espalhadas pelo edifício. Há, no entanto, uma tipologia que se afasta desta lógica, os T1 em duplex, cujo piso superior consiste num atelier privativo. Apesar de os habitantes poderem disfrutar dos mesmos espaços comuns e instalações, são tipologias que proporcionam uma vivência diferente da de residência, sendo mais semelhantes à de um estúdio. São tipologias para quem decida participar num programa de residência, mas prefira optar por um espaço mais privado, ou possivelmente para artistas que decidam fazer deste espaço a sua habitação permanente.



78 . Habitação, fotomontagem do autor

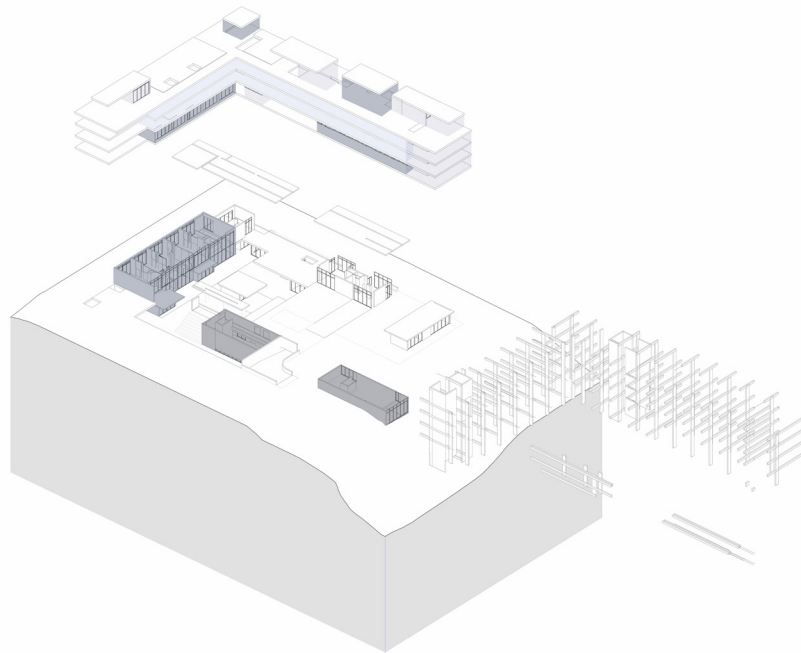
Os fogos são interrompidos por áreas comuns com espaços de lavandaria, estendal, ou simplesmente espaços de estar. A galeria é abordada não apenas como um espaço de circulação, é também um espaço de encontro e de convívio, entre o espaço privado dos residentes e o exterior.



79 . Ilustração da vivência da galeria, do autor

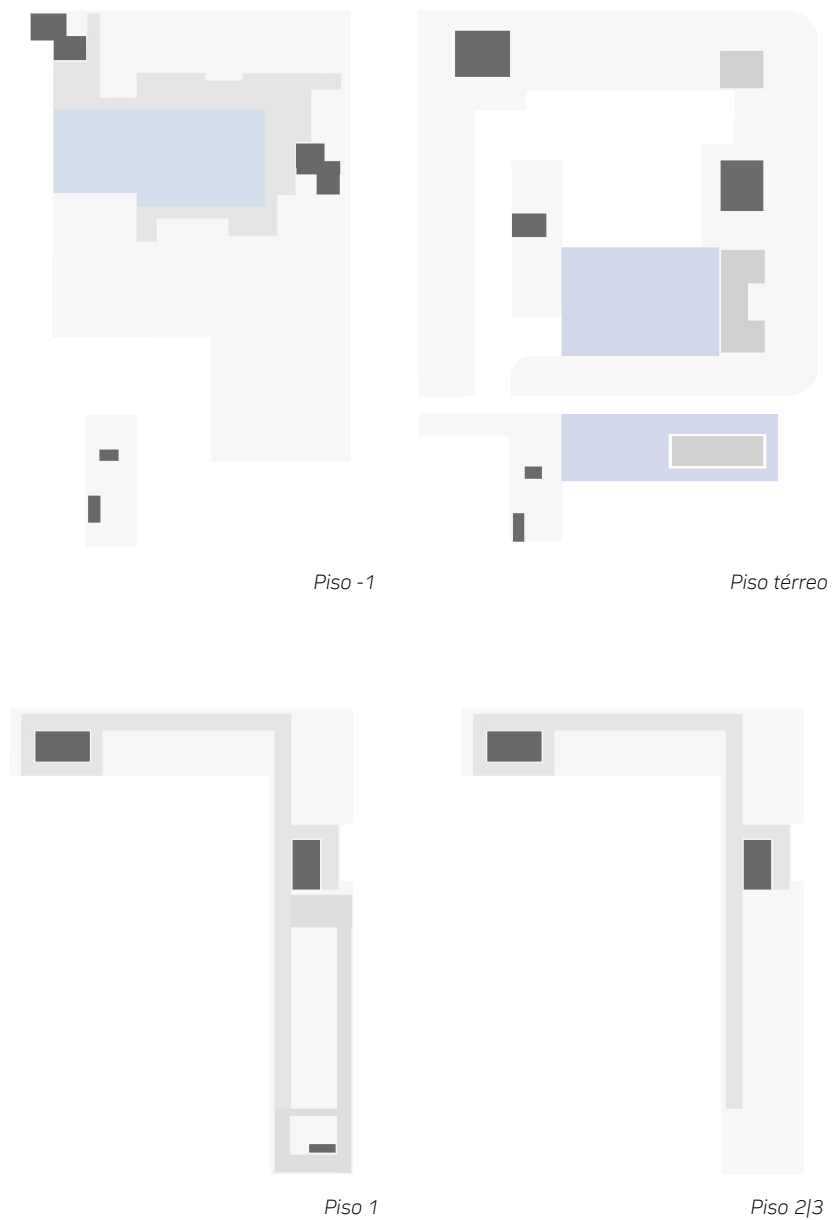





80 . Pespertiva da galeria, do autor



- Espaços de exposição*
- Espaços de trabalho*
- Habitações*
- Espaços Comunitários*

81 . Axonometria explodida do edifício

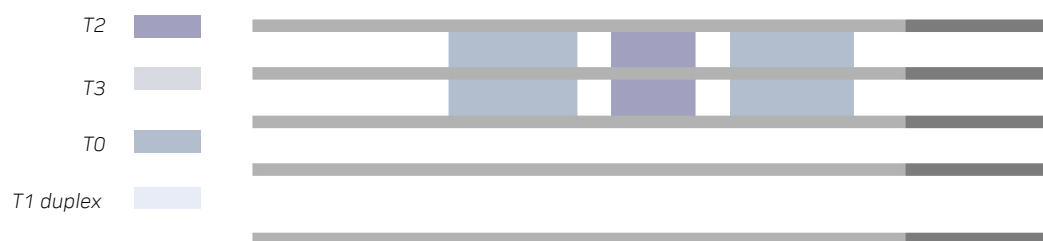


-  Circulação
-  Comunicações verticais
-  Praças/ áreas pavimentadas

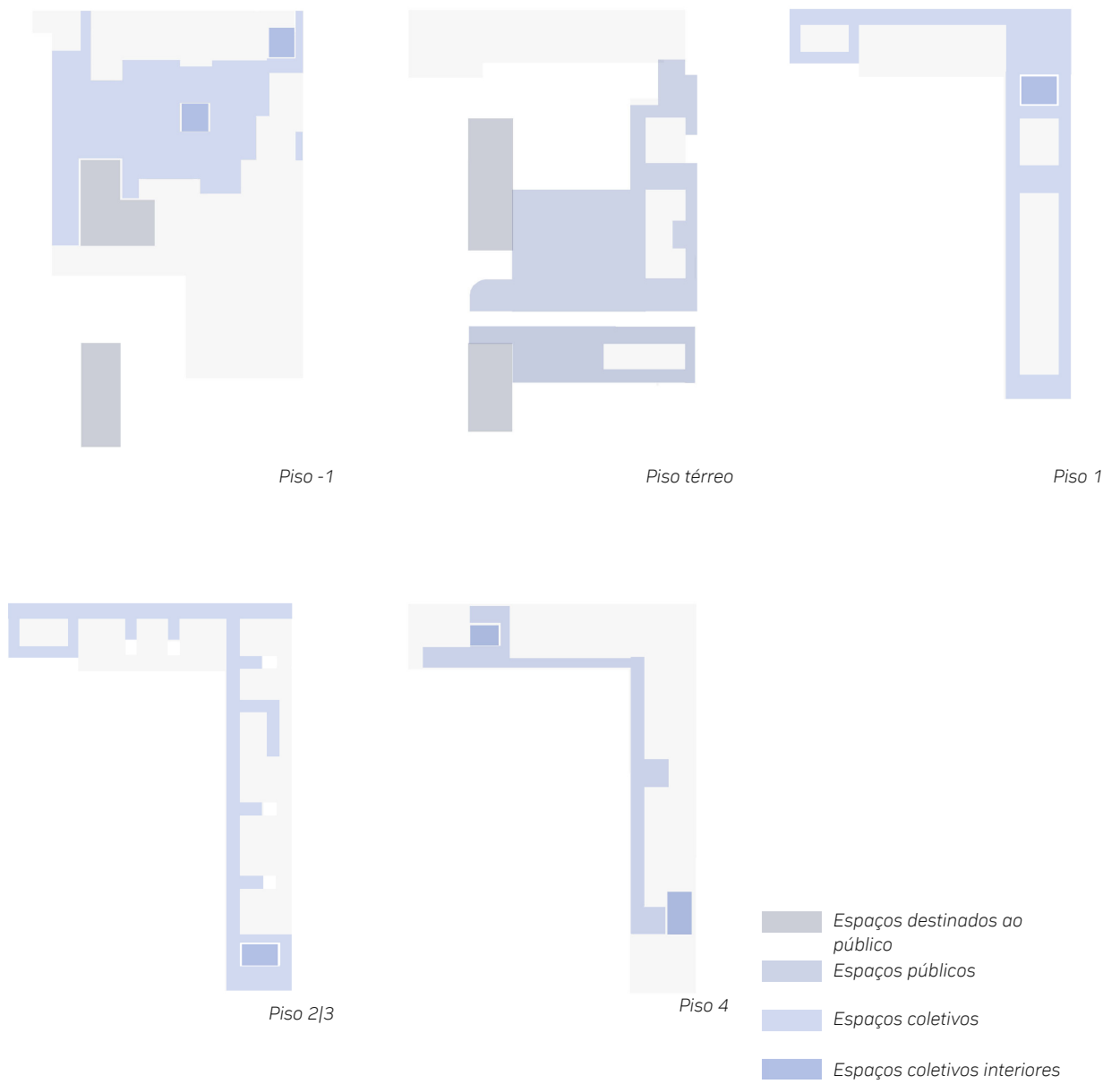
82 . Diagrama dos espaços de circulação



Alçado Oeste



Alçado Sul



Criar

Os espaços de ateliers encontram-se nos pisos inferiores, facilmente acessíveis, mas separados do espaço de habitar pela diferença de cotas. Os espaços de criação artística são abordados como grandes vazios que se adaptam aos seus utilizadores.

“O objetivo da arquitetura é emoldurar, estruturar e dar sentido ao nosso ser no mundo.”

(Pallasmaa, 2017)

Os espaços de criação são pensados partindo do princípio de que residências artísticas incluem espaços que podem abranger variadíssimas áreas, e de que a arquitetura deve restringir o mínimo possível o tipo de atividades que o espaço pode albergar. Pretendem-se criar espaços que abranjam o maior tipo de projetos possíveis.

Os espaços de trabalho estão organizados de diversas formas, desde salas fechadas com acessos separados, que podem ser utilizadas por quem deseja ter mais privacidade enquanto trabalha, ou, por exemplo, para um projeto musical ou de teatro, que precise de estar isolado por motivos de acústica. Os restantes espaços consistem em espaços de trabalho interligados que se podem abrir entre si criando grandes espaços amplos, ou ser separados consoante a vontade dos seus utilizadores. Nestes espaços, as zonas de pé-direito duplo podem servir projetos de escultura, que necessitem de uma maior altura.

O espaço de residência é complementado por espaços públicos, espaços de que os habitantes podem disfrutar, complementando a vivência do quarteirão e entre quarteirões. Tendo isto em conta, o programa do edifício estaria subdividido, formando espaços



85 . Espaços de trabalho, fotomontagem do autor

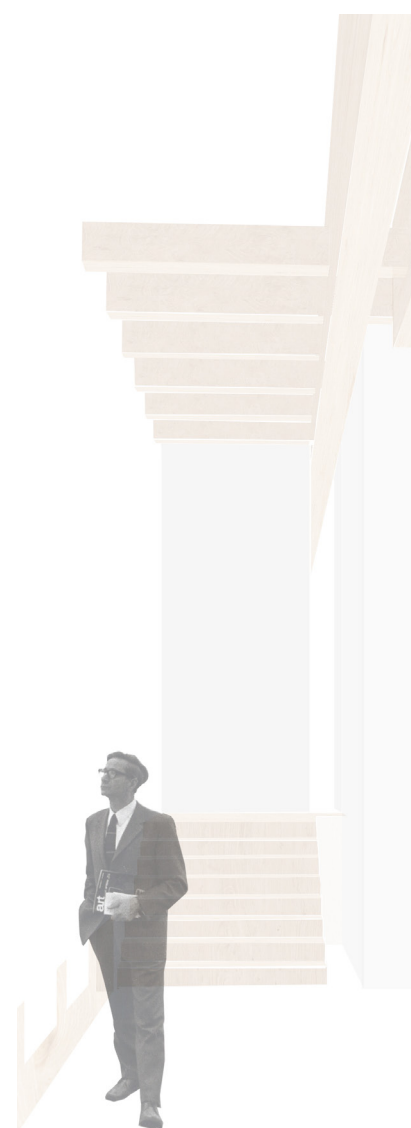
públicos adjacentes aos diferentes volumes de edificado, criando a oportunidade de deambular entre eles e vivenciando o "espaço entre edifícios" (Gehl, 1971). Os espaços proporcionados pela residência, tal como os espaços públicos formados pelo quarteirão, podem ser apropriados de diversas formas, podem ser espaços do cotidiano ou servir de palco para atividades esporádicas, como workshops, apresentações, concertos etc. A criação de espaços destinados a visitantes é fundamental, não só para abrir o que, provavelmente se tornaria uma pequena comunidade artística, para a comunidade envolvente, mas também como forma de poder partilhar e publicitar o trabalho dos artistas residentes.

Os espaços de exposição funcionam como um gesto interrompido que começa junto aos ateliers no piso inferior e se estende até ao vale, criando dois momentos completamente separados, com a mesma linguagem que expressa subtilmente a sua relação. É comum os espaços de galeria pretenderem desligar o seu utilizador do mundo exterior, nos espaços propostos pretende-se deixar entrar apenas um elemento: a natureza.

"A gallery is constructed along rows as rigorous as those for building a medieval church. The outside world must not come in, so windows are usually sealed off. Walls are painted white. The ceiling becomes the source of light. The wooden floor is polished so that you click along clinically, or carpeted so that you pad soundlessly, resting the feet while the eyes have at the wall. The art is free, as the saying used to go, "to take on its own life". "

"The space offers the thought that while eyes and minds are welcome. Space occupying bodies, are not."

(O'Doherty, 1986)



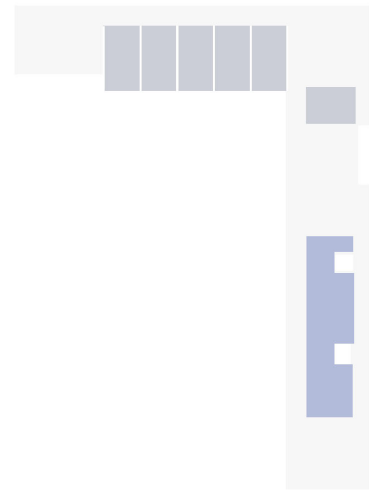
86 . Espaços de Exposição, fotomontagem do autor

Distribuídos pelos pisos -1, 0 e 1 existem cerca de 1200 m² destinados a espaços de trabalho. Na cota inferior, em torno do pátio, existem 5 áreas de trabalho com dois pisos, 3 delas com zonas de pé-direito duplo. No total são 370 m² no piso inferior e 250 m² no piso superior. Existem mais dois espaços no piso inferior, um com 95 m², outro com 70 m².

No piso 1 existem 5 espaços interligados entre si, com 204 m² no total. Existem mais 5 salas separadas com aproximadamente 54 m² cada.



Piso -1

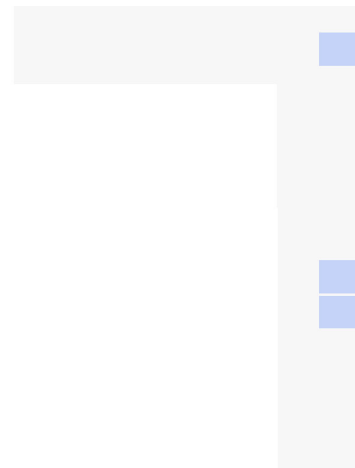


Piso Térreo

- Espaços de ateliers flexíveis, com zonas de pé-direito duplo
- Espaços de ateliers flexíveis
- Espaços de ateliers fixos
- Ateliers associados a habitação



Piso 1



Piso 4

O Pátio

*“Pelos dias quadrados corre a brisa
Que nos seus corredores nunca se engana.”*

“Pátios”, Sophia de Mello Breyner Andersen

Desde a domus romana aos claustros dos conventos, até interpretações mais recentes desta tipologia de espaço, o pátio é um elemento intemporal e adaptável. Pode ser um espaço sobre o qual o edifício se fecha, um espaço que se estende convidando-nos a entrar num determinado edificado, um elemento que permite a entrada do mundo exterior num determinado espaço ou um elemento que nos permite escondermo-nos dele. No projeto proposto, a ideia de pátio, como um refúgio apresenta-se como um espaço rebaixado face a uma componente mais pública do quarteirão.

Os espaços de trabalho abrem-se para o pátio, permitindo que os residentes mantenham contacto com o mundo exterior, mesmo estando separados dele por diferentes cotas. É criada uma distinção entre o mundo exterior e o mundo interior da residência. Os residentes podem transitar entre esses dois mundos ou esconderem-se ignorando o exterior. O espaço de exposição proposto faz essa transição, ao deambular pelo espaço público deparamo-nos com os espaços de atelier, mas não estão ao nosso alcance, é o espaço de exposição principal que funciona como portal, permitindo-nos entrar, não só num espaço onde se expõe arte, mas num espaço onde se cria arte.



88 . Fluxo do espaço público



89 . Fluxo do espaço coletivo (Pátio)

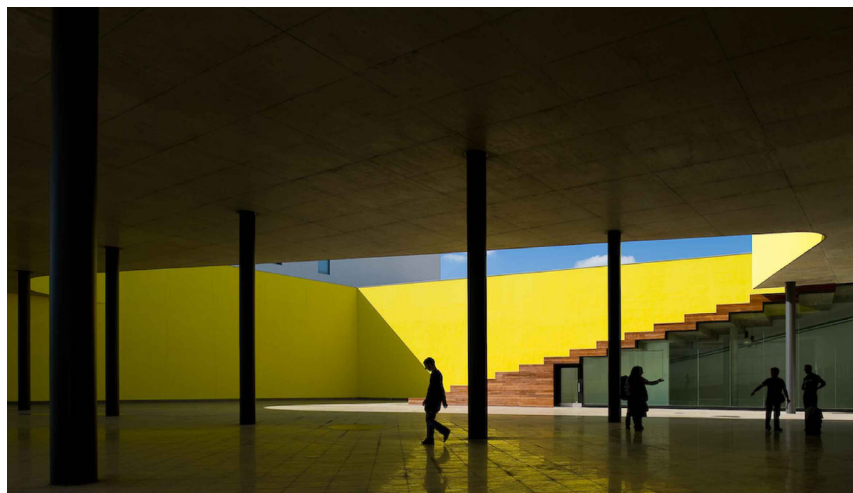
90 . *Escola Superior da Música, Fotografia do autor*



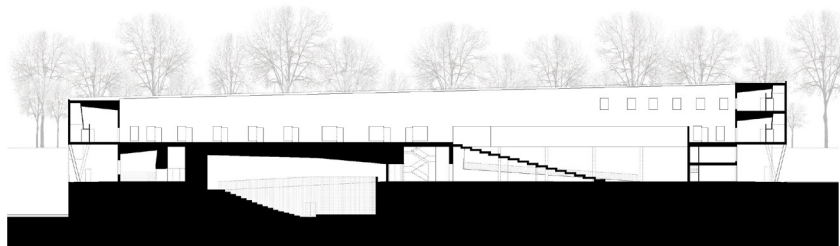
91 . *Escola Superior da Música, Fotografia do autor*



92 . *Escola Superior da Música, Fotografia de fg+sg - fotografia de arquitectura*

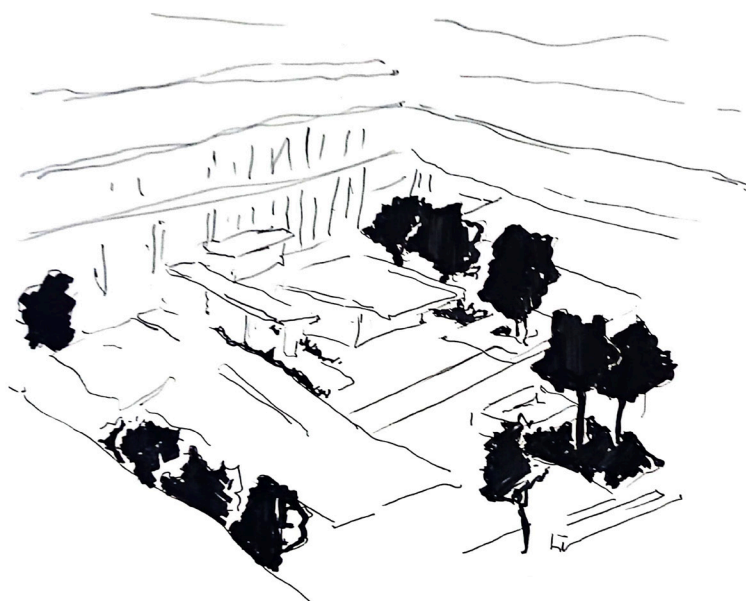
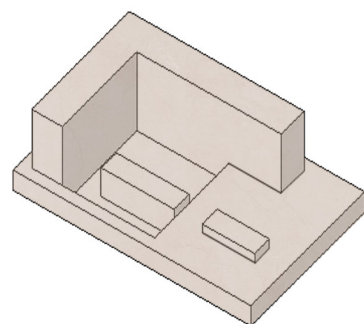
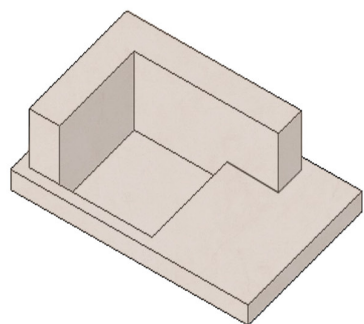
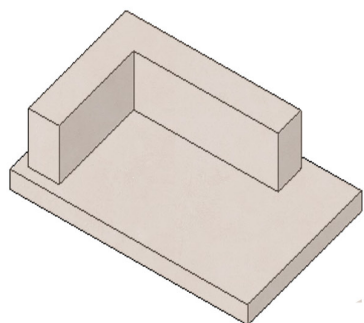


93 . *Escola Superior da Música, Corte longitudinal do edifício*



ESCOLA SUPERIOR DA MÚSICA Carrilho da Graça
arquitetos 2008

A Escola Superior da música em Benfica, Lisboa é um edifício que vive para o seu interior, focando-se na vivência proporcionada pelos pátios. Os dois pátios em diferentes cotas são marcados por uma espiral que acompanha o edifício e marca os espaços. Existe um primeiro pátio social, a uma cota inferior, e um segundo pátio elevado para onde se abrem salas de aula. É de salientar a relação entre os pátios, o pátio superior, apesar de percecionado a uma cota inferior, mantém-se escondido, e à medida que vamos subindo as escadas da zona de auditório exterior entre os pátios, vamos descobrindo um segundo espaço exterior que nos transporta para fora da cidade, e proporciona um momento de plenitude.



94 . Perspetiva do pátio/ espaço coletivo exterior

95 . Axonometria da morfologia do edifício

A Metamorfose

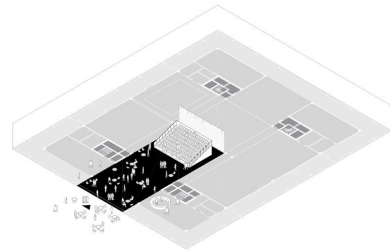
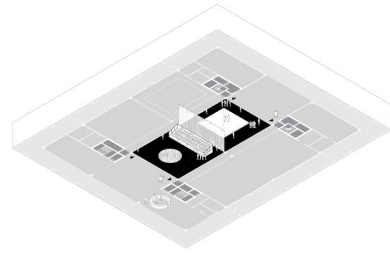
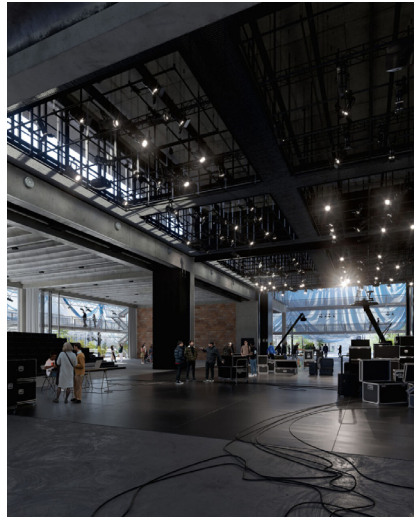
A adaptabilidade e flexibilidade são ideias presentes nos espaços projetados, desde os fogos às zonas de ateliers.

Os espaços de ateliers, como previamente mencionados, são flexíveis, adaptam-se aos projetos, mas, são também adaptáveis a outros propósitos consoante a vontade dos seus utilizadores. Os espaços de exposição podem ser utilizados para apresentações e outros eventos.

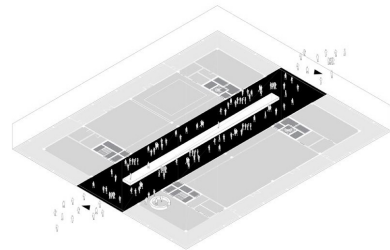
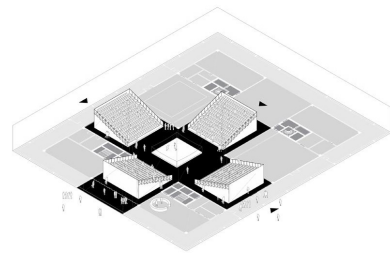
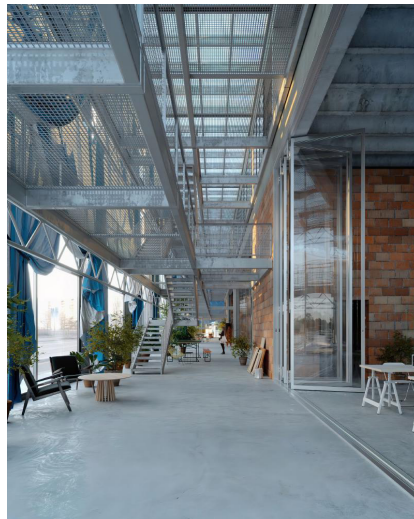
A questão do futuro do edifício foi ponderada, os espaços de ateliers podem facilmente transformar-se em salas de estudo e o edifício transforma-se numa residência de estudantes. Os fogos, dado o projeto proposto se basear mais numa vivência comunitária, têm áreas reduzidas, no entanto, adaptam-se a quem os habita. Tanto os T2 como os T3 têm a possibilidade de “perder” um quarto para conseguir áreas mais generosas. Enquanto o edifício funciona como residência artística, um residente que pretenda ficar um tempo menor, pode habitar um quarto com área mais reduzida.

O edifício pode ser adaptado para habitação convencional, sendo que o quarto “extra” pode ser utilizado como espaço de escritório, uma área para as crianças brincarem, sala de jantar, um quarto para um hóspede temporário, um canto de leitura, ou ser simplesmente uma extensão da divisão. Os duplexes, com áreas mais generosas, podem ser transformados em T2, aproveitando o segundo piso para um novo quarto.

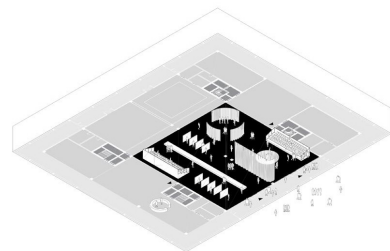
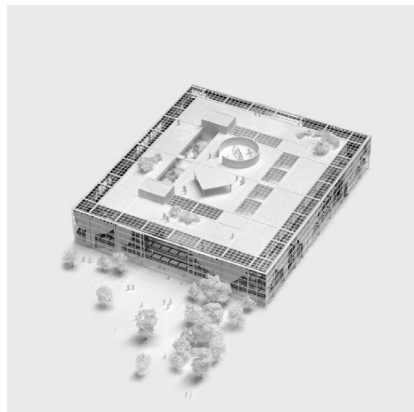
96. Ateliers Médicis, axonometrias relativas á flexibilidade dos espaços, Muoto Architectes



97. Ateliers Médicis, Fotografia de Olivier Campagne



98. Ateliers Médicis, Fotografia de Olivier Campagne



99. Ateliers Médicis, maquete do edifício, Muoto Architectes

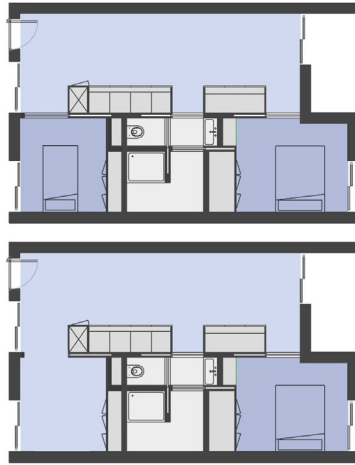
ATELIERS MÉDICIS Studio Muoto, Titan Architectes 2022

Os ateliers Médicis, localizam-se nos subúrbios de Paris, em Clichy-Montfermeil. O edifício é constituído por espaços de workshops de artistas, exposições, espaços para performances e espaços de ensaio. Não existe uma separação entre os espaços de exposição e performance, dos espaços de trabalho, existe um grande auditório central que se abre para os espaços em redor permitindo cerca de uma dúzia de configurações diferentes. O espaço é extremamente flexível, permitindo, que o mesmo espaço físico sirva várias funções, e se possa adaptar ao número de pessoas que o frequentam.

Os fogos apresentam áreas reduzidas dado que se trata de residência temporária. Os t2 e t3 da residência tornam-se viáveis como residência permanente, aproveitando um dos quartos com uma diferente funcionalidade.

As casas de banho, pensadas para situações de co-living são parceladas permitindo simultaneamente mais que um utilizador.

- Quartos
- Zonas comuns
- Atelier
- Casas de banho
- Arrumação/ Módulos de cozinha



T2 | T1



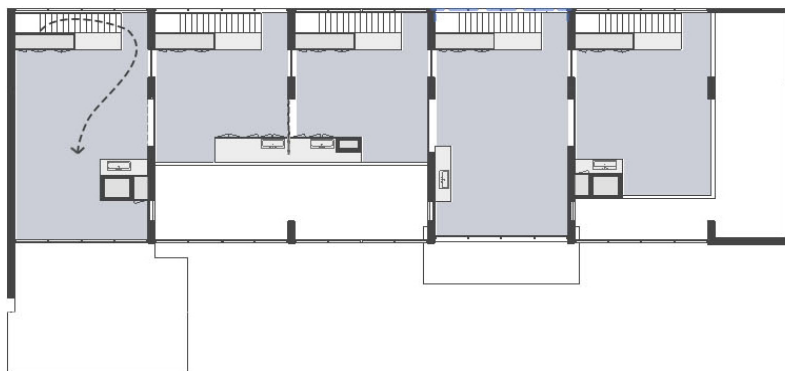
T3 | T2



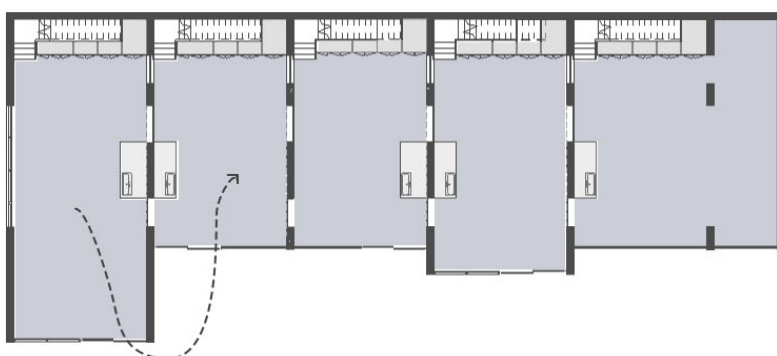
T0



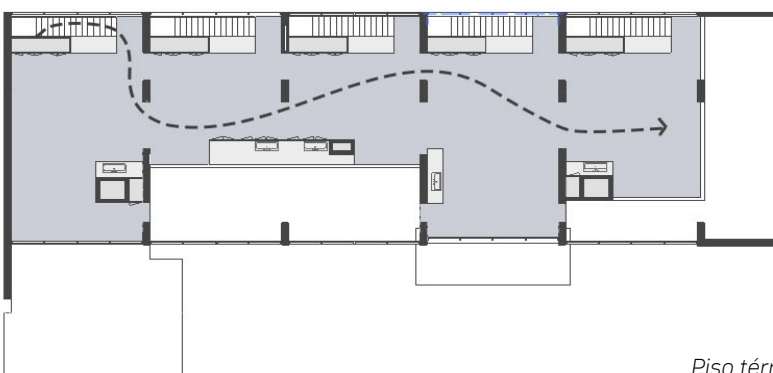
T1 duplex



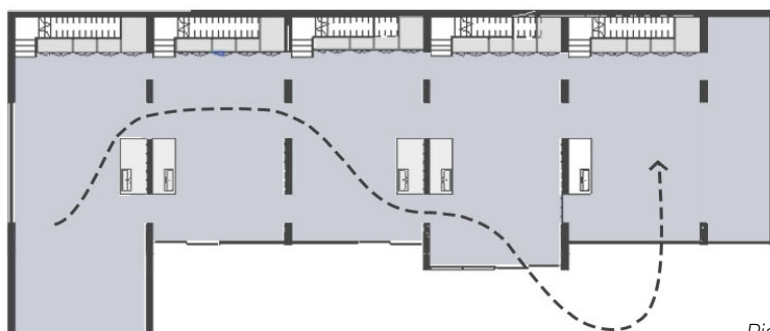
Piso térreo



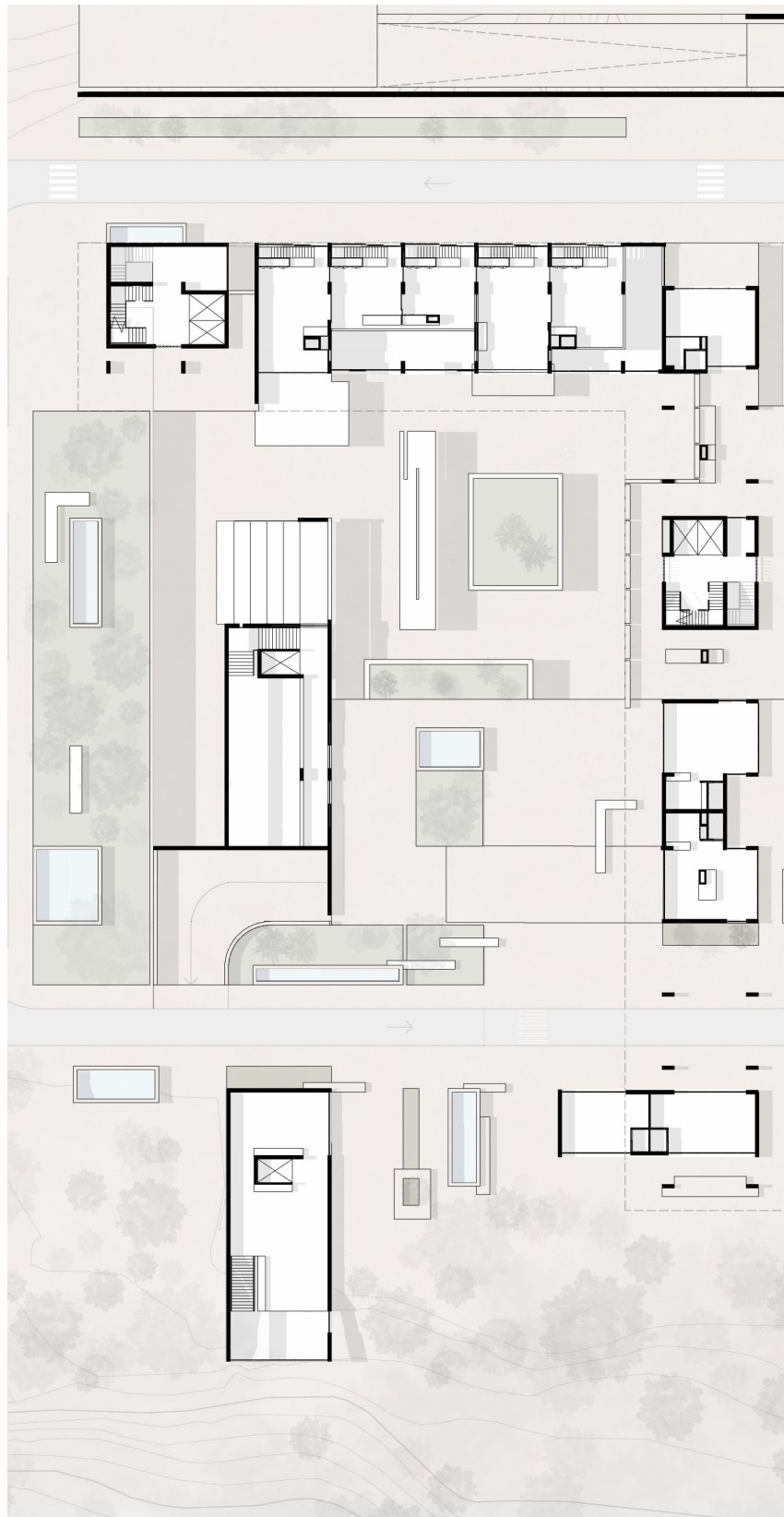
Piso -1



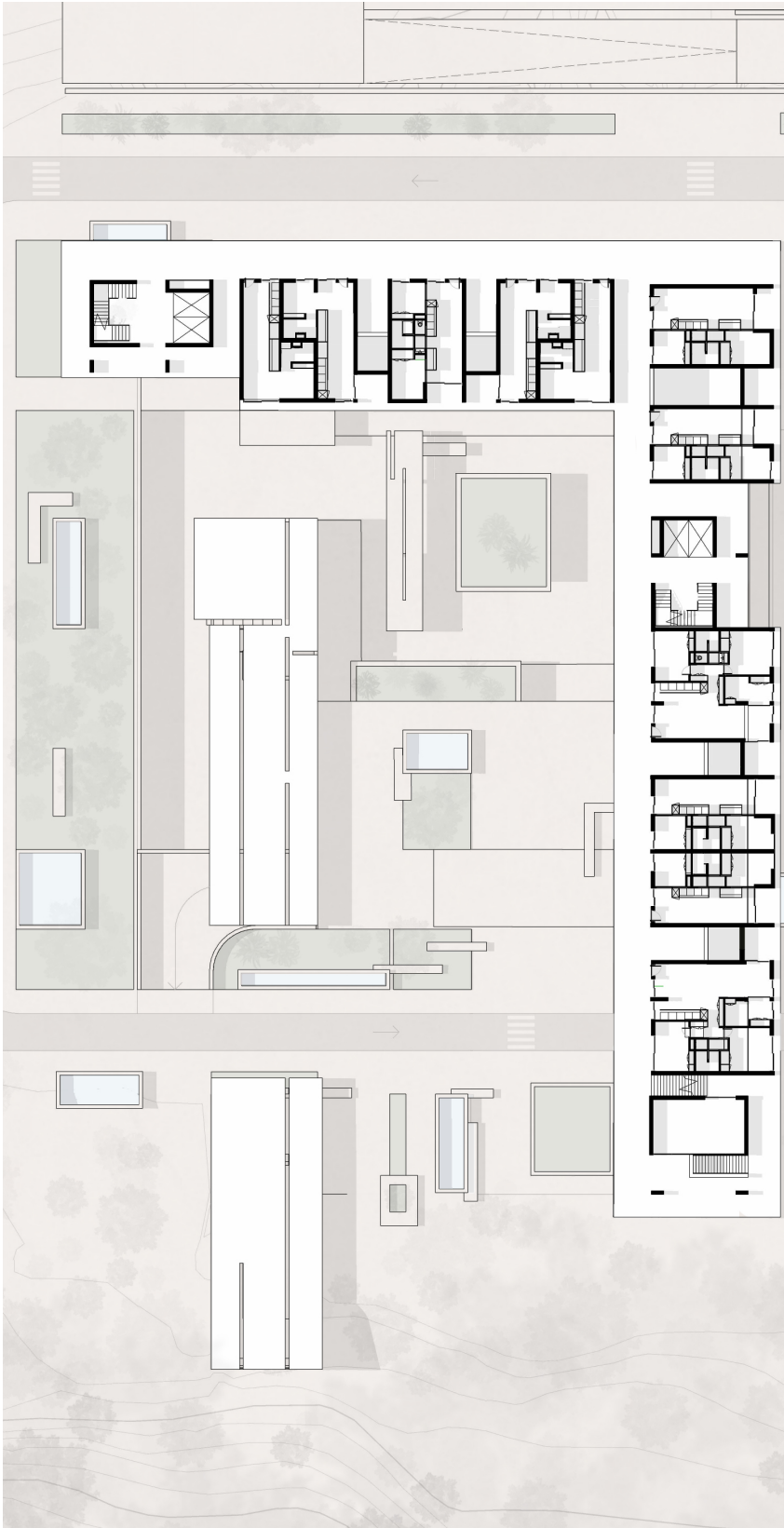
Piso térreo



Piso -1



102. Planta piso térreo (sem escala)



103 . Planta piso tipo(sem escala)



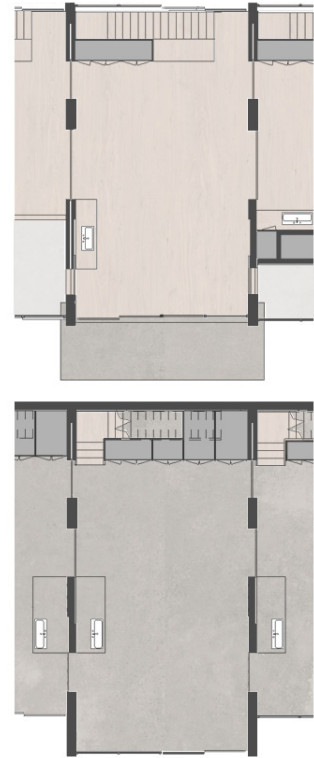
05

MATERIALIDADE

A sustentabilidade é uma prioridade que se estende deste o plano urbano à materialidade do edifício. A proposta de um edifício maioritariamente em madeira é coerente com a plantação de um bosque produtivo, criando um equilíbrio entre os recursos naturais que se retiram e os que se devolvem ao ambiente.

O edifício é integralmente em CLT, a sua estrutura e paredes. O elemento que destoa com a madeira é o tijolo, que cria uma “pele” exterior que envolve o edifício, tal como os pavimentos exteriores. Cria-se uma envolvente de tijolo para o núcleo de madeira em que consiste o edifício. Através das aberturas criadas pela malha é possível notar nas paredes do interior do edifício, vendo uma diferente materialidade guardada pelo tijolo.

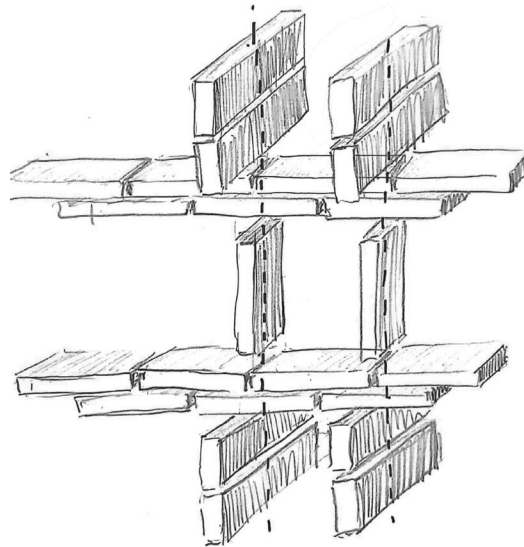
No piso de cota mais inferior que consiste em estacionamento e no pátio, ateliers e espaço de exposição, a materialidade muda e o contacto com o chão é feito em betão. A materialidade salienta a entrada de um espaço diferente, não um espaço de habitar nem de contemplar, mas um espaço de criar. O betão marca o “mundo dos artistas” enquanto a madeira e o tijolo nos conduzem às habitações e aos espaços de vivência quotidiana. A cofragem do betão é feita com tábuas de madeira de dimensões iguais às dos revestimentos que se encontram nos pisos superiores, e a estereotomia do pavimento marca os diferentes momentos com que nos deparamos ao vaguear pelos espaços .



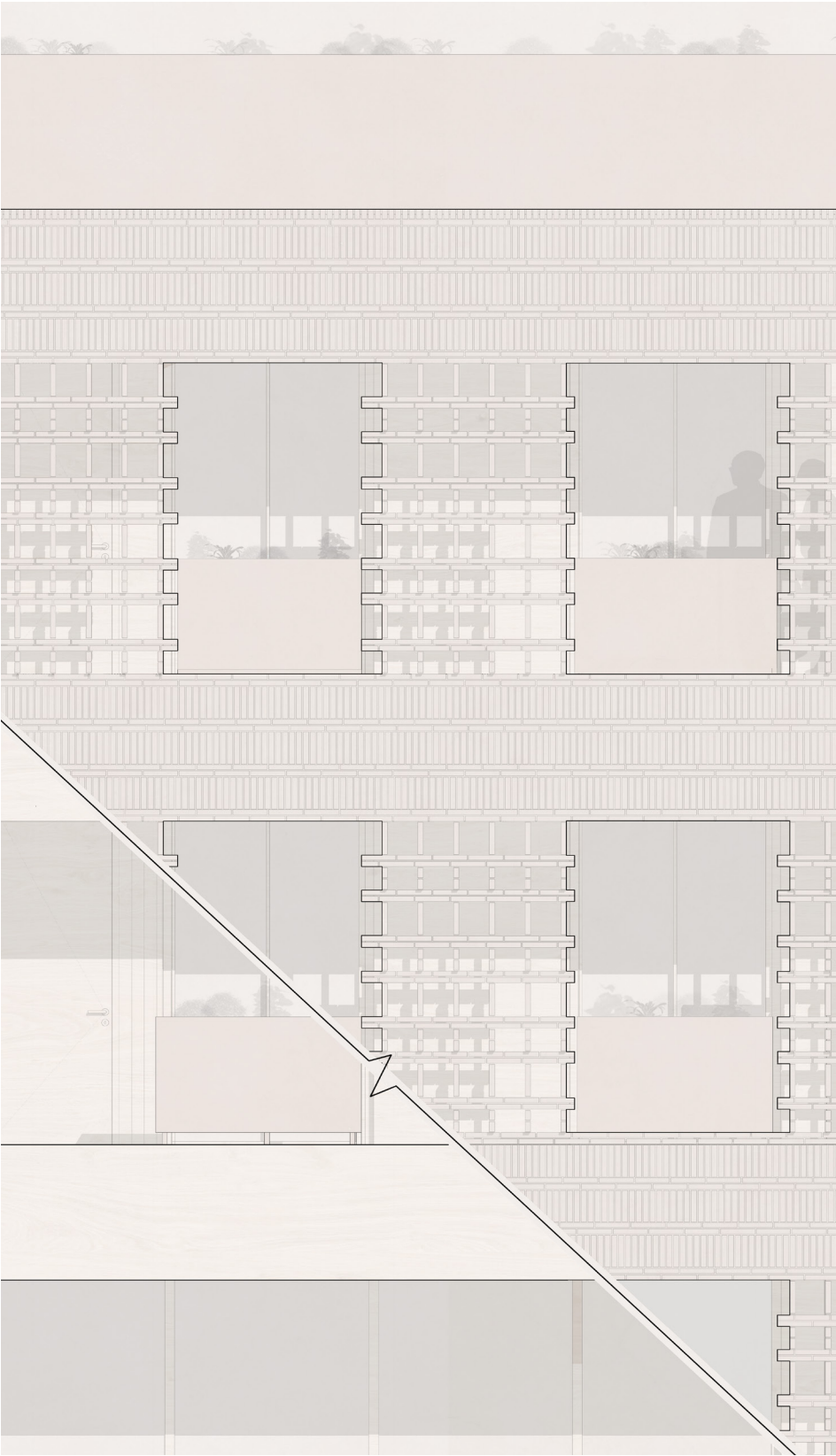
104. Materialidade dos espaços de trabalho



A materialidade marca três momentos diferenciados. O contacto com o exterior é feito através do tijolo, que nos deixa espreitar para a galeria no interior do edifício e ver pessoas a conviver, a manter uma conversa à qual não pertencemos. Ao entrar no espaço de habitar, no espaço íntimo dos habitantes, a madeira é o material dominante. Da galeria é possível ver o exterior emoldurado pelo tijolo, ou entrar no espaço privado e pessoal marcado pela madeira. Ao descer até ao piso mais inferior o betão marca a entrada numa área comum, mas de uma natureza diferente, o espaço de criação.



105. Ilustração dos tijolos que constituem a "pele" do edifício



106 . Fachado do edificio



06

CONCLUSÃO

Espera-se que o Vale de Santo António seja, num futuro próximo, alvo de grandes intervenções urbanas. É atualmente um espaço expectante, pleno de possibilidades, com um futuro ainda incerto, mas certamente promissor. O presente exercício apresenta uma reflexão sobre o seu contexto e potencial colocando uma hipótese sobre o que poderia ser um futuro equilibrado para o Vale.

É cada vez mais importante atentar a questões relacionadas com a sustentabilidade, desde a escala urbana até à materialidade. A nível urbano é necessário respeitar a paisagem e os seus sistemas biofísicos intervindo de forma consciente, evitando consequências, por vezes catastróficas, causadas pela urbanização descuidada. O respeito pela componente natural, e as possibilidades que ela nos oferece devem ser cruciais na aproximação a um local tão vasto e promissor. A simbiose entre o Homem e a natureza é um fator primordial que qualifica qualquer intervenção urbana melhorando a qualidade de vida dos habitantes. Deve, por isso, ser uma prioridade.

Atualmente, a dificuldade em encontrar casa nas grandes cidades e as preocupações financeiras das famílias sobrepõem-se e podem mesmo ser impeditivas do seguimento de uma ambição de prosseguir uma carreira no mundo artístico. A proposta de um edifício com as características de uma residência artística pretende a criação de um espaço que possa contribuir para que jovens, e não só, nesta situação tenham oportunidade para tal.

Ao estudar o funcionamento de algumas residências artísticas, como casos de referência, tal como diversas concepções e modelos de residências artísticas, procurou-se tomar decisões arquitetónicas apoiadas que refletissem esta pesquisa, de forma a propor um edifício que servisse esse propósito de forma qualificada.

A arquitetura dos espaços propostos reflete uma procura do que no nosso entender deve ser um edifício para habitar e criar. Pretende-se que a arquitetura espelhe o espírito de partilha e de comunidade características de uma residência artística, dando-lhe espaço para se expandir para a comunidade envolvente.

Dada a amplitude de residências artísticas que existem e o vasto espetro que a definição abrange, as decisões projetuais tomadas poderiam ser infinitamente diferentes, tivesse a reflexão face ao projeto proposto sido outra. Contudo, as decisões tomadas partem do espírito da intervenção urbana proposta, que origina a sua morfologia, contagia a sua vivência, repercutindo a pesquisa e considerações do autor, resultando no projeto e abordagem propostos.

Em síntese o trabalho final de mestrado realizado procura responder às seguintes questões: O que é um espaço de habitar e criar? Como se pode inserir na cidade, em harmonia com a natureza sobre a qual assenta e da qual participa?

BIBLIOGRAFIA

Batista, H. (2019a). *Antropoga*. In T. Elfving, I. Kokko, & P. Gielen (Eds.), *Contemporary artist residencies: Reclaiming time and space* (pp. 39–49). Valiz, Amsterdam.

Batista, H. (2019b). *Contemporary Artist Residencies Reclaiming Time and Space* (pp. 76–85; I. Kokko, P. Gielen, & T. Elfving, Eds.). Valiz, Amsterdam.

Comissão europeia, Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura. (2014). *Manual de procedimentos para residências de artistas: agenda europeia para a cultura: plano de trabalho para a cultura 2011-2014*. Serviço das Publicações.

Deplazes, A. (2005). *Constructing Architecture*. Springer Science & Business Media.

Direção Municipal de Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia. (n.d.). *PARQUES HORTÍCOLAS MUNICIPAIS: Normas de Acesso e Utilização das Hortas Urbanas*. In Câmara Municipal de Lisboa. Retrieved from <https://www.lisboa.pt/temas/ambiente/estrutura-ecologica/parques-horticolos>

Elfving, T., Kokko, I., & Gielen, P. (2019). *Contemporary Artist Residencies Reclaiming Time and Space*. Valiz, Amsterdam.

FAO. 2020. *Marco da FAO para a Agenda Alimentar Urbana*. Roma.

FoodLink. (2022). *FoodLink – Rede para a Transição Alimentar na Área Metropolitana de Lisboa. Enquadramento Estratégico*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo | Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa | Área Metropolitana de Lisboa . Retrieved from https://www.ccdr-lvt.pt/wp-content/uploads/2022/08/Relatorio-Enquadrador-FoodLink_04_07_2022.pdf

Gehl, J. (2017). *A vida entre edifícios* (1a edição; T. Mesquita Carvalho, Trans.). Lisboa: Livraria Tigre de Papel. (Original work published 1971)

Gielen, P. (2019). *Time and Space to create and be human*. In T. Elfving, I. Kokko, & P. Gielen, *Contemporary artist residencies: Reclaiming time and space* (pp. 39–49). Valiz, Amsterdam.

Lough, J. (2013). *Introduction*. In *This ain't no Holiday Inn : down and out at the Chelsea Hotel, 1980-1995 : an oral history*.

Mac-Bride, A. (1933, September 18). *As condições em que deve assentar a higiene citadina*. Retrieved from <http://casacomum.org/cc/visualizador?passa=05751.015.04425#!3>

Montman, N. (2018, October). *Residencies as Programmatic Spaces for Community* An Interview with Nina Möntmann (I. Kokko, Interviewer).

O'Doherty, B., & McEvilley, T. (1986). I. *Notes on the Gallery Space*. In *Inside the White Cube: The ideology of the gallery space* (pp. 13–16). Lapis Press.

Pallasma, J. (2018). *Essências*. Editorial Gustavo Gili.

Pallasmaa, J. (2017). *Habitar* (pp. 57–83). Editorial Gustavo Gili.

Pfeifer, G. (Ed.). (2001). *Masonry construction manual*. Birkhäuser ; Edition Detail.

Ribeiro Telles, G., Sampaio Fontes, E., & Roquelle Campello, A. (1962). *Um caso concreto de ordenamento paisagístico*. *Agros*, 45, 61–72.

Sørensen, E., & Torfing, J. (2019). *The Copenhagen Metropolitan "Finger Plan."* *Em Great Policy Successes*, 218–243.

Telles, Gonçalo Ribeiro. (1957) *A importância actual da vegetação na cidade*. *Agros. Boletim da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, Ano 40* (2), março-abril 1957, p. 137-150.

Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquiteto dos espaços verdes de Lisboa* (pp. 53–57). Edições Salamandra.

Xavier, S. (2007). *Usos da ruralidade na arquitectura paisagista*. *Etnografica*, (vol. 11 (1)), 165–188. <https://doi.org/10.4000/etnografica.1908>

Webgrafia

About DutchCulture | TransArtists. (n.d.). Retrieved June 19, 2024, from www.transartists.org website: <https://www.transartists.org/en/about-dutchculture-transartists>

Carrilho da Graça | school of music. (n.d.). Retrieved June 16, 2024, from www.carrilhodagraca.pt website: <https://www.carrilhodagraca.pt/esml>

Crow Lane Creative Studios. (n.d.). Retrieved June 8, 2024, from Pollen Architecture - modern architects in Austin, TX website: <https://www.pollenarchitecture.com/portfolio/crow-lane/>

James, A., & James, D. (n.d.). About. Retrieved June 16, 2024, from Billy Name Photography website: <https://www.billynameestate.com/about>

Joseph Brodsky – Prose. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB 2024. Sat. 1 Jun 2024. <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1987/brodsky/prose/>

LPP. (2023, October 10). Vale de Santo António: um território à espera de decisões e concretizações. Retrieved June 16, 2024, from LPP / Lisboa Para Pessoas website: https://lisboaparapessoas.pt/2023/10/10/vale-de-santo-antonio-plano-de-urbanizacao/#google_vignette

LPP, & André, M. R. (2024, May 23). Aprovado o Plano de Urbanização do Vale de Santo António. Retrieved June 16, 2024, from LPP / Lisboa Para Pessoas website: <https://lisboaparapessoas.pt/2024/05/23/plano-de-urbanizacao-vale-de-santo-antonio-aprovado-lisboa/>

Muoto Architectes, titan, Olivier Campagne - artefactorylab · Ateliers médicis. (2023, May 25). Retrieved from Divisare website: <https://divisare.com/projects/480497-muoto-architectes-titan-olivier-campagne-artefactorylab-ateliers-medicis>

Reed Watts | Roundhouse Works. (2024). Retrieved from Reed Watts website: <https://www.reedwatts.com/roundhouse-works/>

Reed Watts Architects, Paddy Dillon architect, Fred Howarth · Roundhouse. (2023, May 22). Retrieved June 16, 2024, from Divisare website: <https://divisare.com/projects/480301-reed-watts-architects-paddy-dillon-architect-fred-howarth-roundhouse>

Trienal de Arquitetura de Lisboa . (n.d.). *Torres do Alto da Eira*. Retrieved June 16, 2024, from [www.trienaldelisboa.com website: https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/torres-do-alto-da-eira/](https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/torres-do-alto-da-eira/)

WIELS | Practical information. (n.d.). Retrieved June 16, 2024, from WIELS website: <https://www.wiels.org/en/practical-info>

Conteúdos Audiovisuais

Costa do Castelo Filmes / CINEMATE / RTP. (2020). *A Vossa Terra, a paisagem segundo Gonçalo Ribeiro Telles* [Documentário]. Retrieved from <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-vossa-terra-a-paisagem-segundo-goncalo-ribeiro-telles/>

Telles, G. R., & Costa, L. F. (1973, April 12). *As Cheias de 1967*. RTP 1. Retrieved from <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/as-cheias-de-1967/>

Book de turma

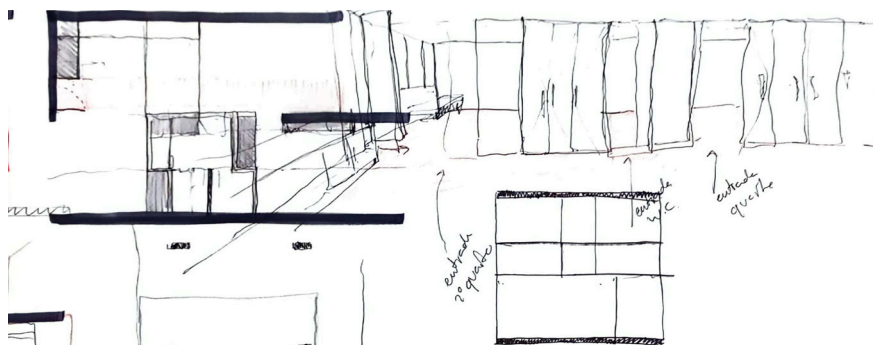
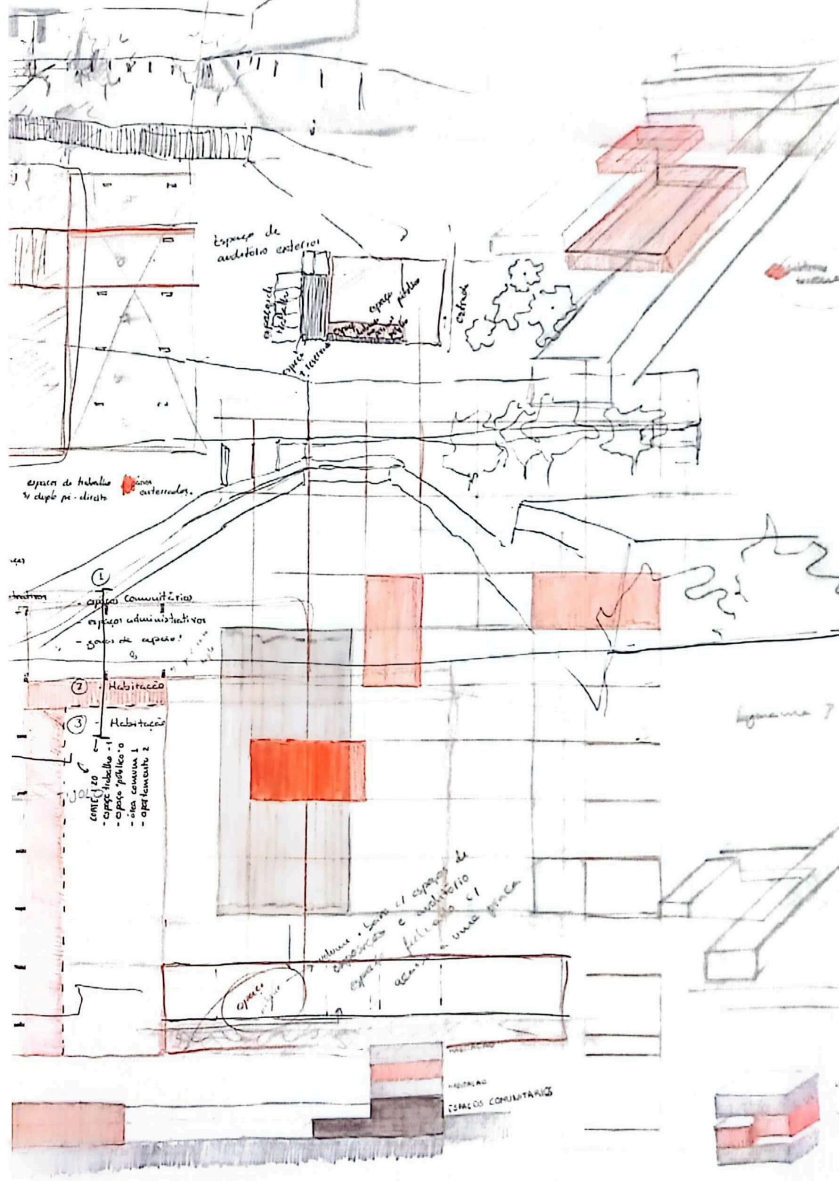
Mateus, N., & Turma 5ºE. (2024). *Cidade/Paisagem*.

Bibliografia

ANEXOS

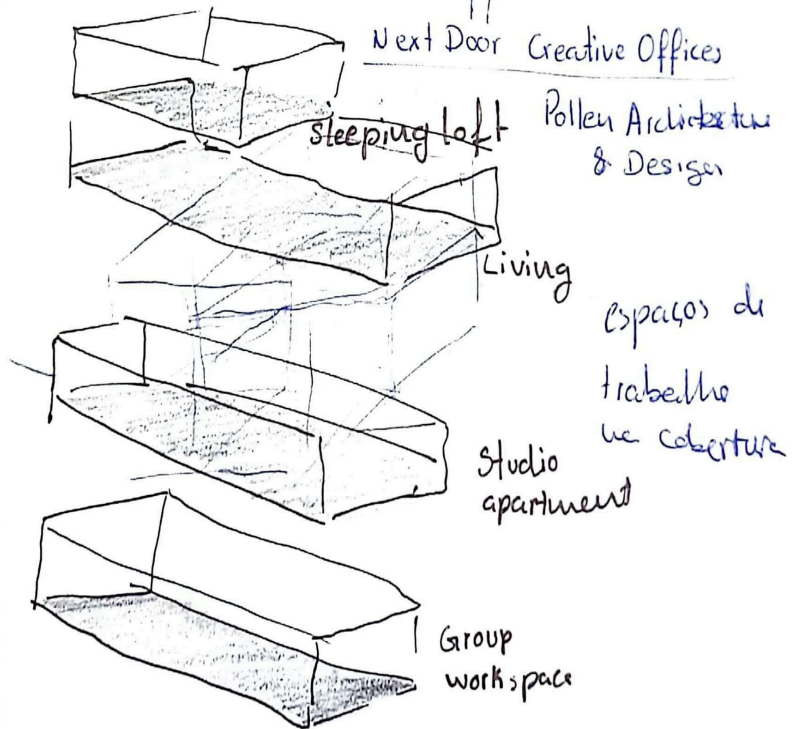
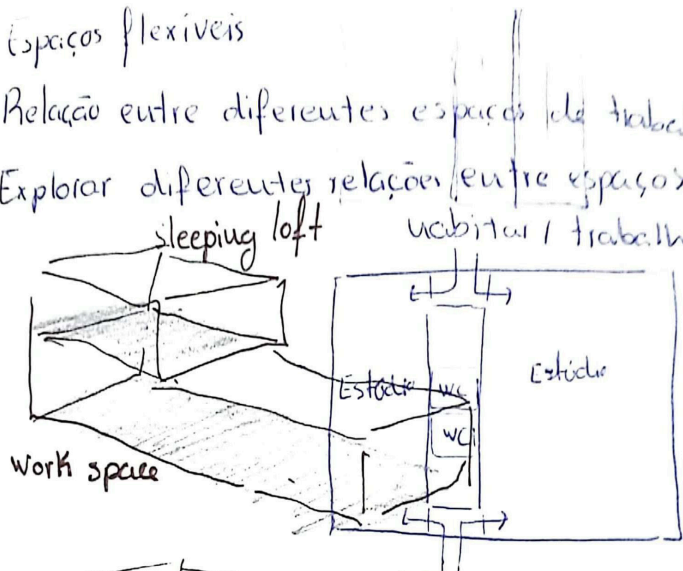
<i>Processo de trabalho</i>	107
<i>Maquetes TFM</i>	116
<i>Maquetes, Unidade Curricular Projeto Integrdo III 1º semestre 2032/24</i>	121
<i>Painéis TFM</i>	131
<i>Painéis, Unidade Curricular Projeto Integrdo III 1º semestre 2032/24</i>	157

Processo de trabalho

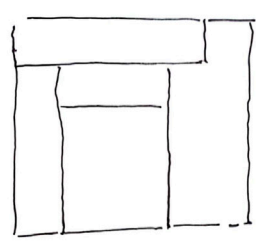
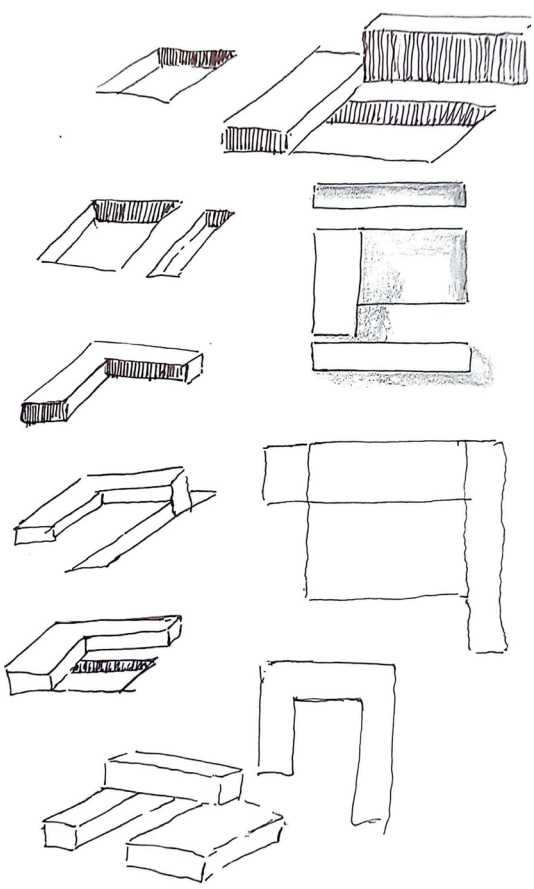


PROGRAMA

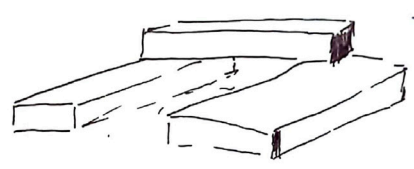
- Espaços flexíveis
- Relação entre diferentes espaços de trabalho
- Explorar diferentes relações entre espaços de



Crow Lane Creative Studios



Adaptar edificio 1º
semestre à nova topografia
Adaptar gesto à nova
topografia

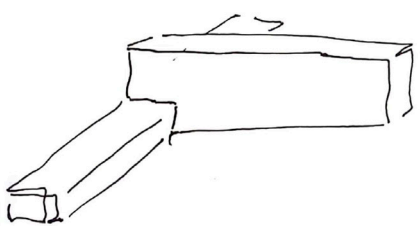


Estrada 

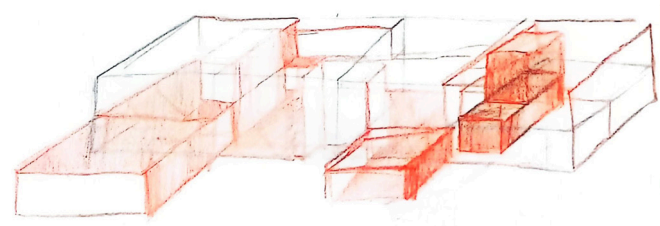
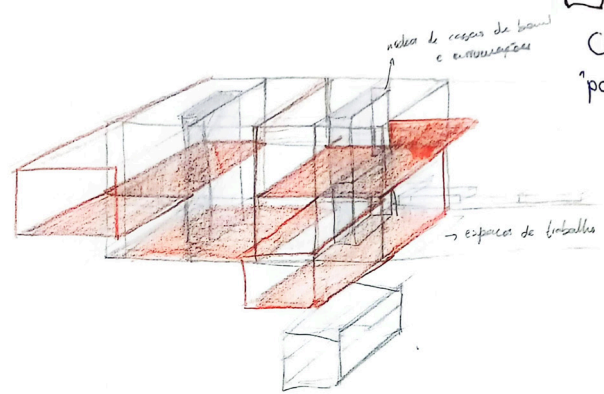
quebra a
ligação entre
o bosque e o
interior do
quarteirão

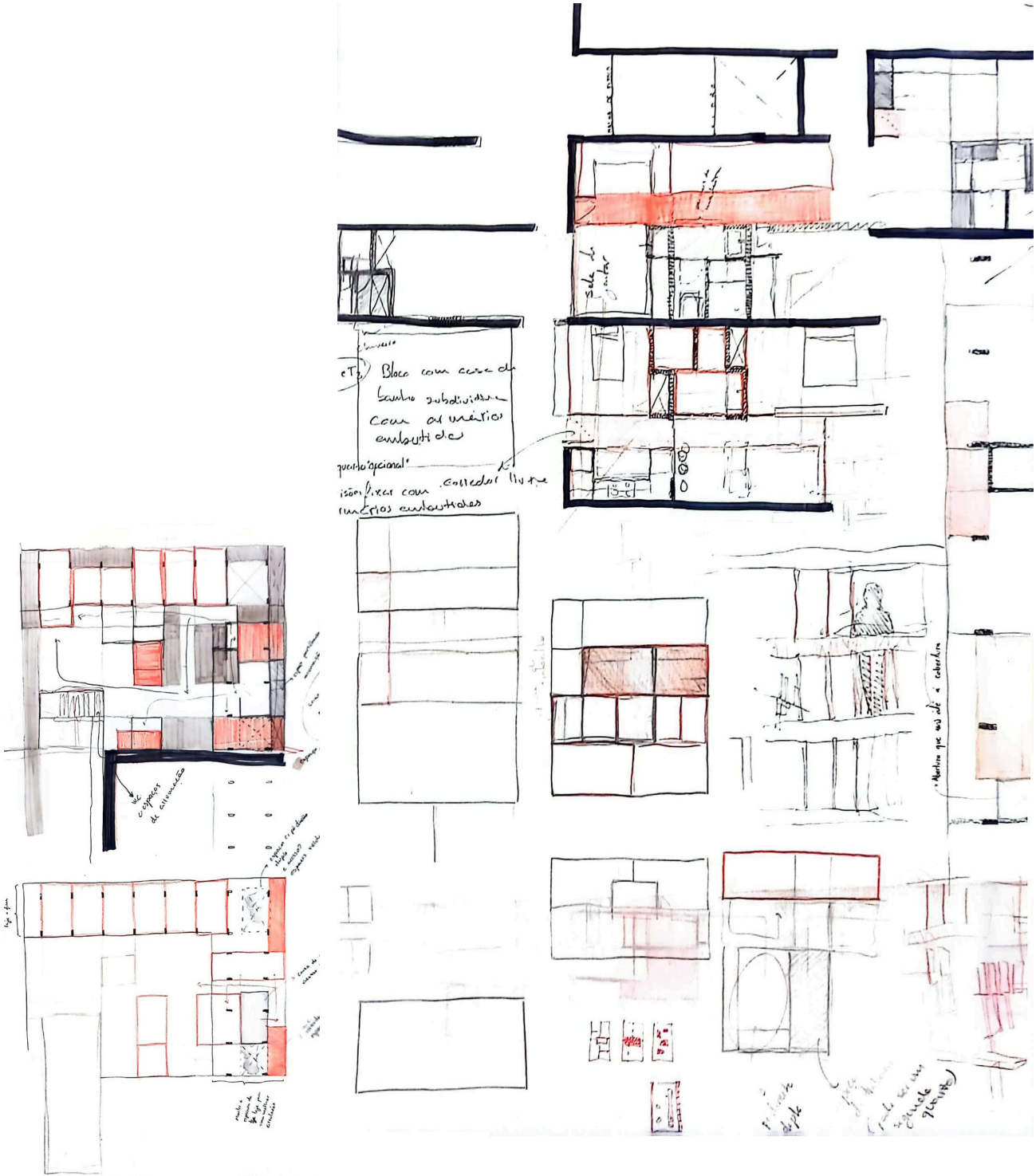


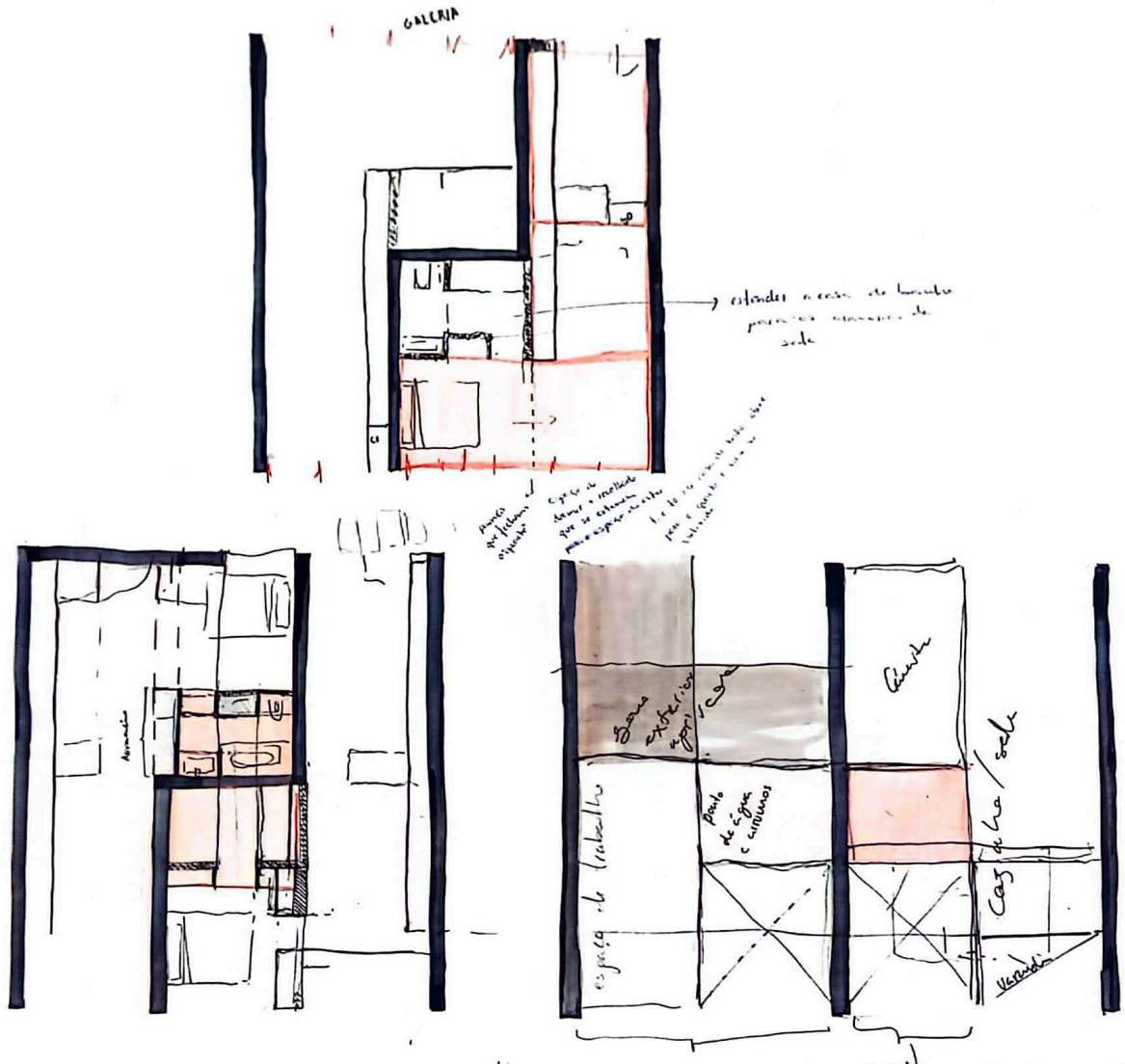
Edifício com
uma zona
comum que
cria a ligação
por cima da
estrada

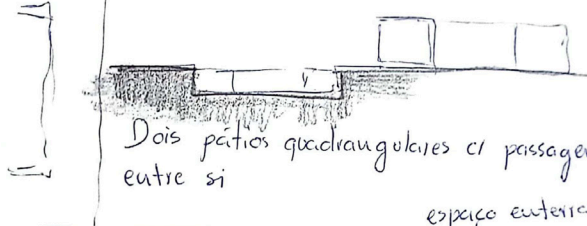
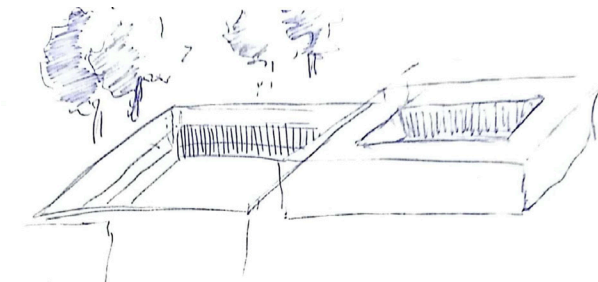


Criar uma
"ponte" para







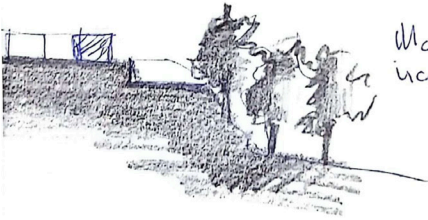


Dois pátios quadrangulares e passagem entre si

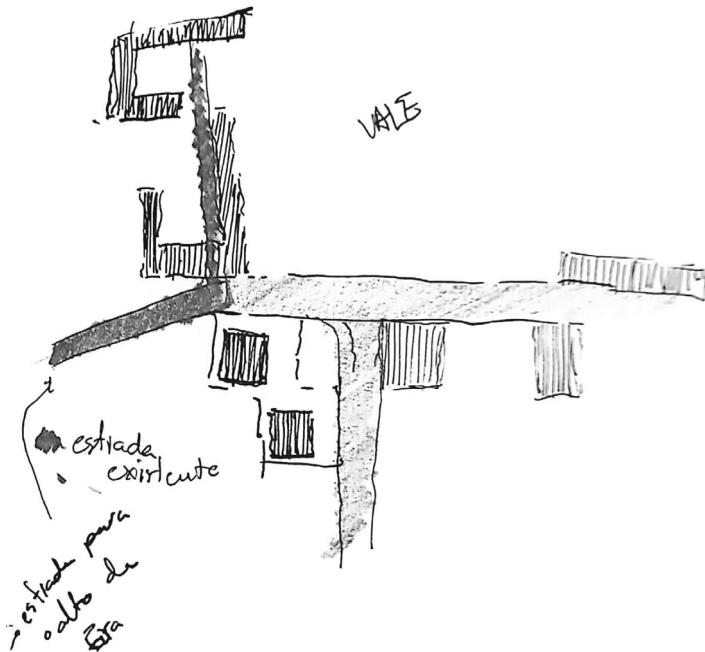
espaço enterrado ≠

espaço a nível

espaço público e espaço comunitário



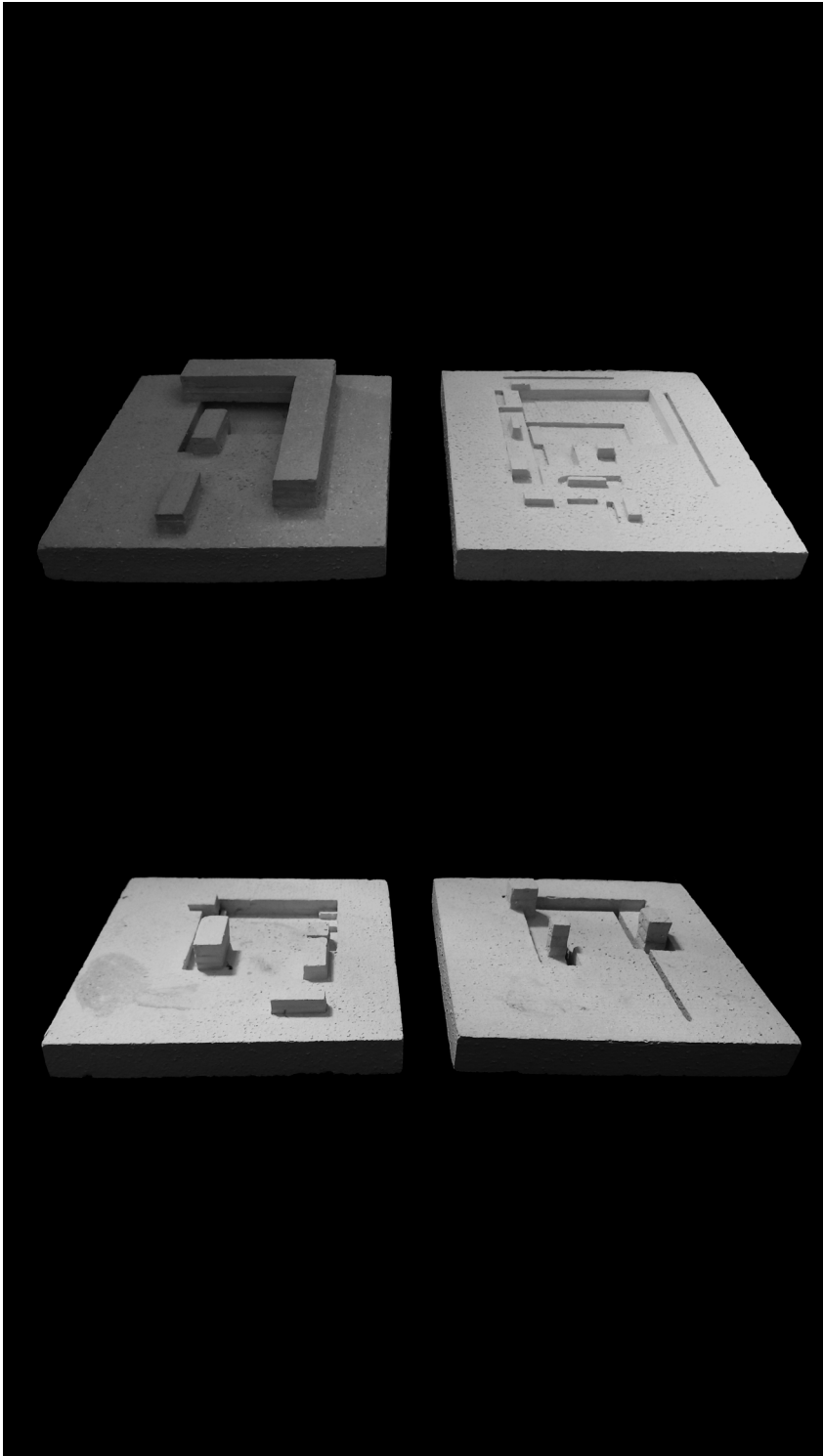
Mantém topografia (natural)

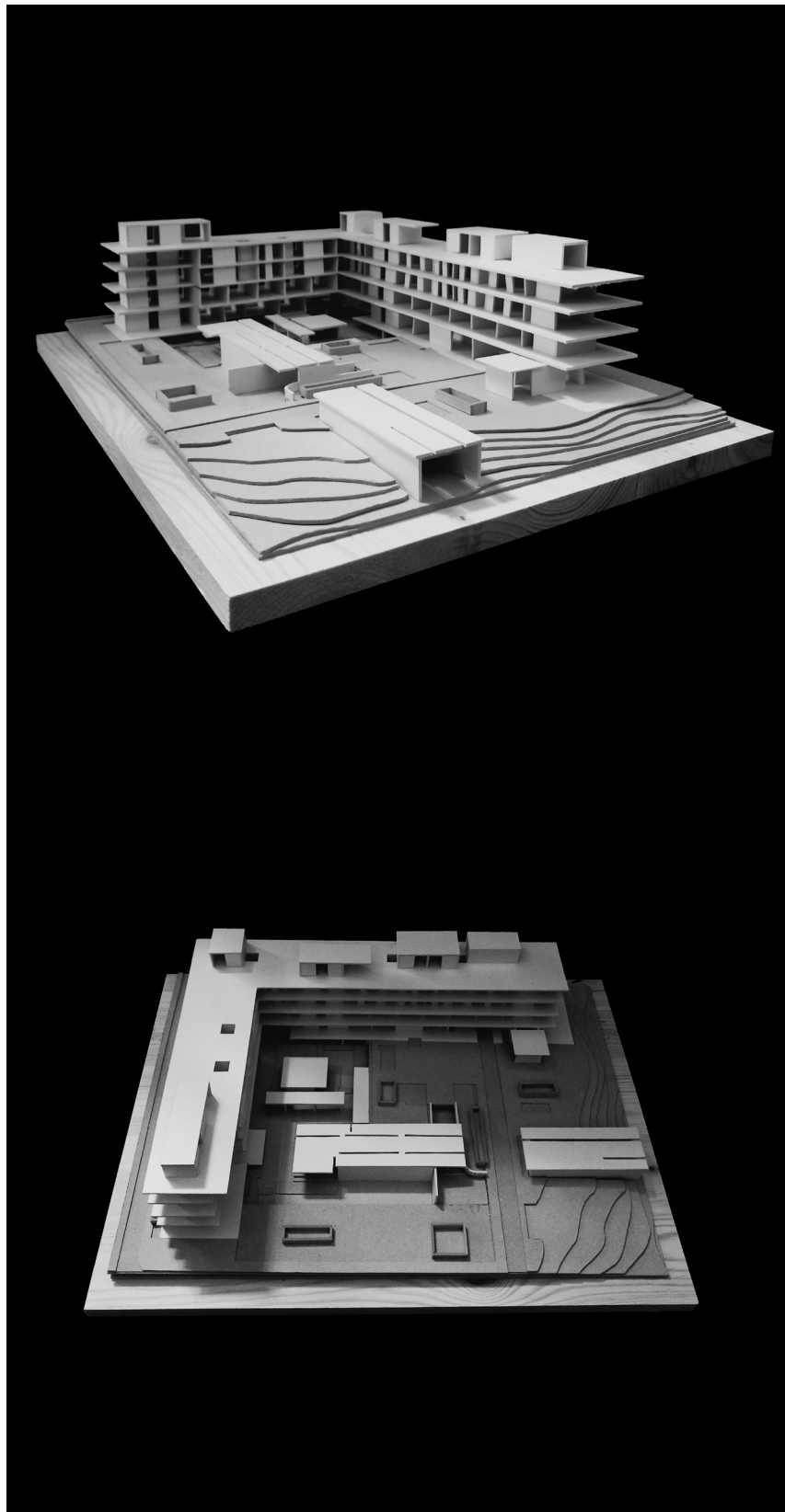


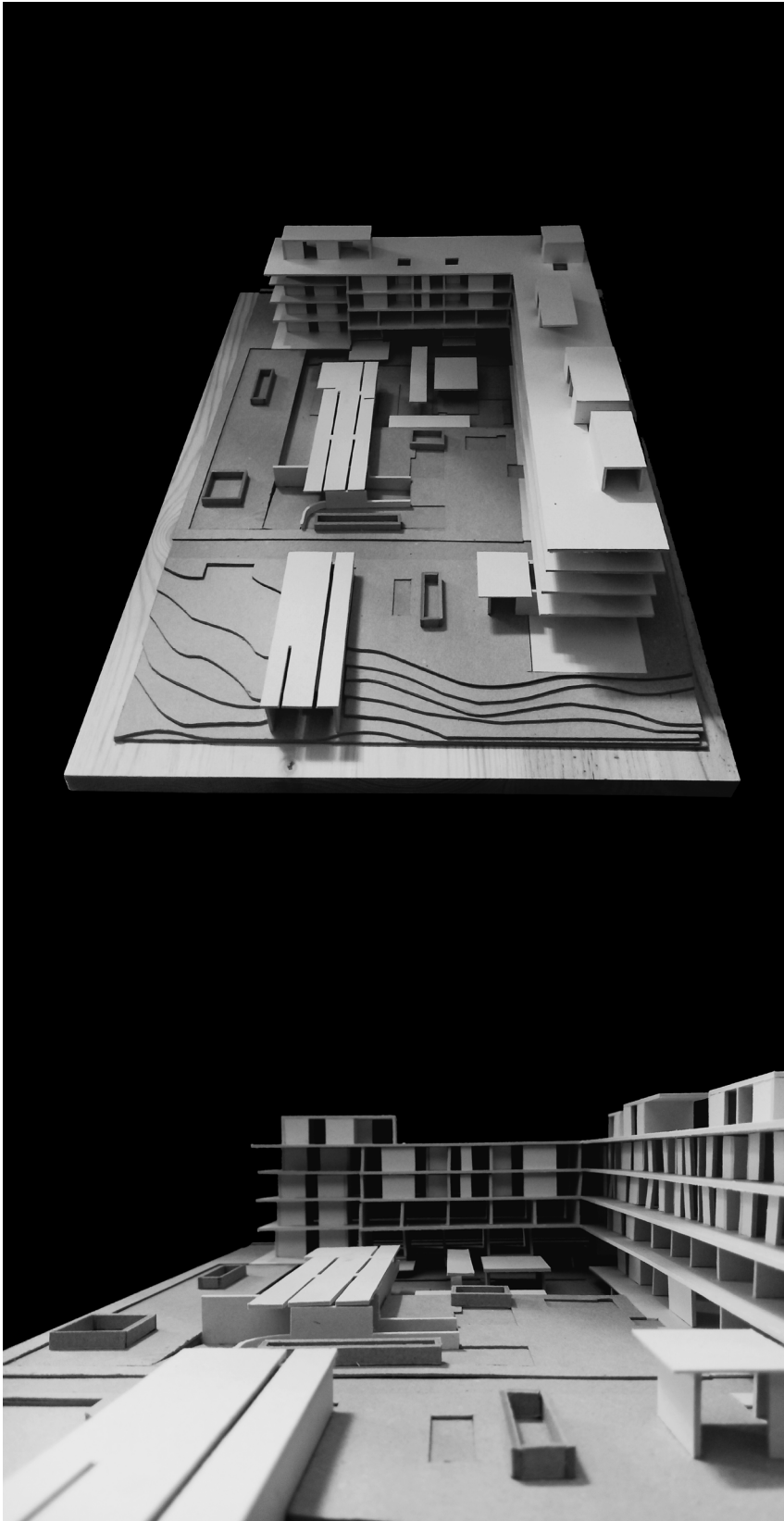
VAZE

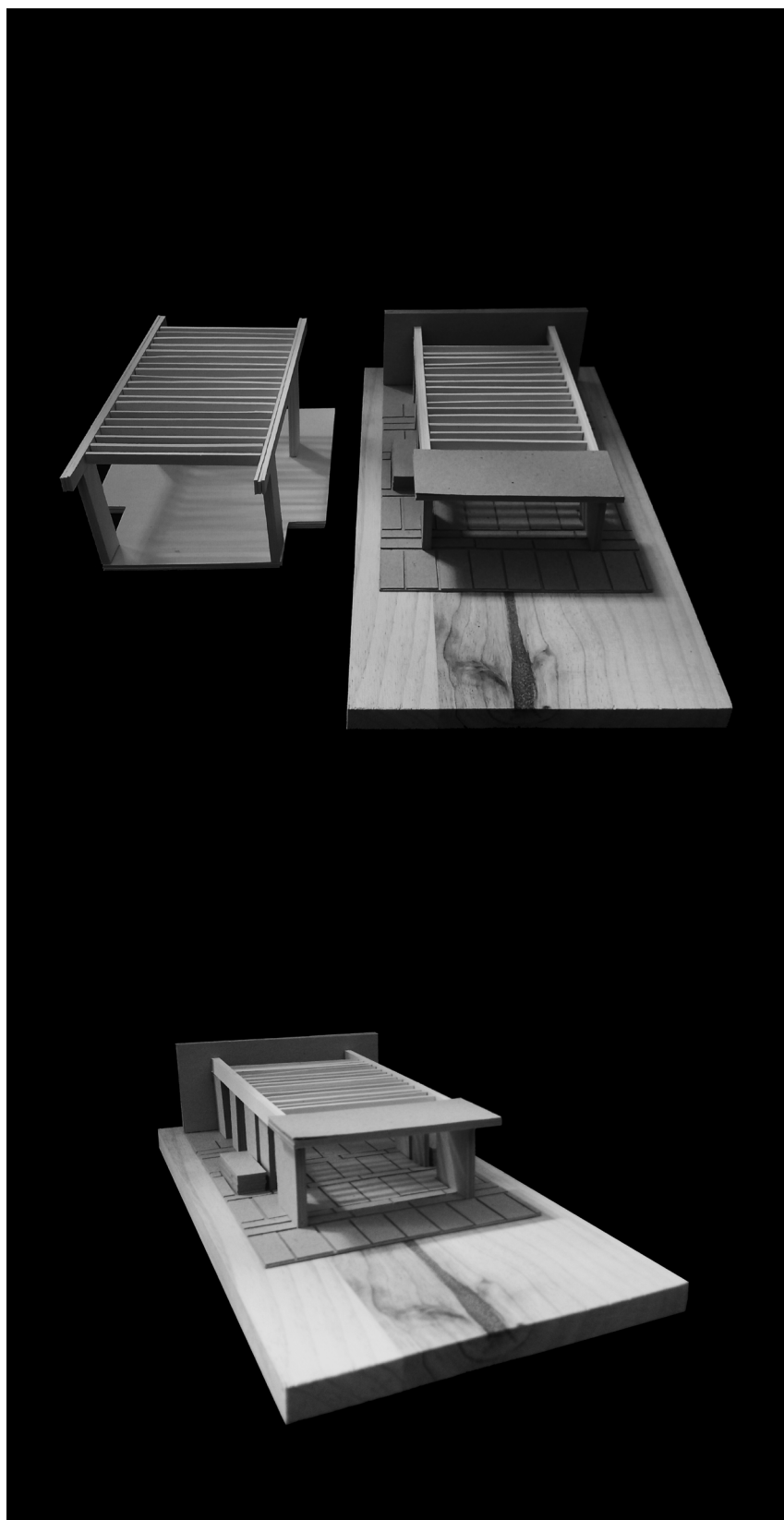
estada existente
estada para o alto da Est

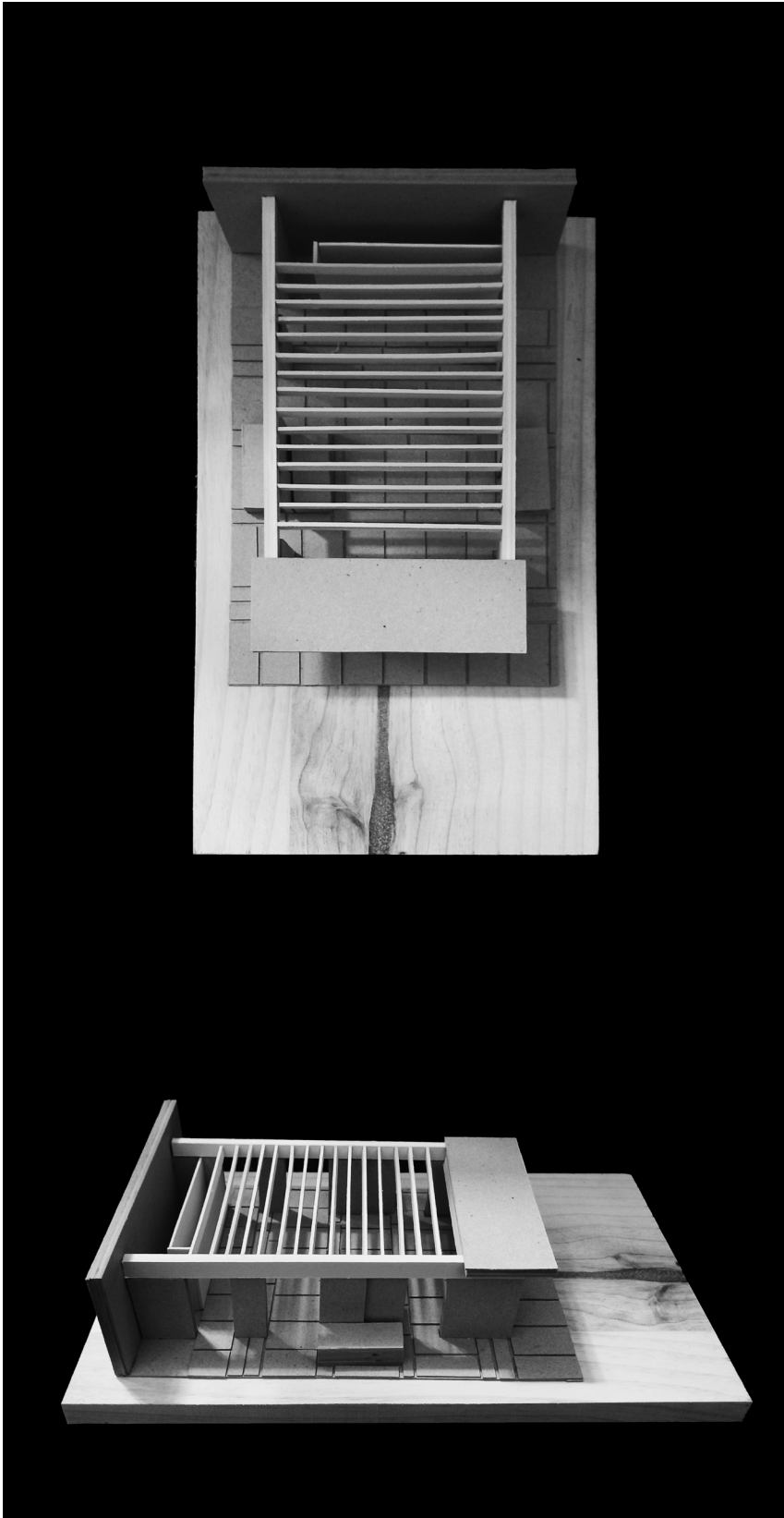
Maquetes,
TFM

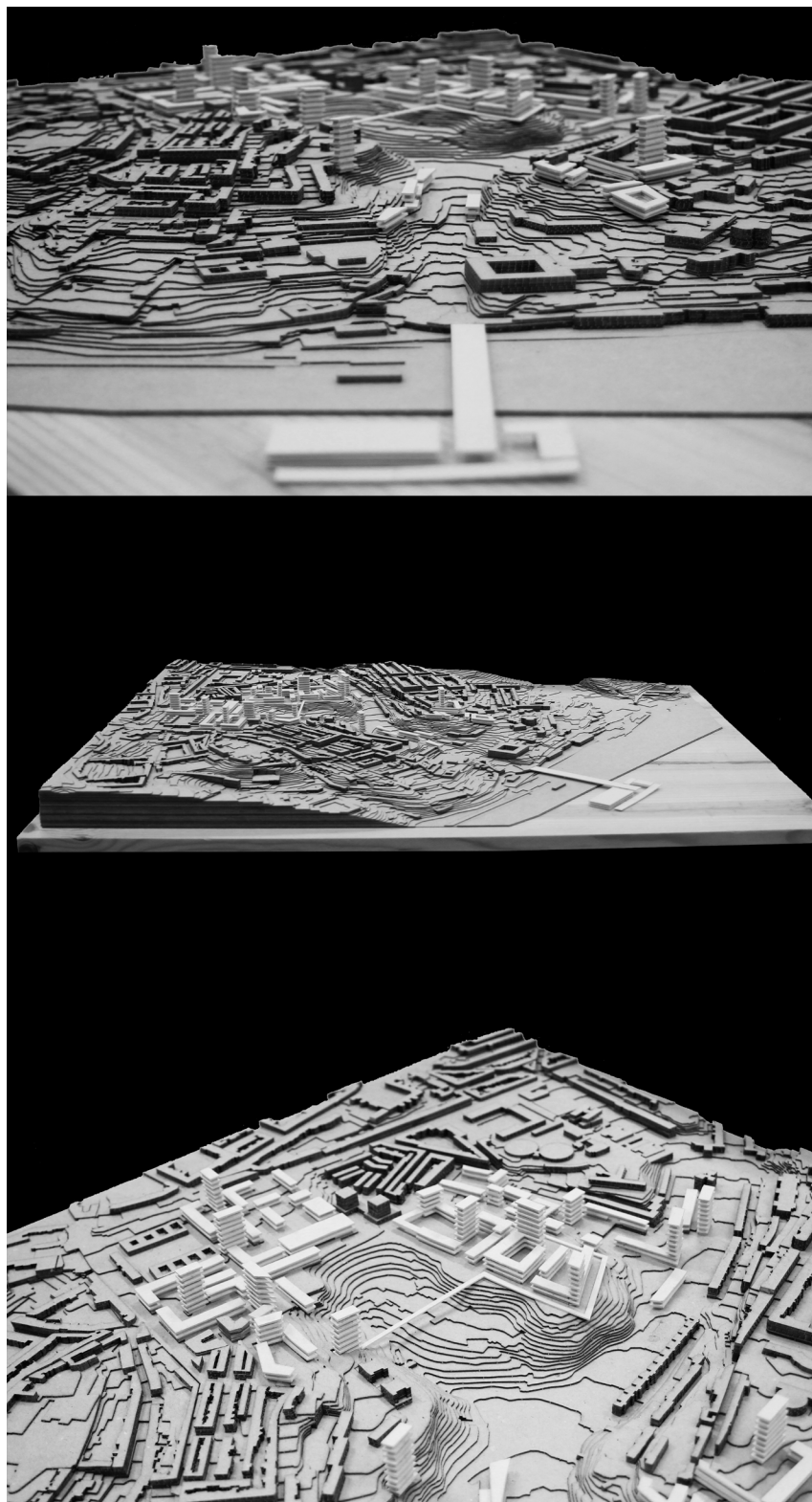




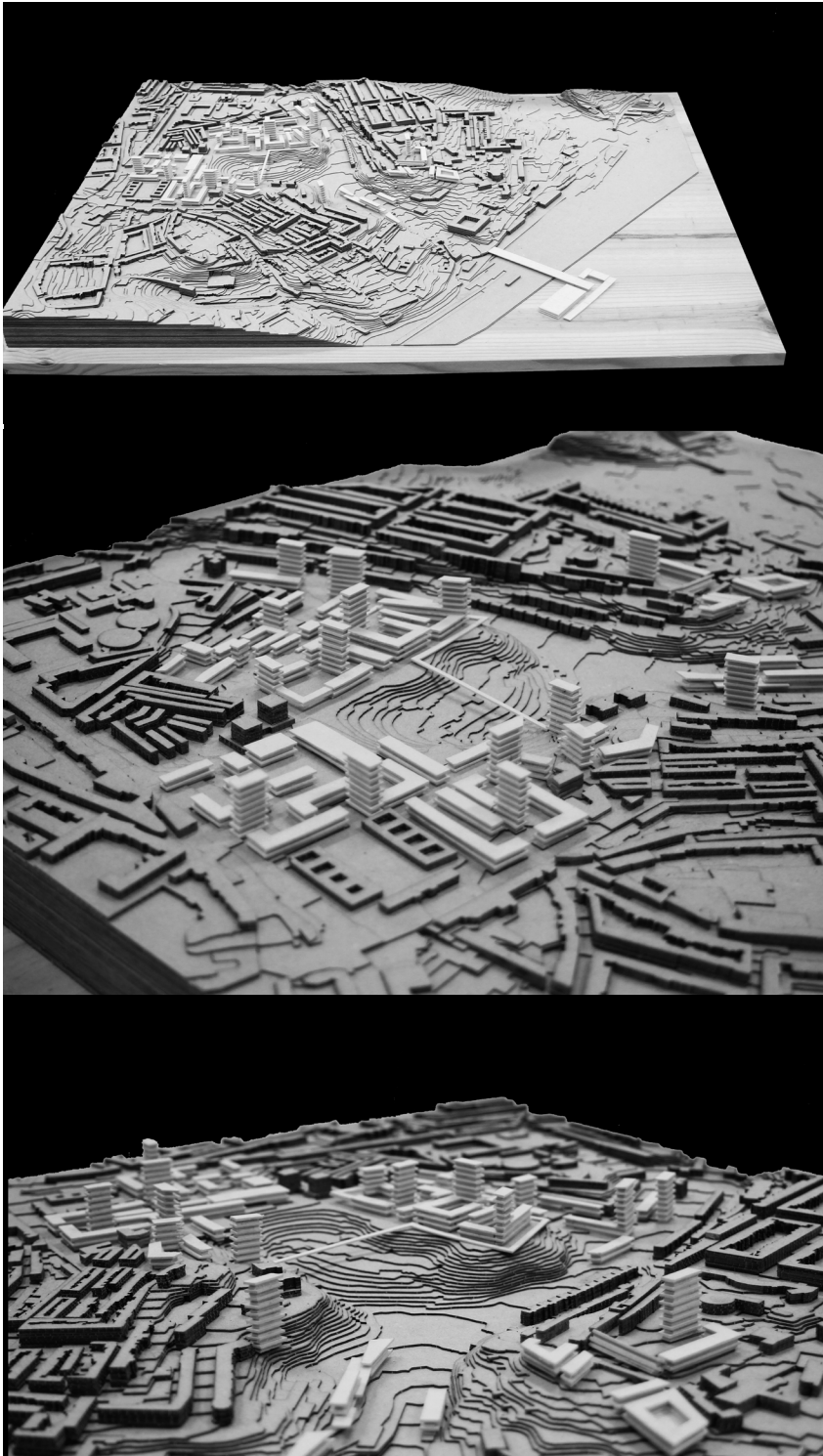


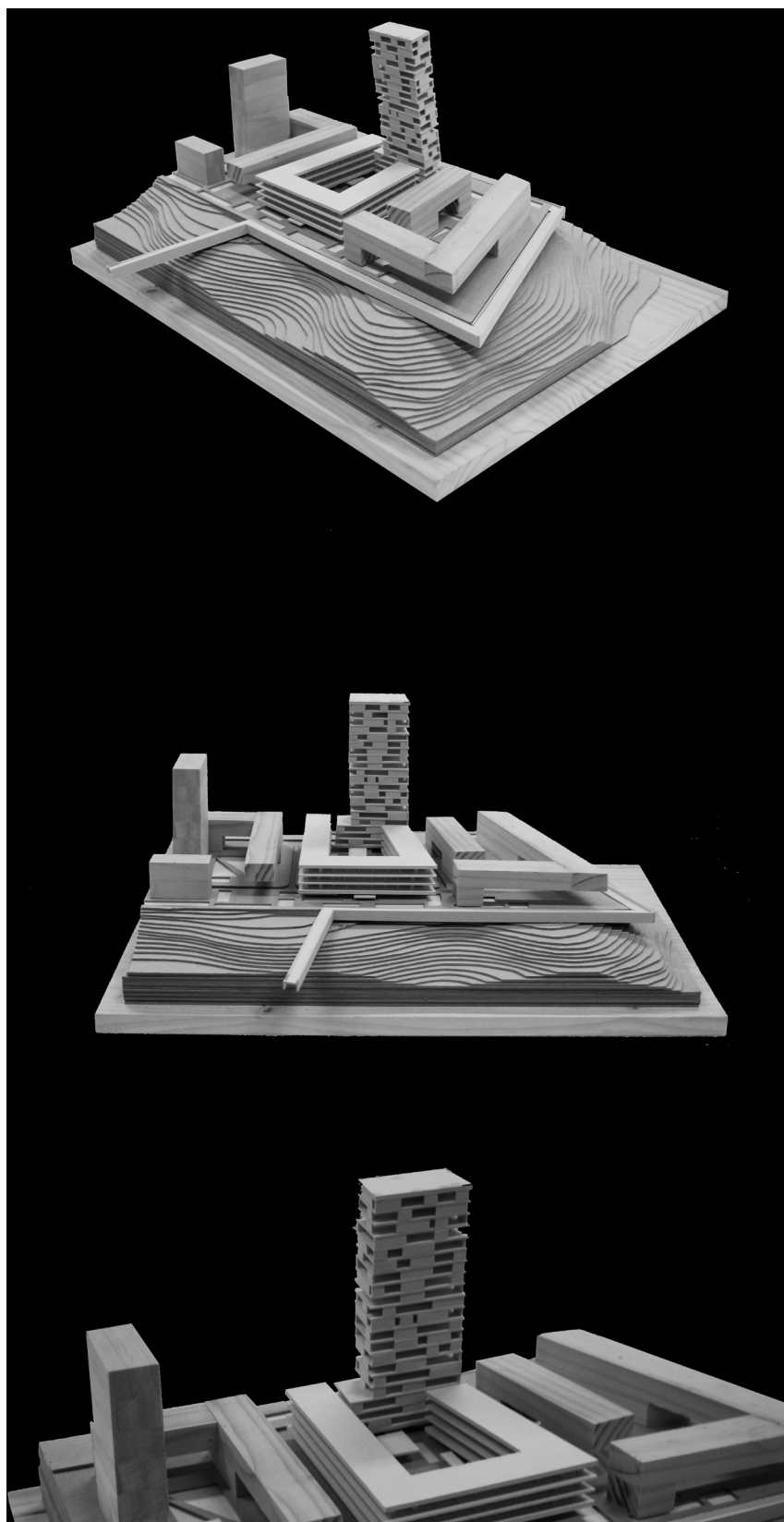


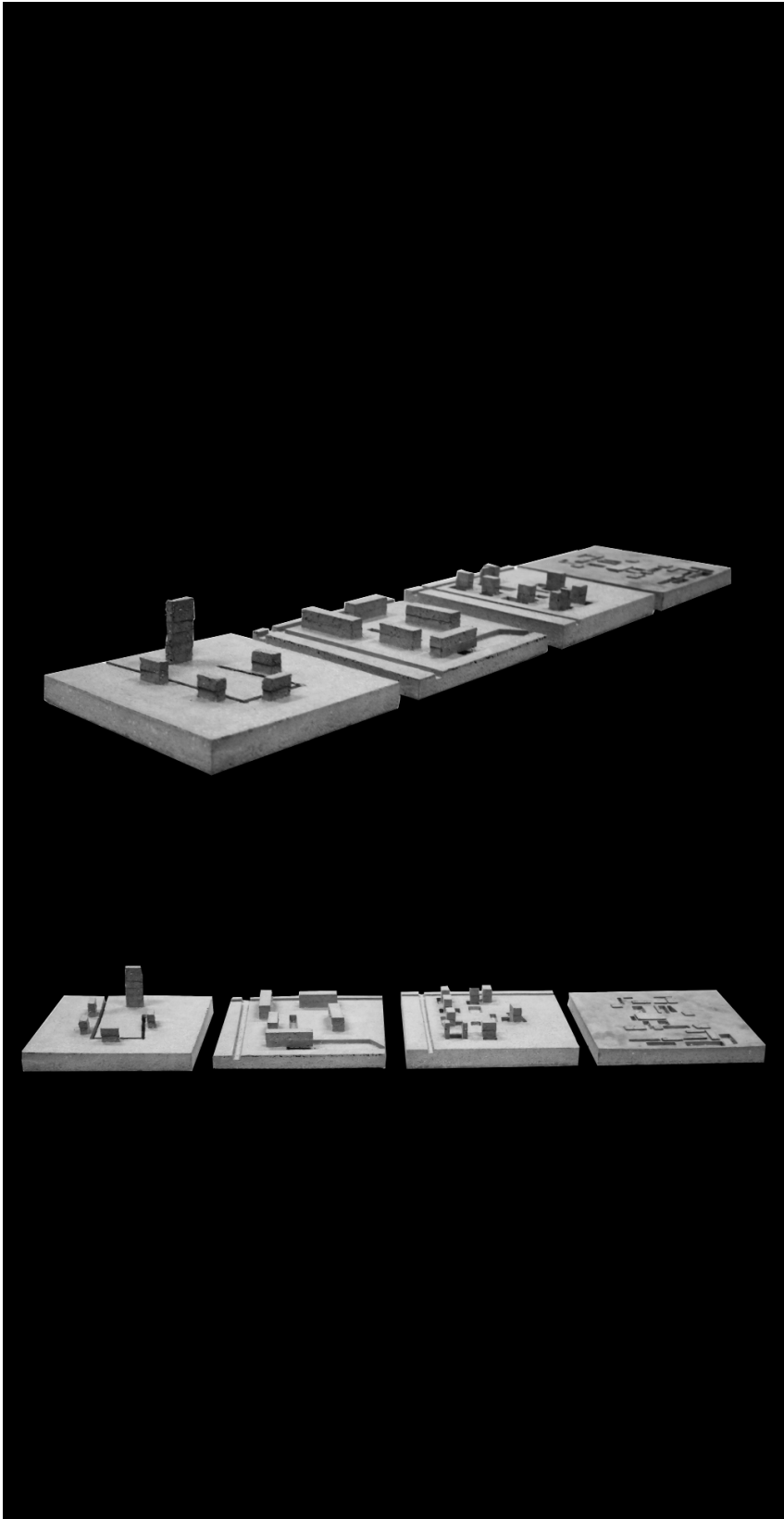


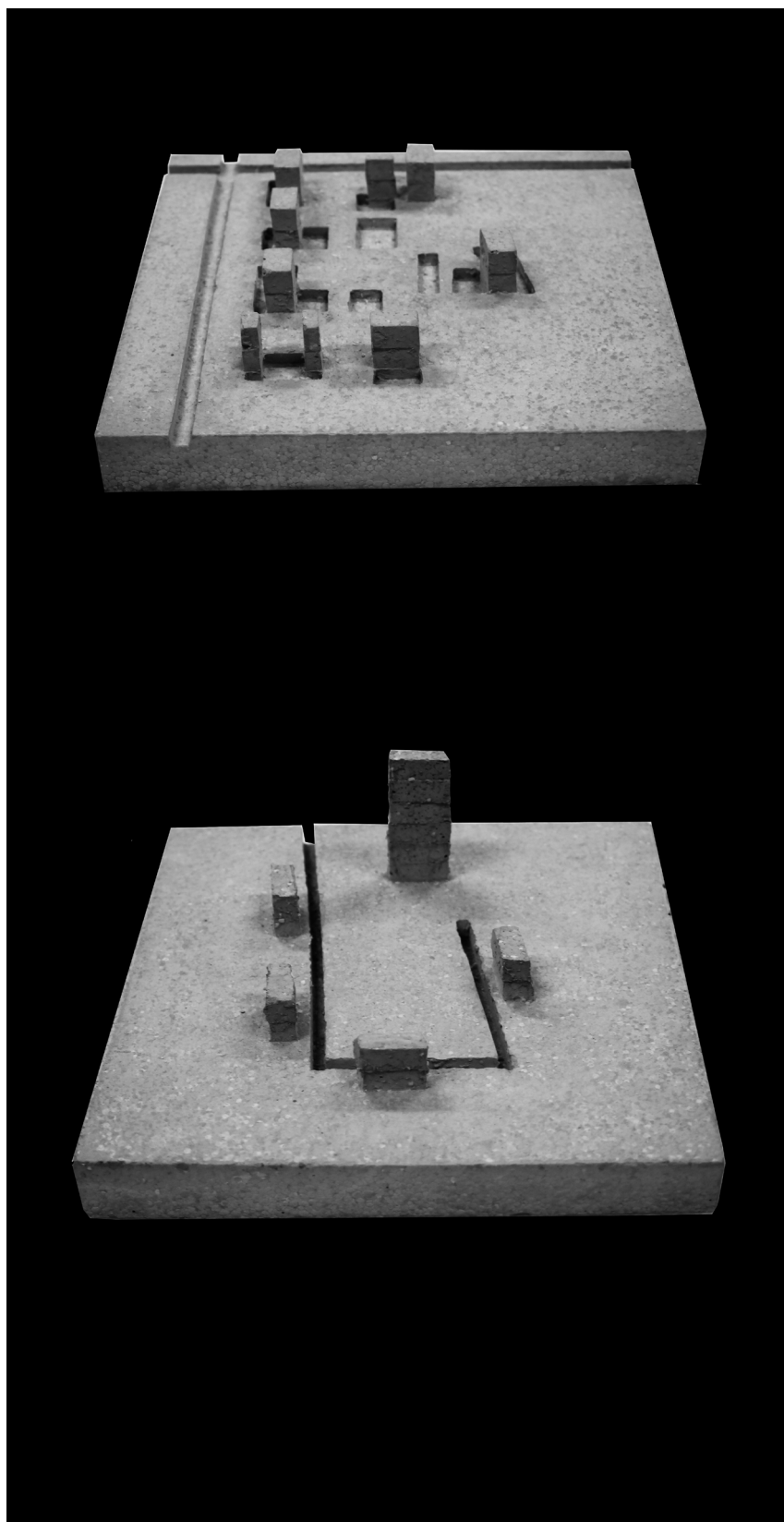


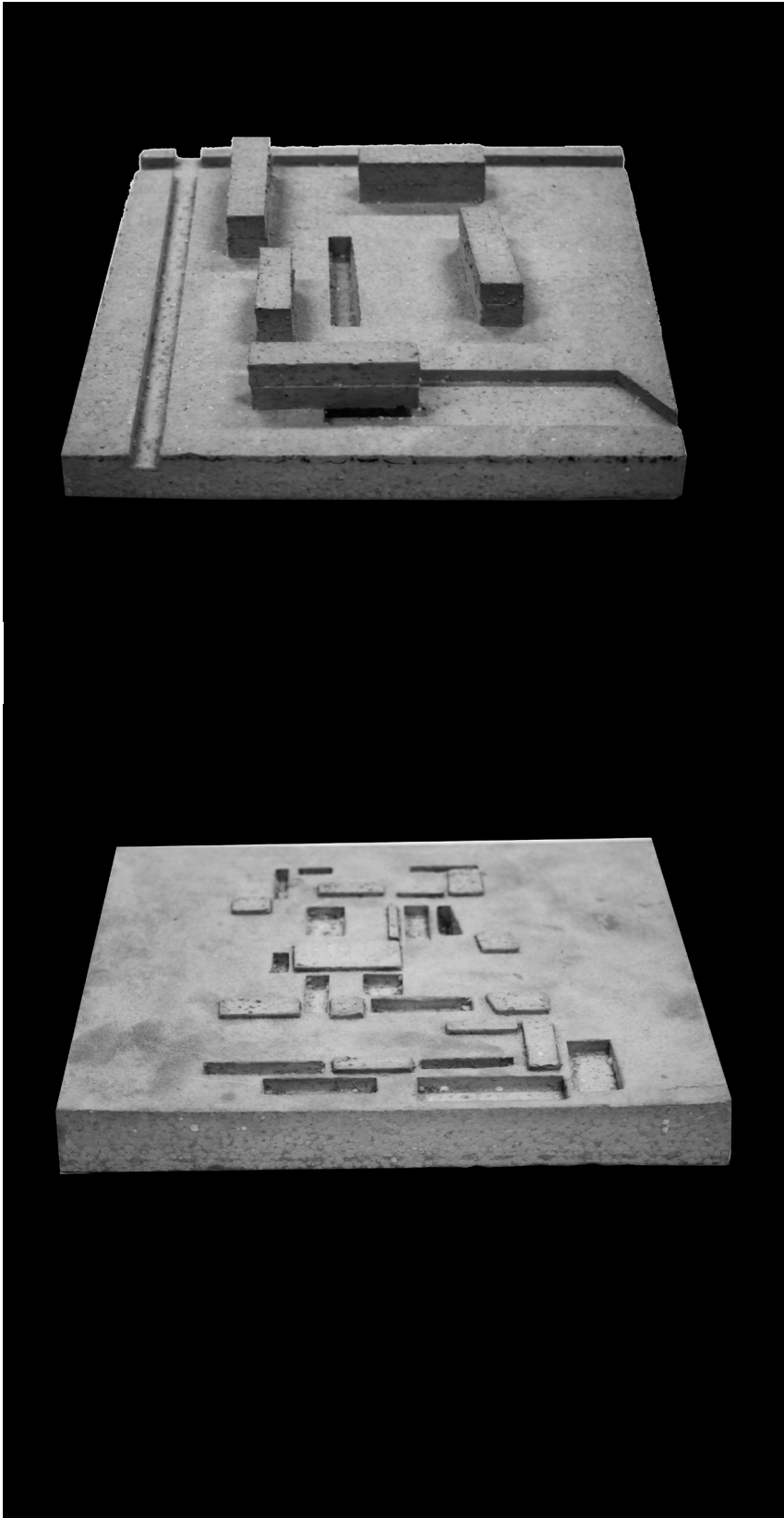
Maquetes,
Unidade Curricular de Projeto Integrado IIII
1º semestre 2023/24

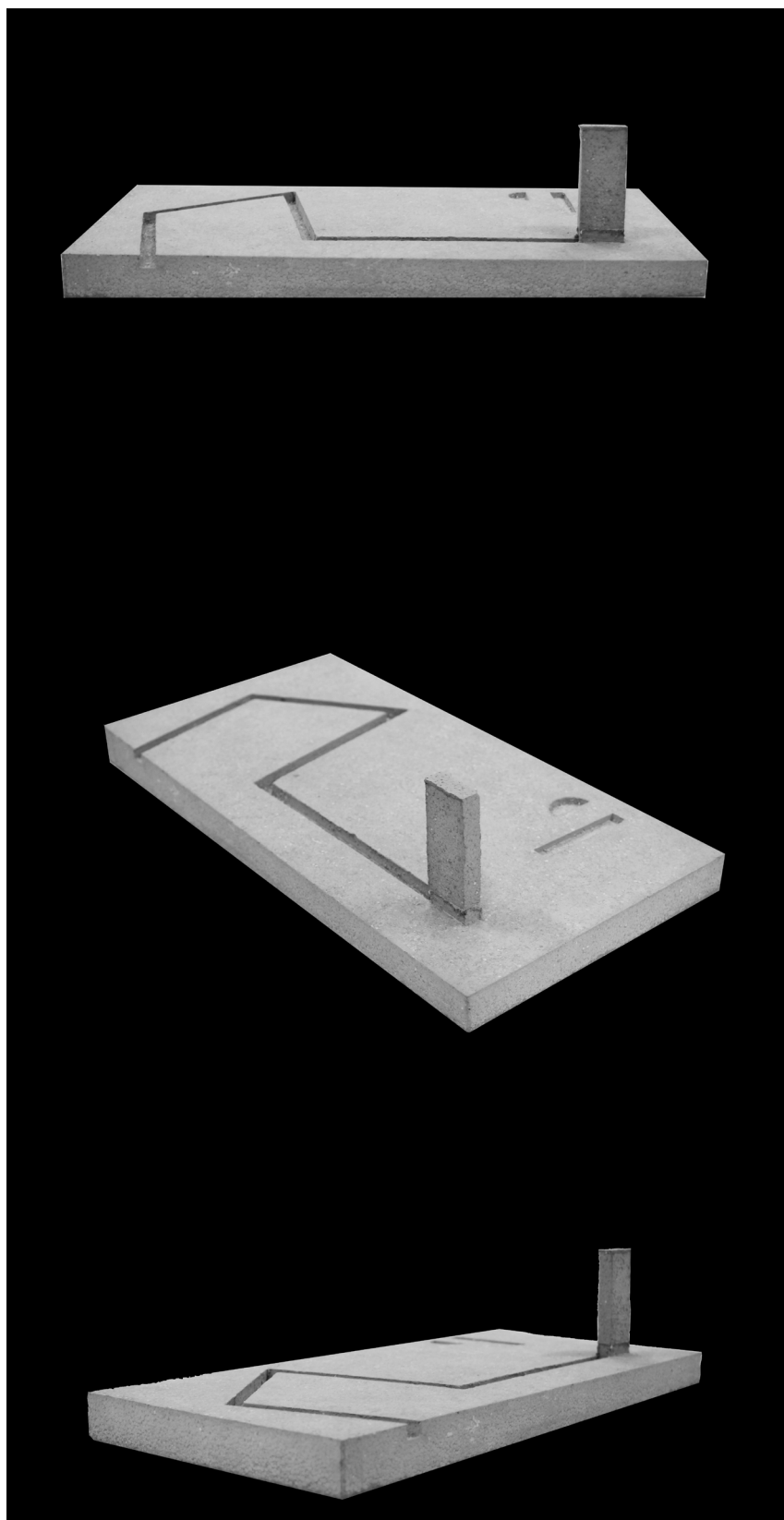


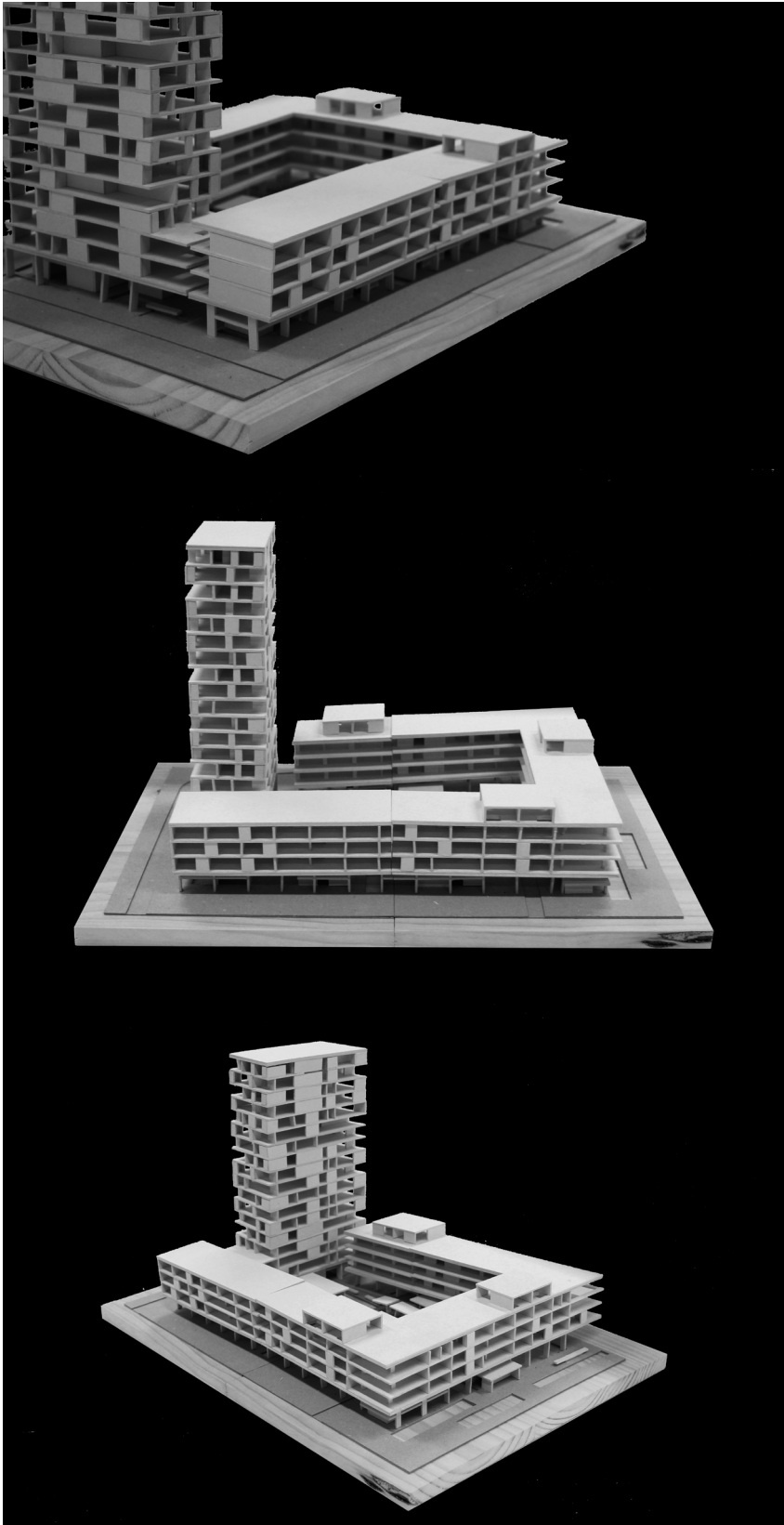


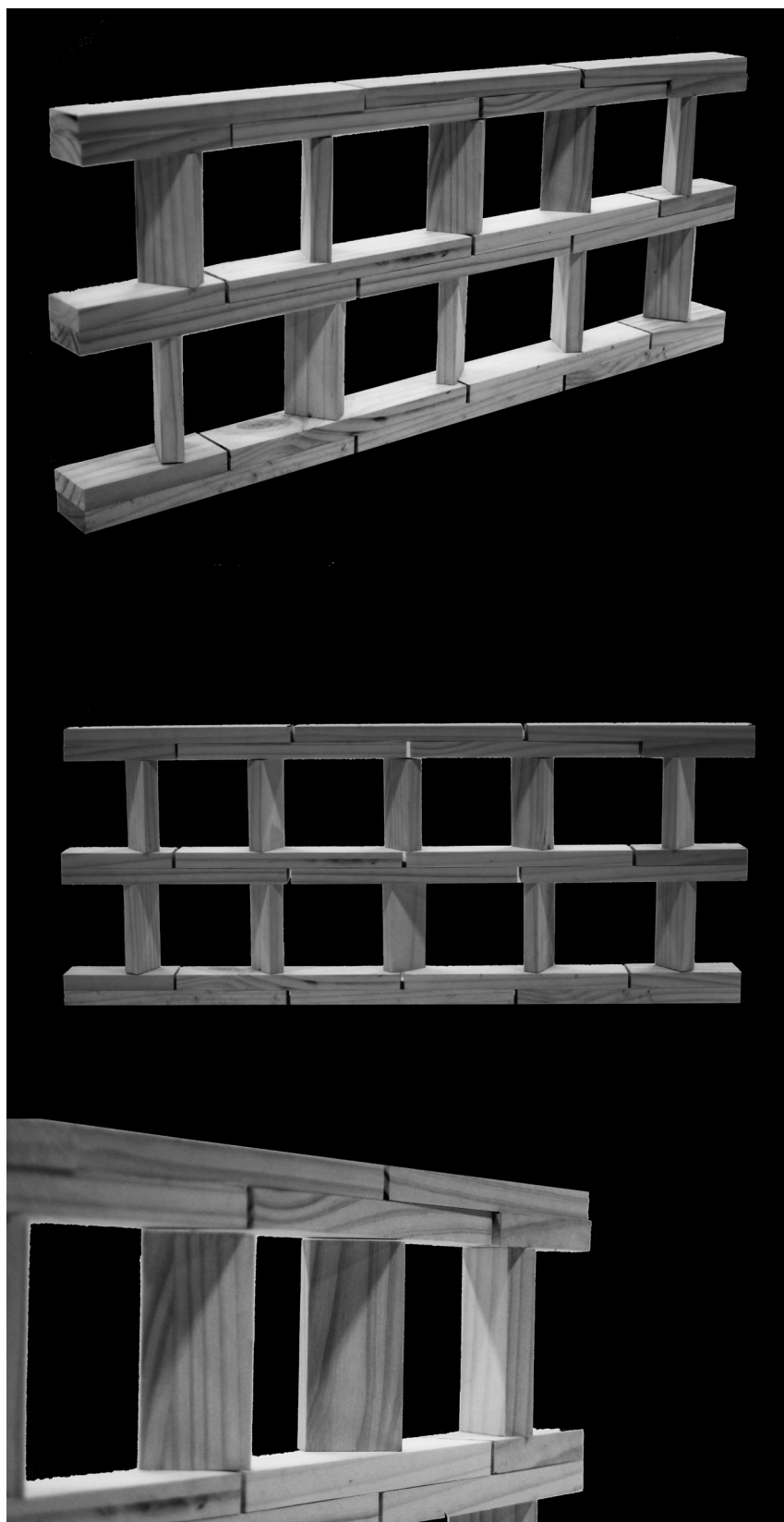


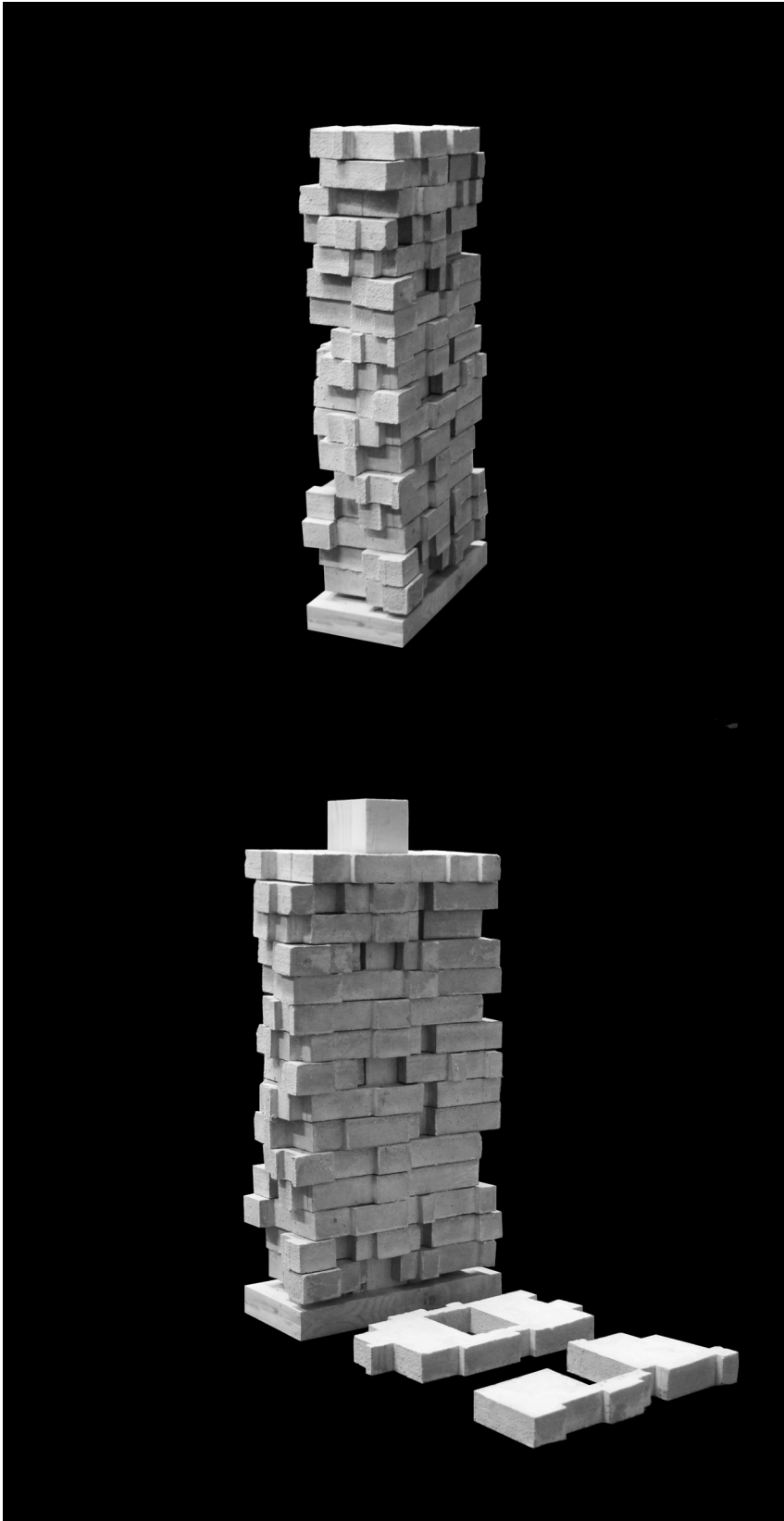












Paineis TFM



Planta Histórica com realce sobre a dimensão natural e produtiva do Vale



Ideograma Conceptual



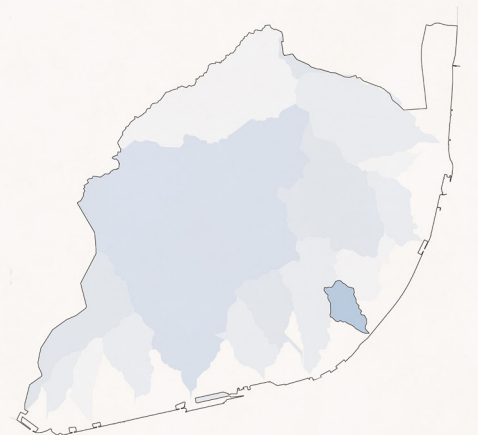
FIVE FINGERS PLAN | COPENHAGA



"FIVE FINGERS PLAN" | LISBOA



HIPSOMETRIA | LISBOA



BACIAS HIDROGRÁFICAS | LISBOA



Planta geral do Vale com envolvente



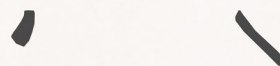
INFRAESTRUTURAS VERDES | LISBOA



BOSQUE URBANO



PARQUES URBANOS E ÁREAS AJARDINADAS



MERCADOS



HORTAS E AGRICULTURA

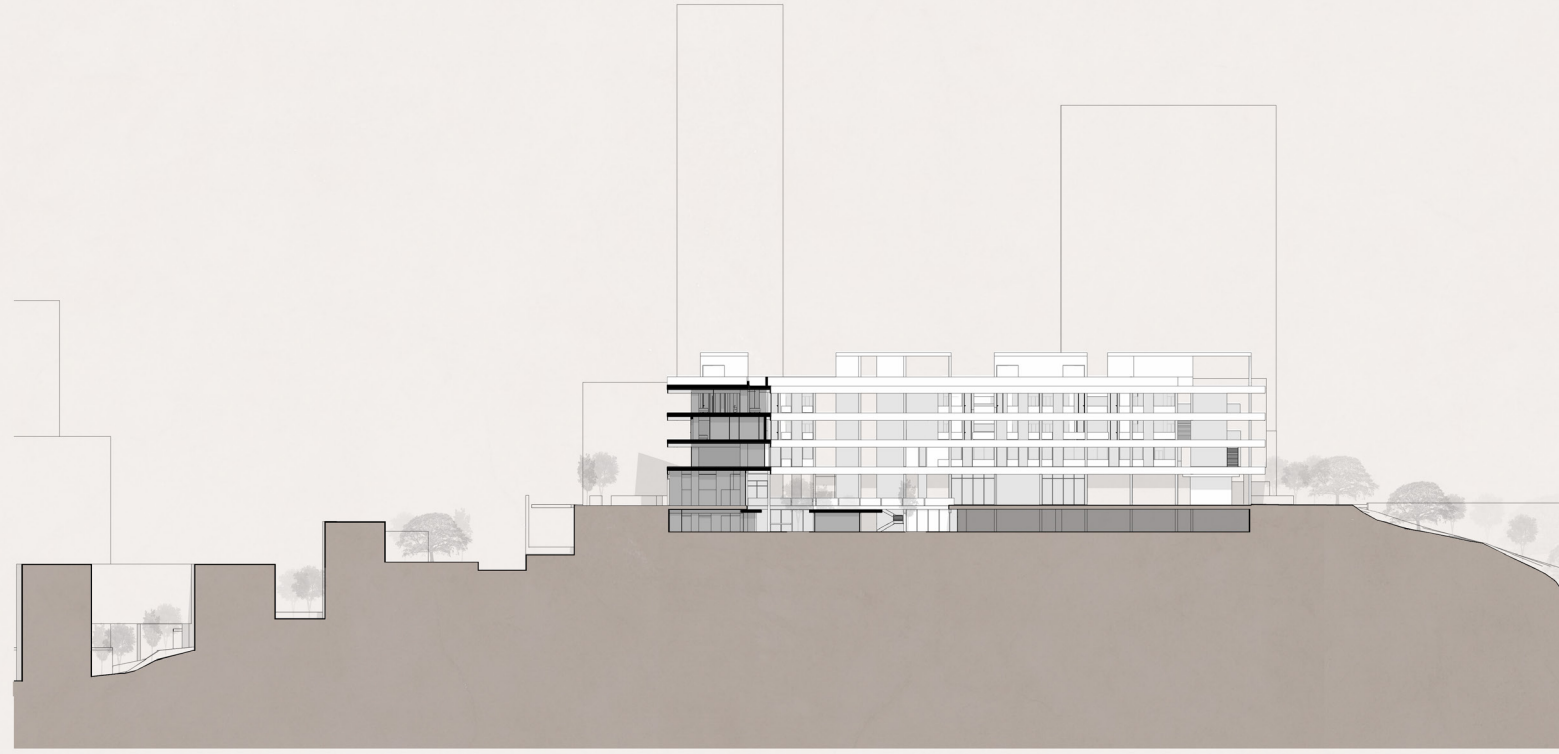


DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS VERDES



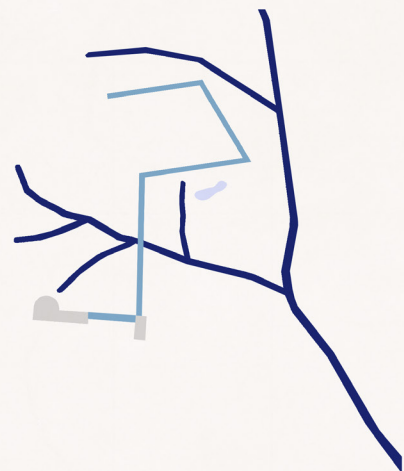
Planta Piso Térreo

Planta Piso Tipo

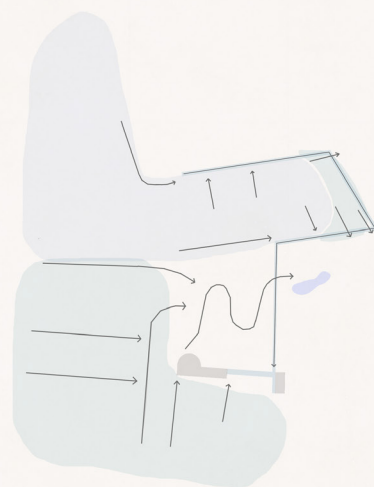




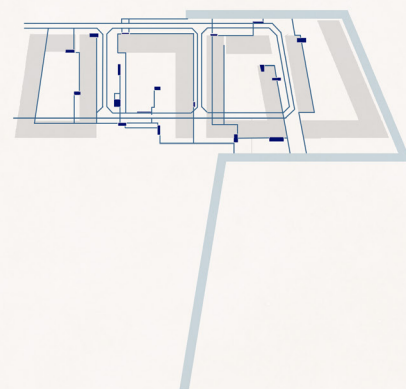
LINHAS DE ÁGUA | VALE



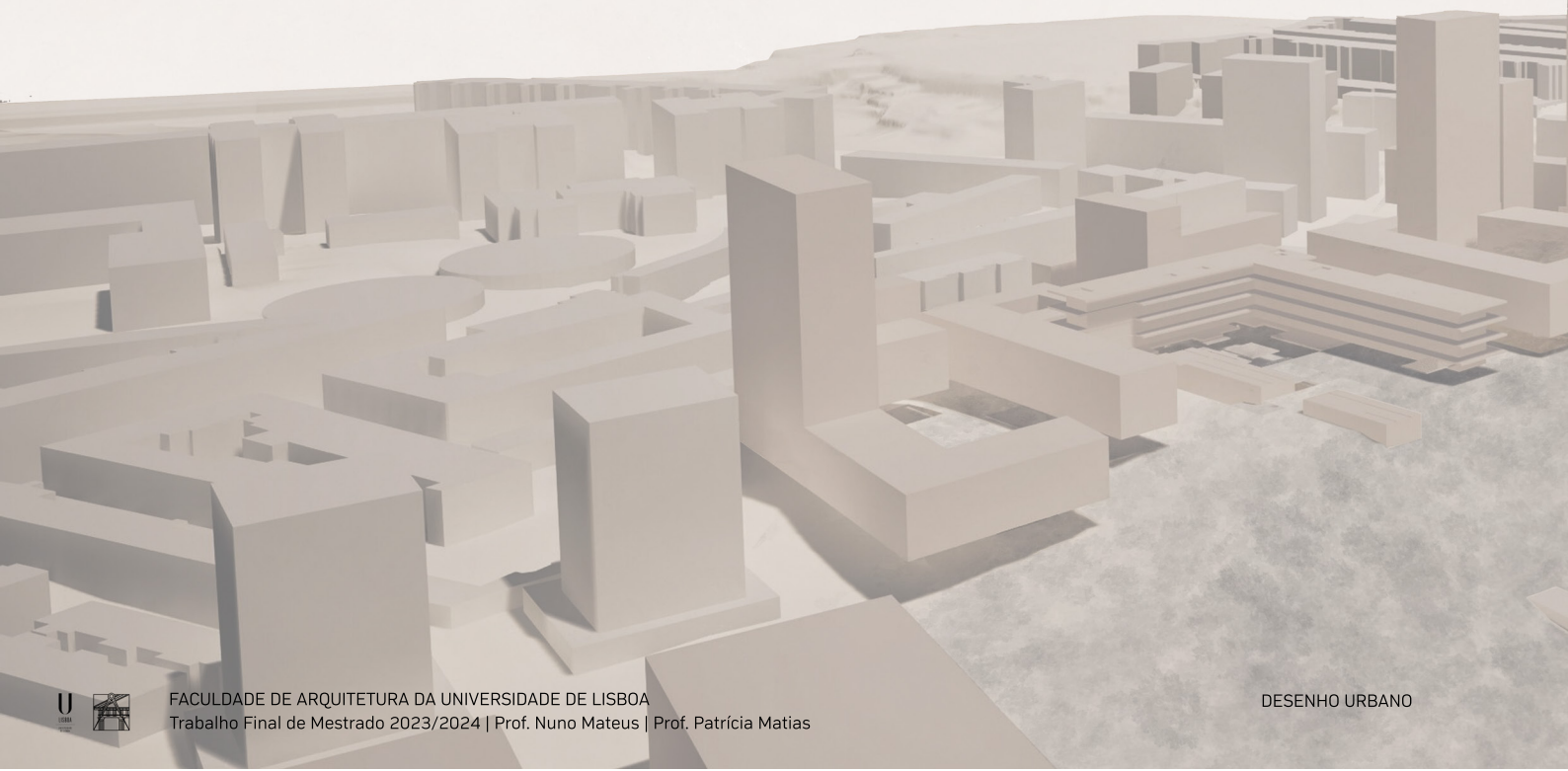
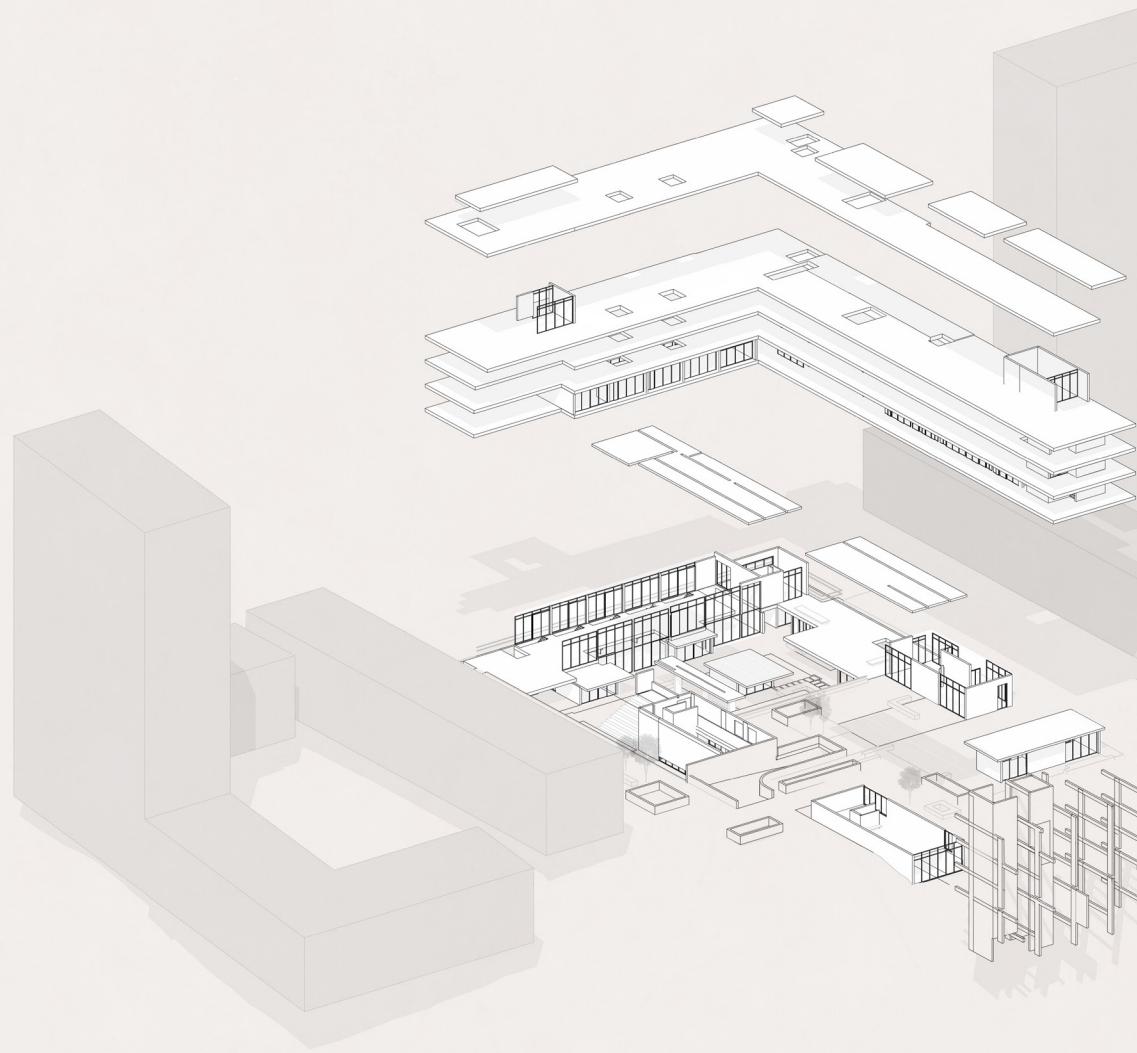
LINHA DE ÁGUA E GESTO PROPOSTO | VALE

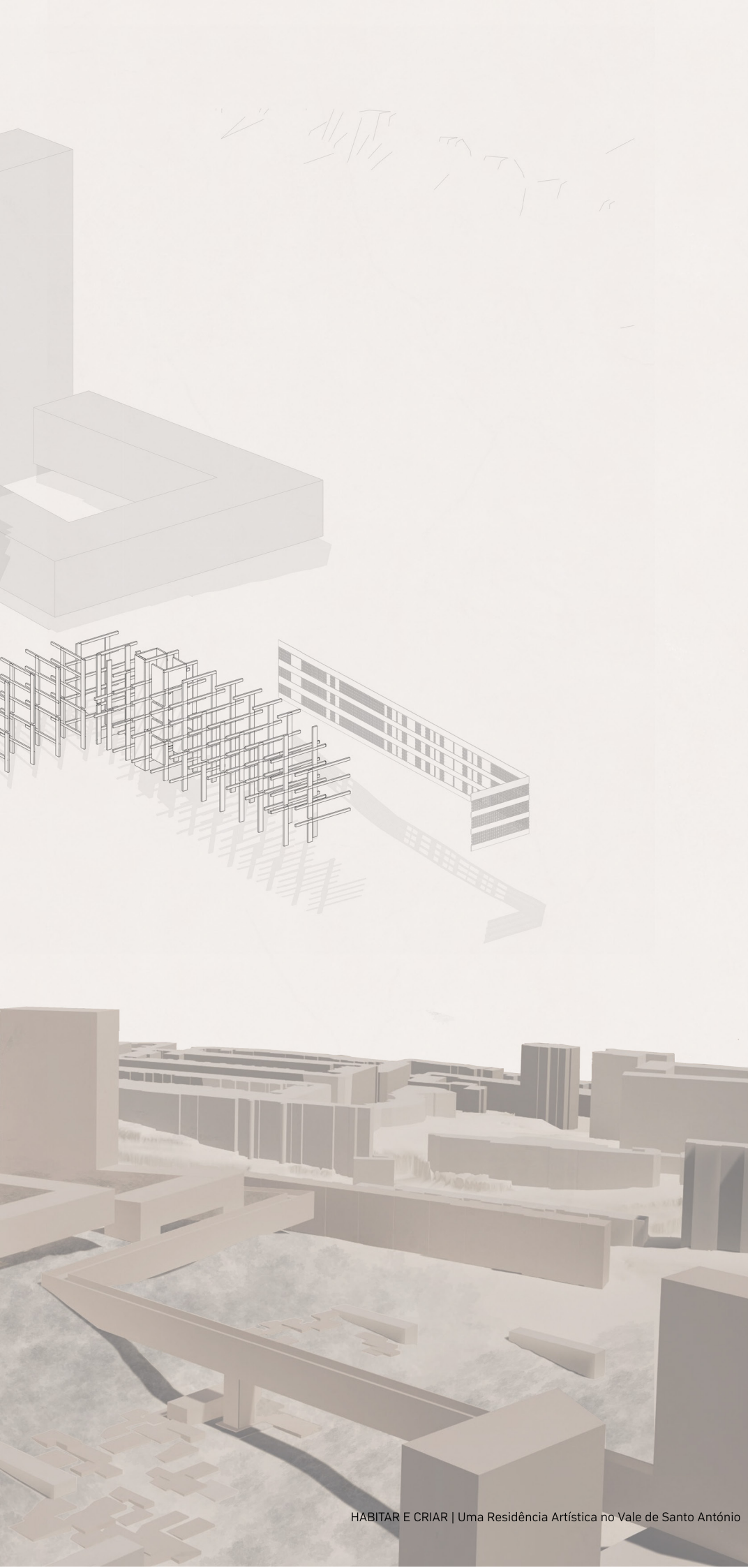


CICLO DA ÁGUA | VALE

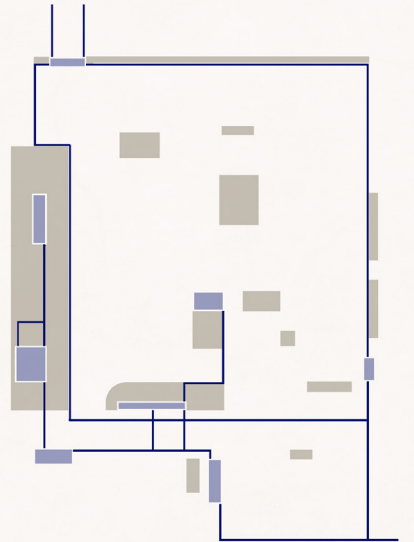


RECOLHA DE ÁGUA | QUARTEIRÃO





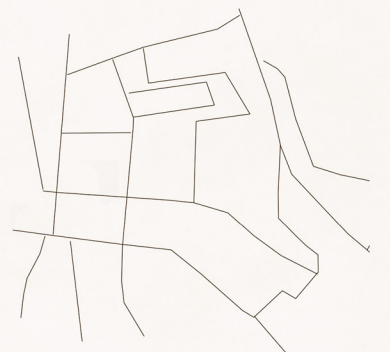
SISTEMA VERDE | VALE



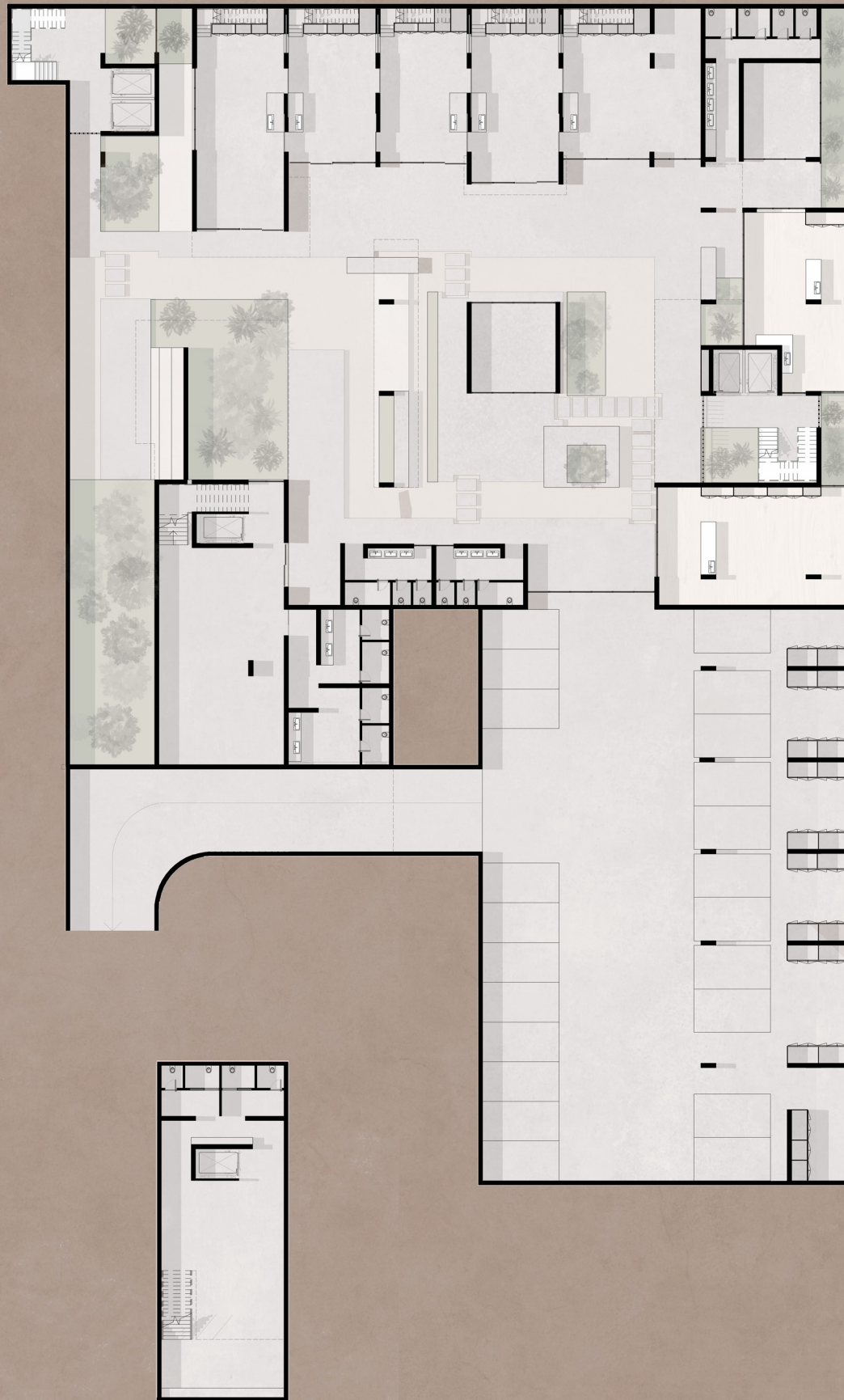
SISTEMA VERDE + SISTEMA DE ÁGUA | VALE



CIRCULAÇÃO PEDONAL | VALE



CICOLVIAS | VALE



B

B

A

A

C

C

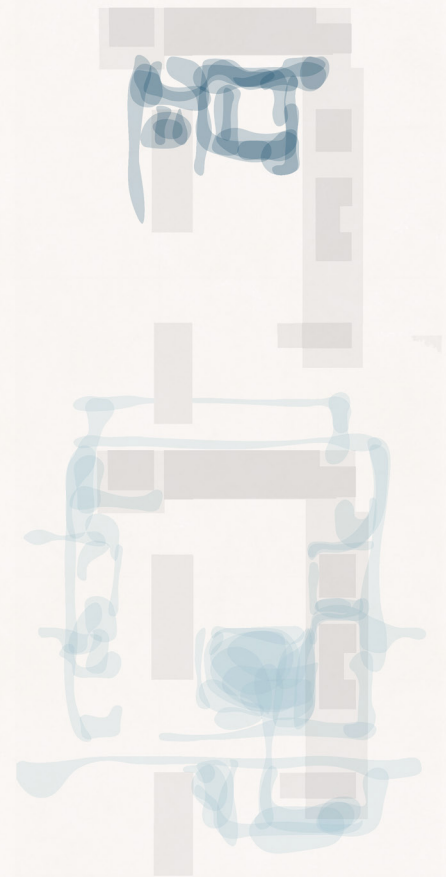
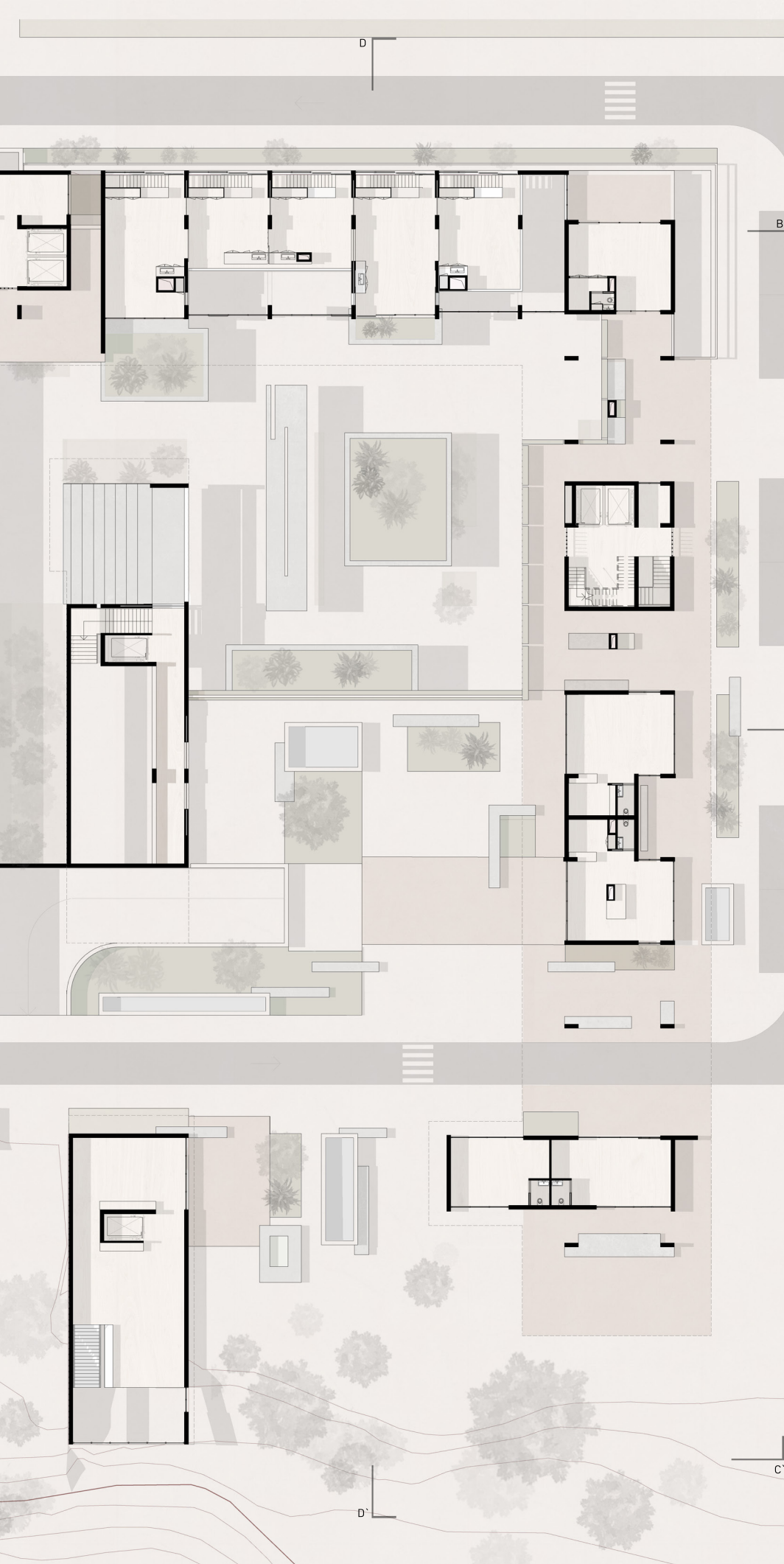
D

D

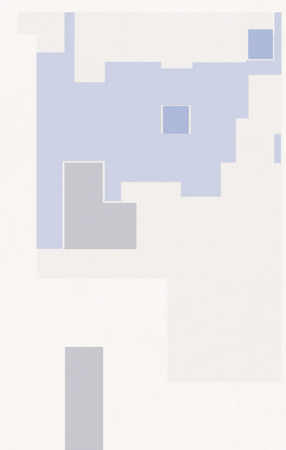
Piso -1

Piso Térreo

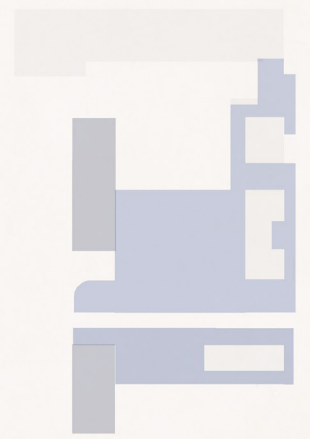




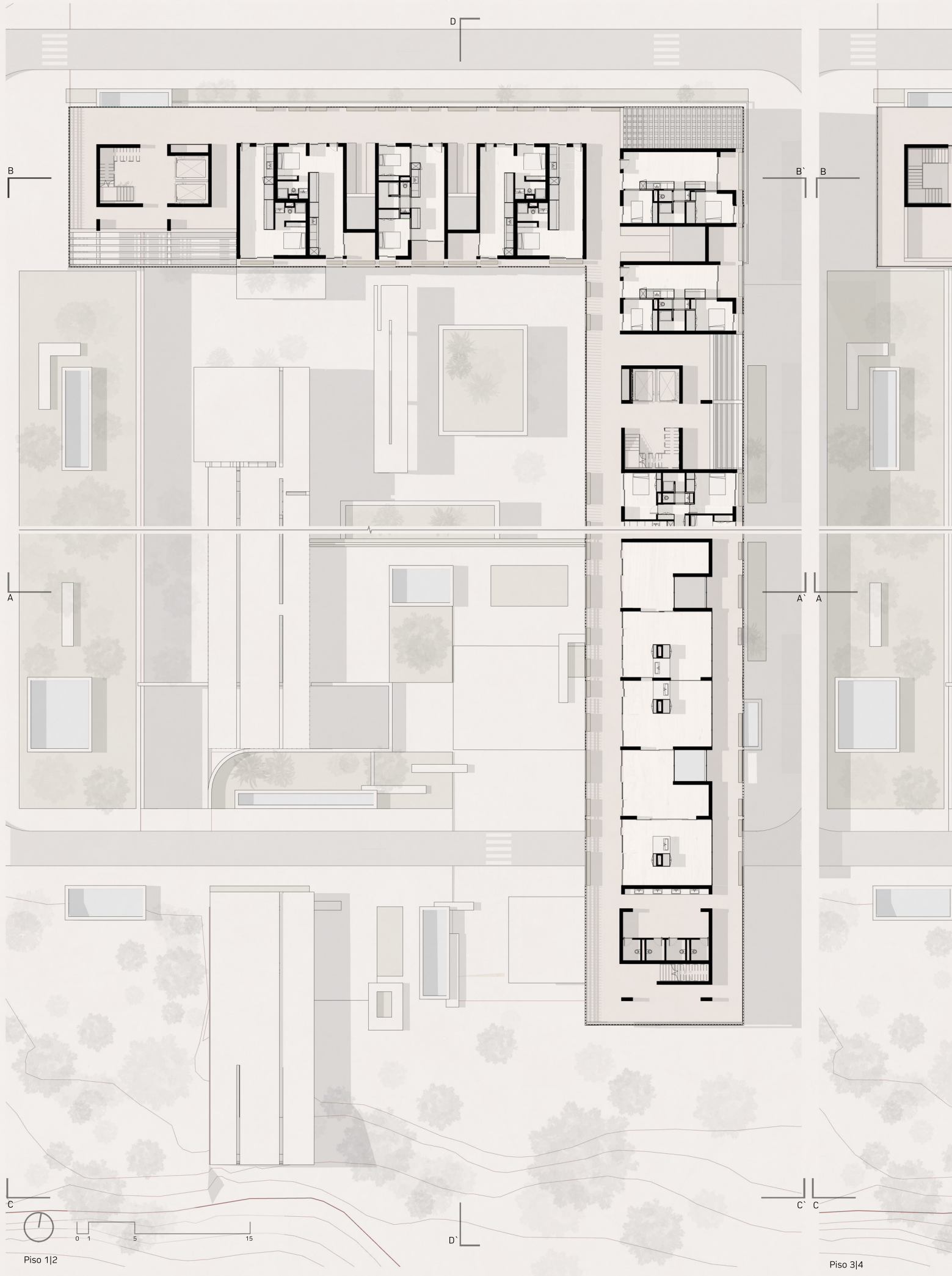
FLUXOS PEDONAIS NO ESPAÇO PÚBLICO E COMUNITÁRIO | QUARTEIRÃO



DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E COMUNITÁRIO | PISO -1



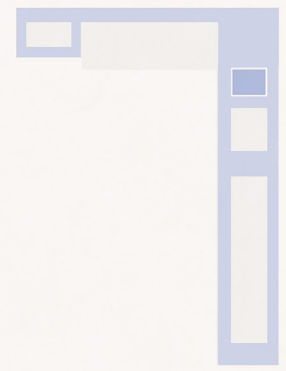
DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E COMUNITÁRIO | PISO 0



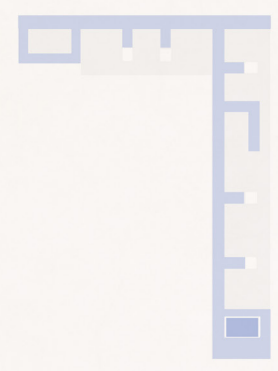
Piso 1|2

Piso 3|4





DISTRIBUIÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS E COMUNITÁRIO | PISO 1



DISTRIBUIÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS E COMUNITÁRIO | PISO 2/3

- Espaço comunitário
- Espaço comunitário interior
- Espaço público
- Espaço destinado ao público



T2/ T1



T3/ T2



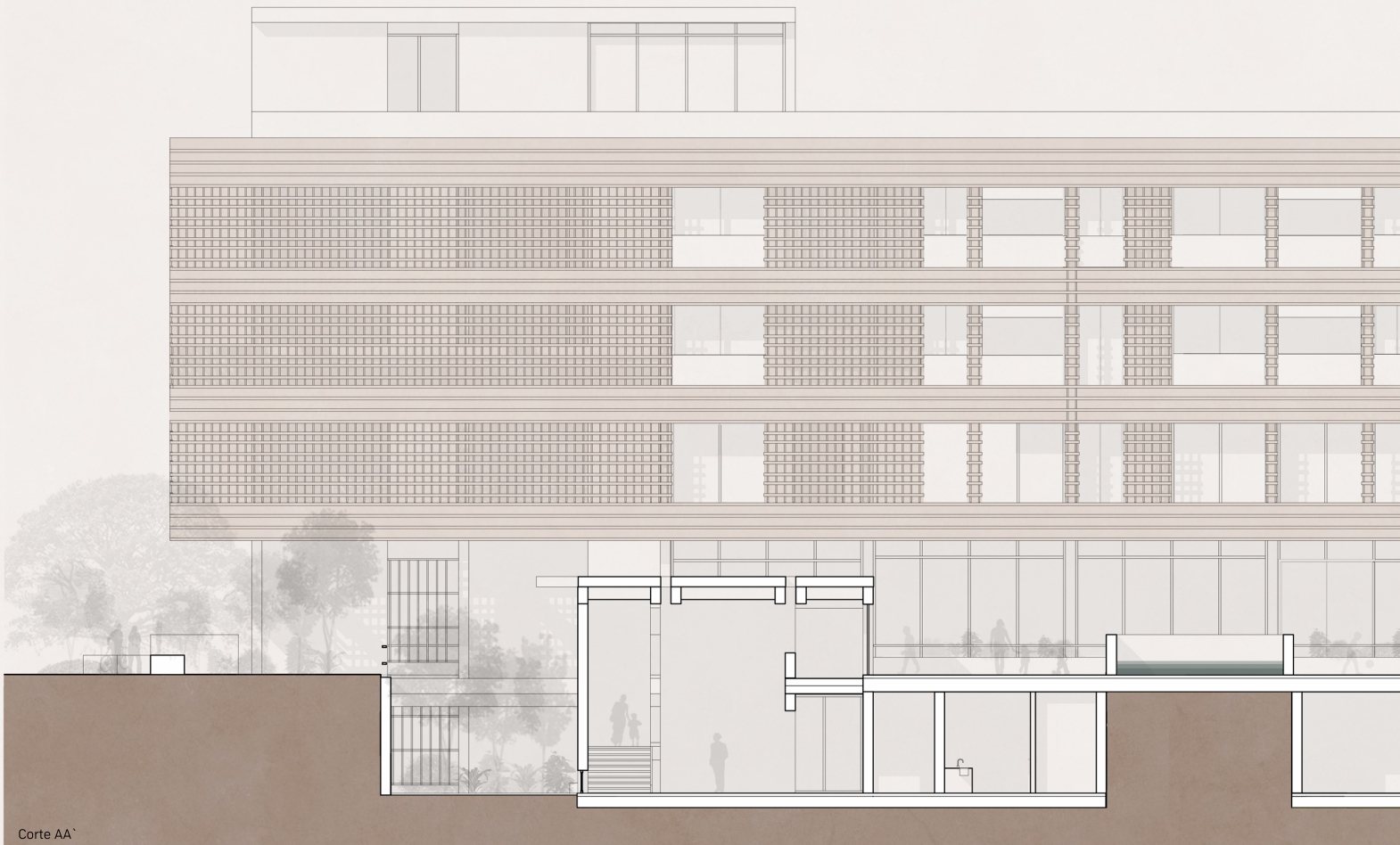
T1



T1 duplex



FLEXIBILIDADE DOS FOGOS



Corte AA'



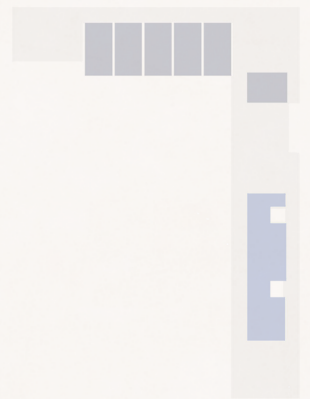
Corte BB'



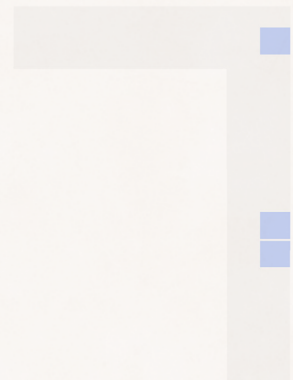
ESPAÇOS DE TRABALHO | PISO -1



ESPAÇOS DE TRABALHO | PISO 0



ESPAÇOS DE TRABALHO | PISO 1



ESPAÇOS DE TRABALHO | PISO 4

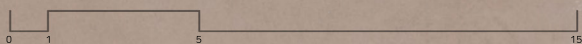
- Espaços de ateliers flexíveis, com zonas de pé-direito duplo
- Espaços de ateliers flexíveis
- Espaços de ateliers fixos
- Ateliers accossidos a habitação



Corte CC'



Corte DD'

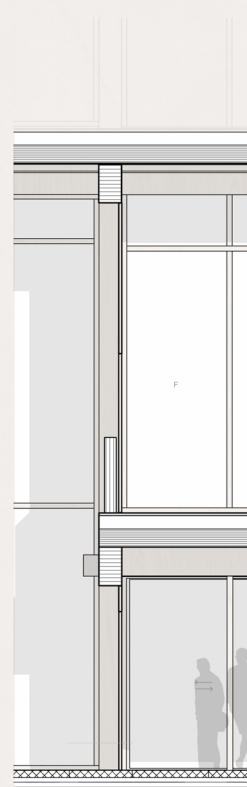
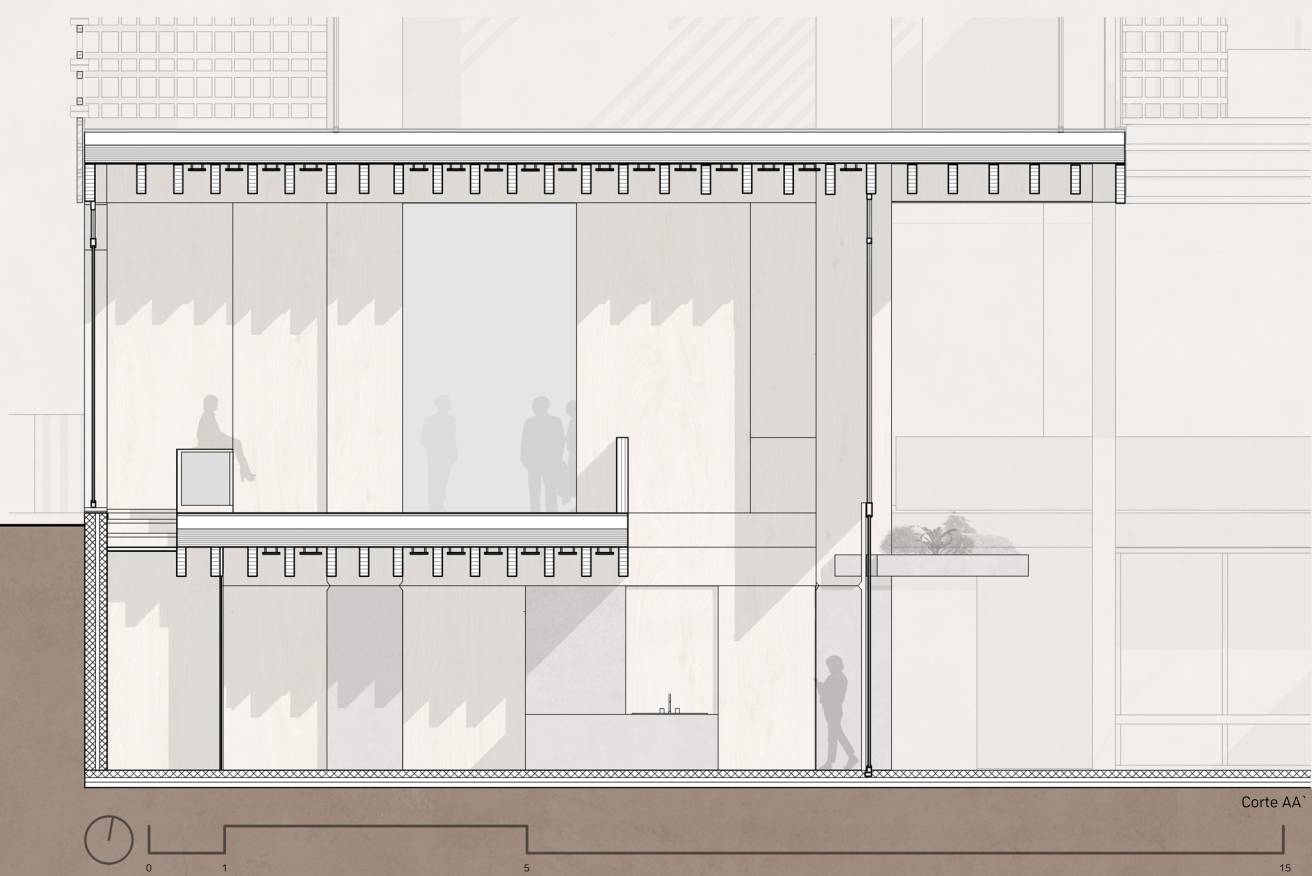
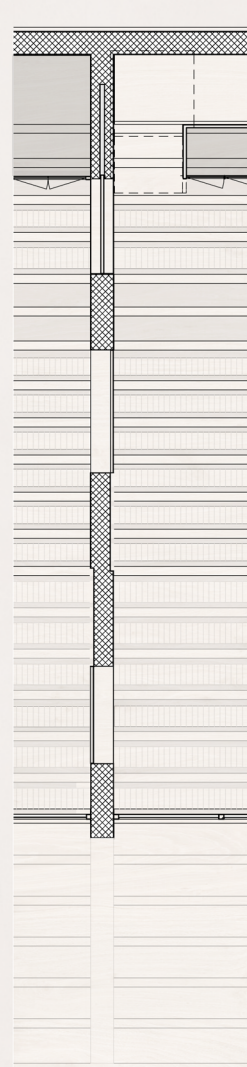
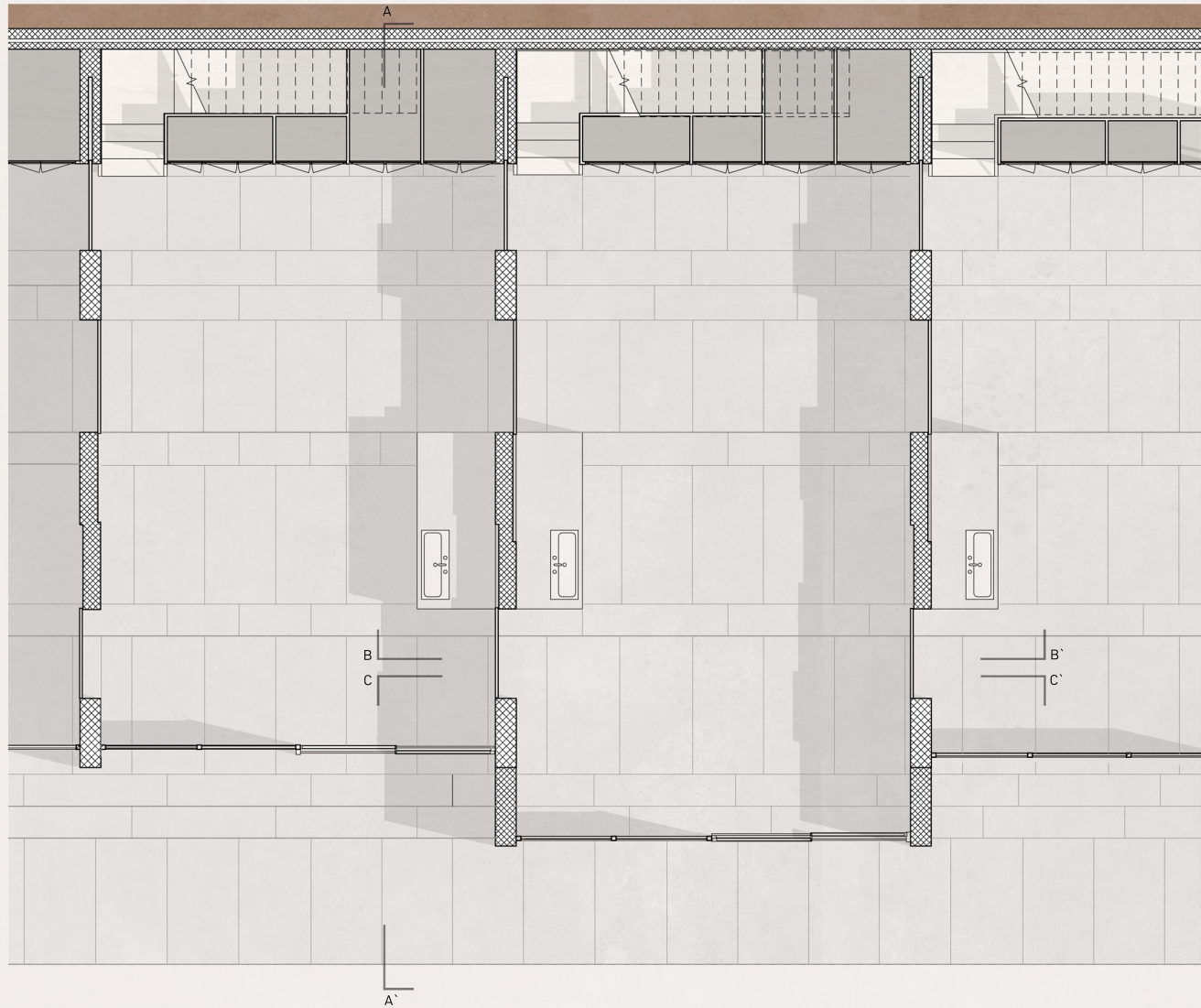


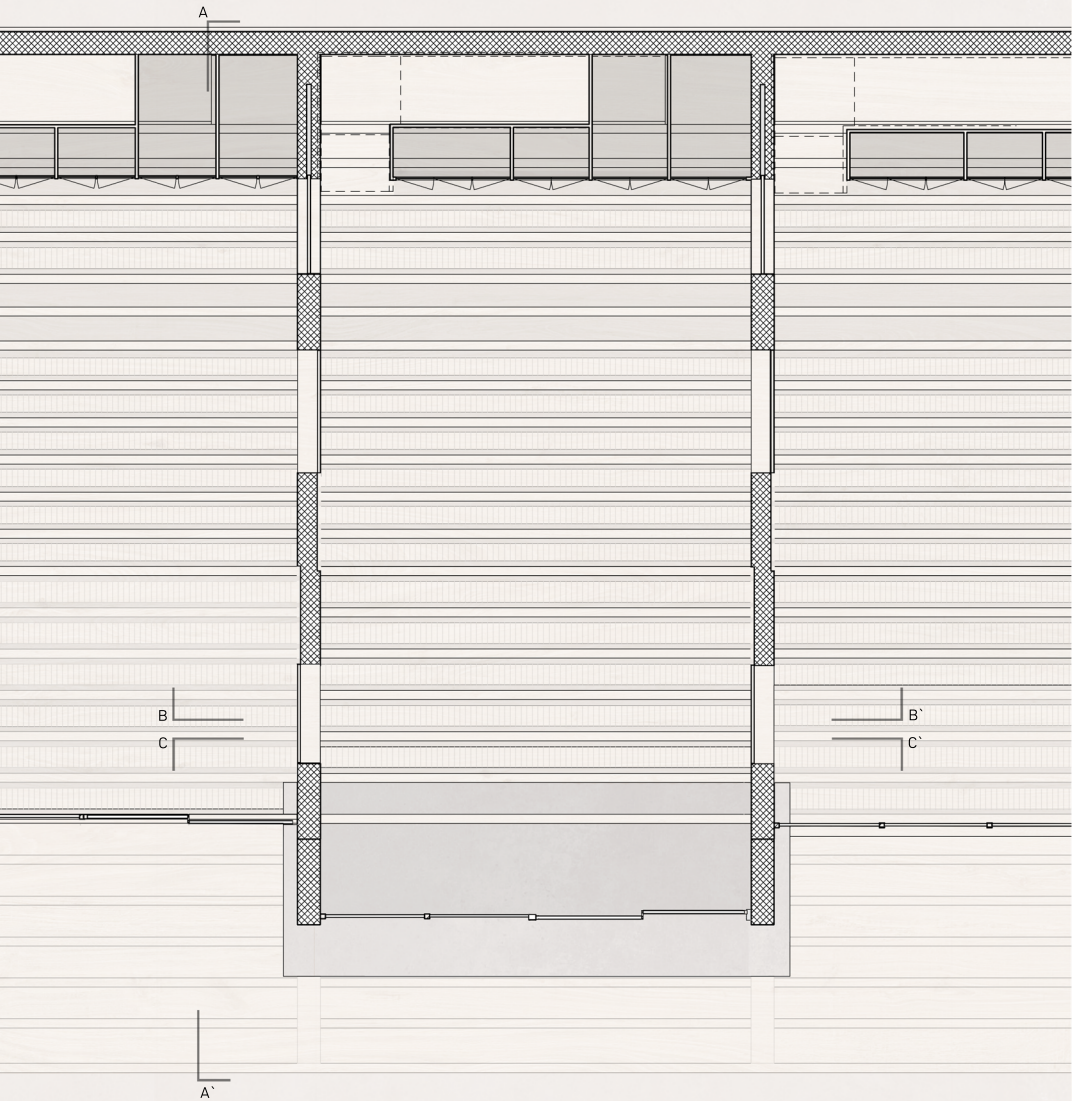


DISTRIBUIÇÃO TIPOLOGICA

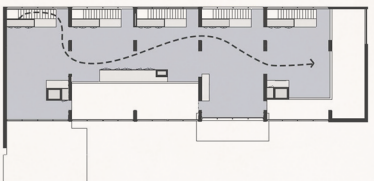
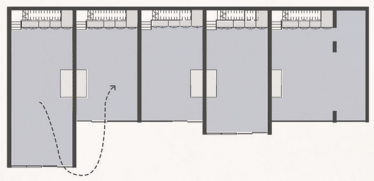
- T1
- T3
- T2
- T1 duplex



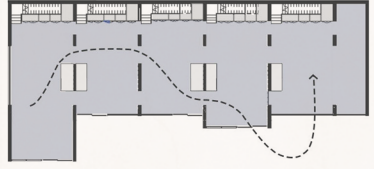




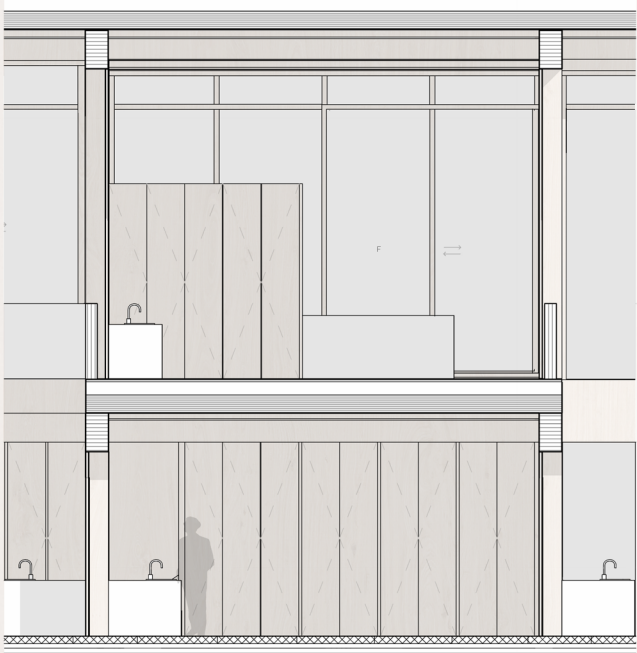
FLEXIBILIDADE DO ESPAÇO | PISO -1



FLEXIBILIDADE DO ESPAÇO | PISO 0



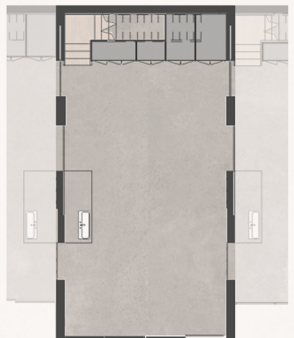
Corte CC'



Corte BB'



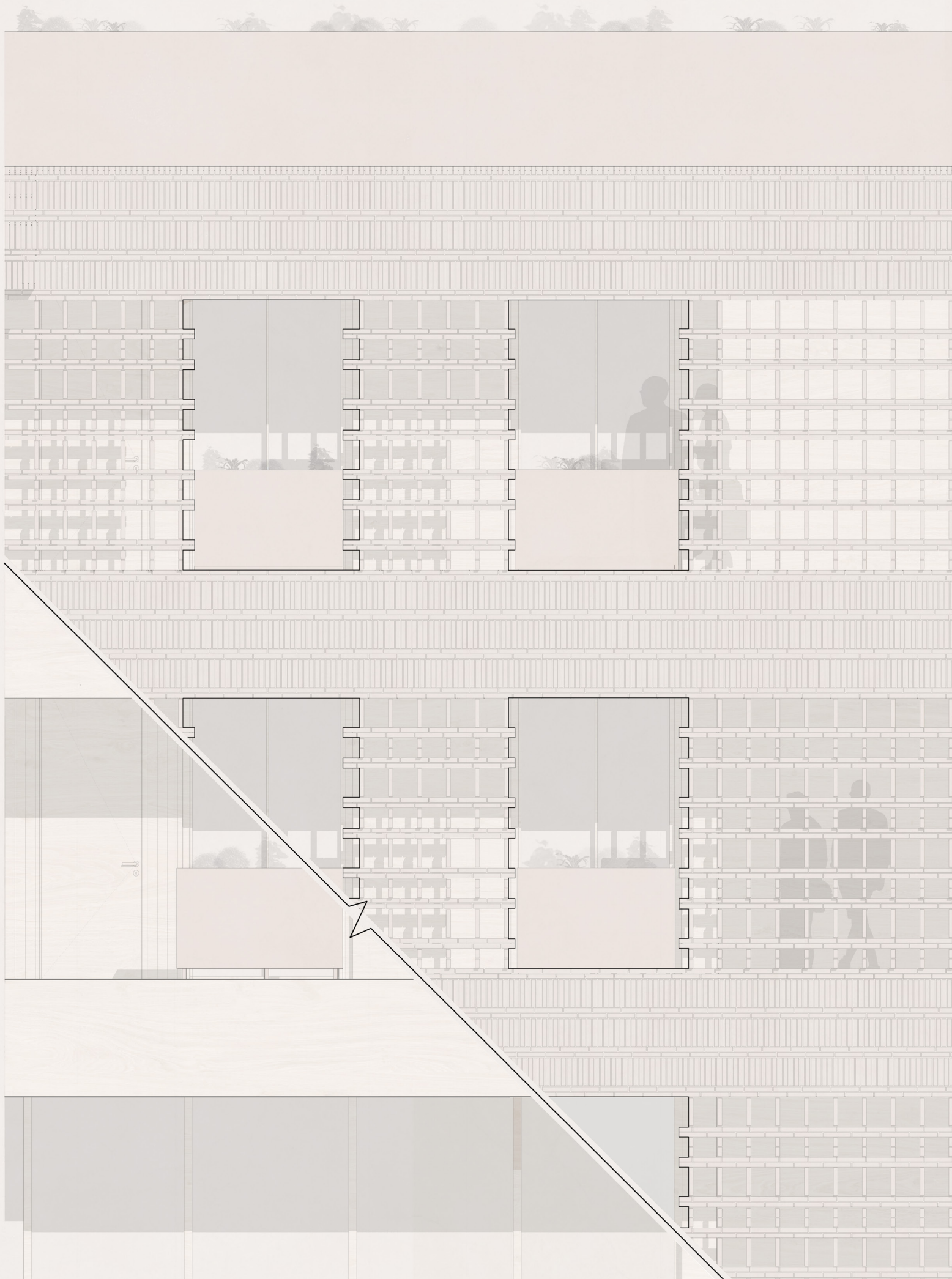
MATERIALIDADE | PISO 0

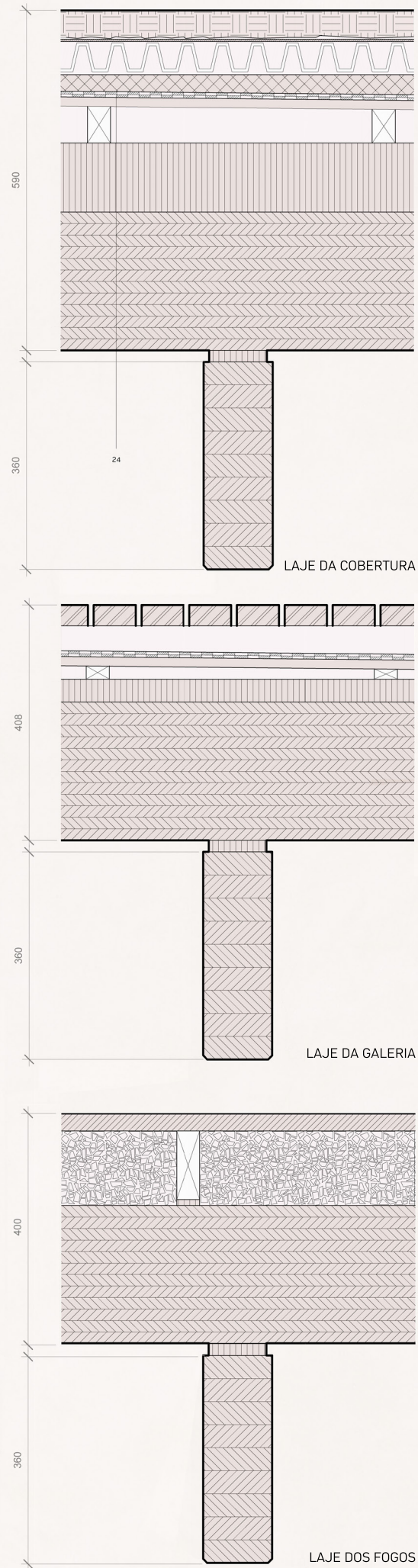
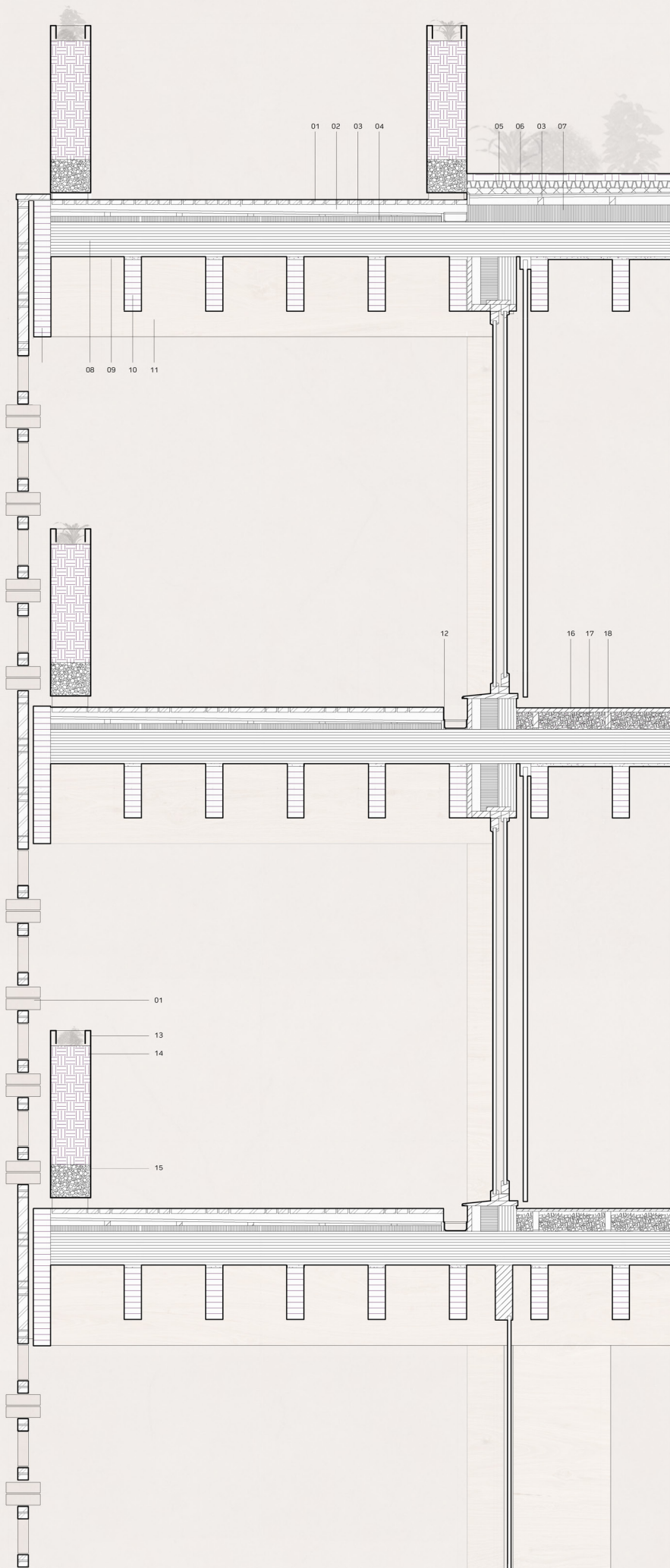


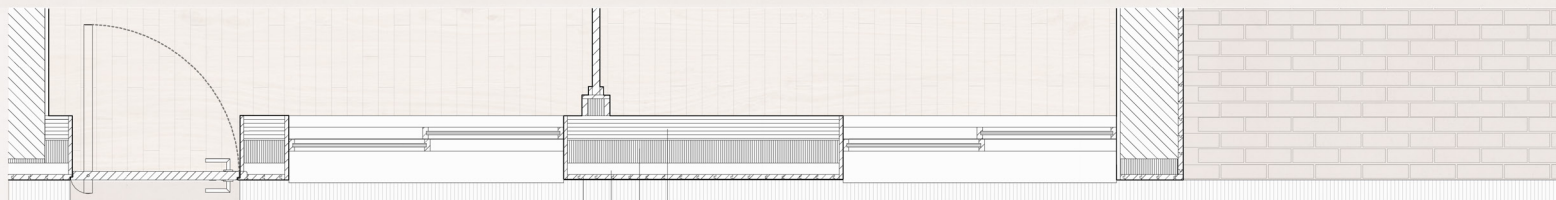
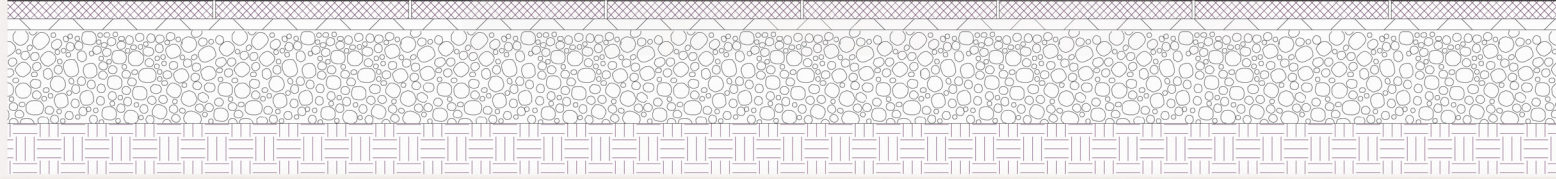
MATERIALIDADE | PISO -1











25 26 27 28



01- Tijolo Vande Moortel Linea7 240x73x38mm

02- Guias em argamassa para assentamento de tijolo

03- Painel de OSB 116mm

04- Cortiça 40mm

05- Elemento de drenagem Floradrain FD 25-E

06- Leca

07- Cortiça 120mm

08- Laje CLT 240mm

09- Cortiça 20mm

10- Viga Glulam 120x360mm

11- Viga Glulam 320x560mm

12- Caleira em zinco

13- Aço corten 5mm

14- Terra Vegetal

15- Gravelha 230mm

16- Pavimento de madeira maciça de carvalho 20mm

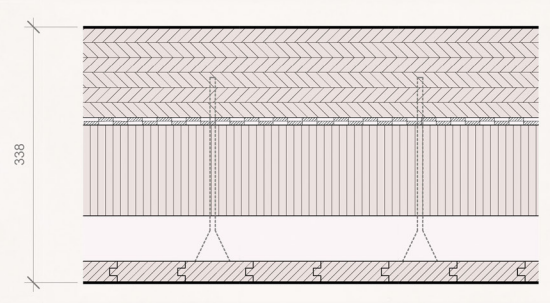
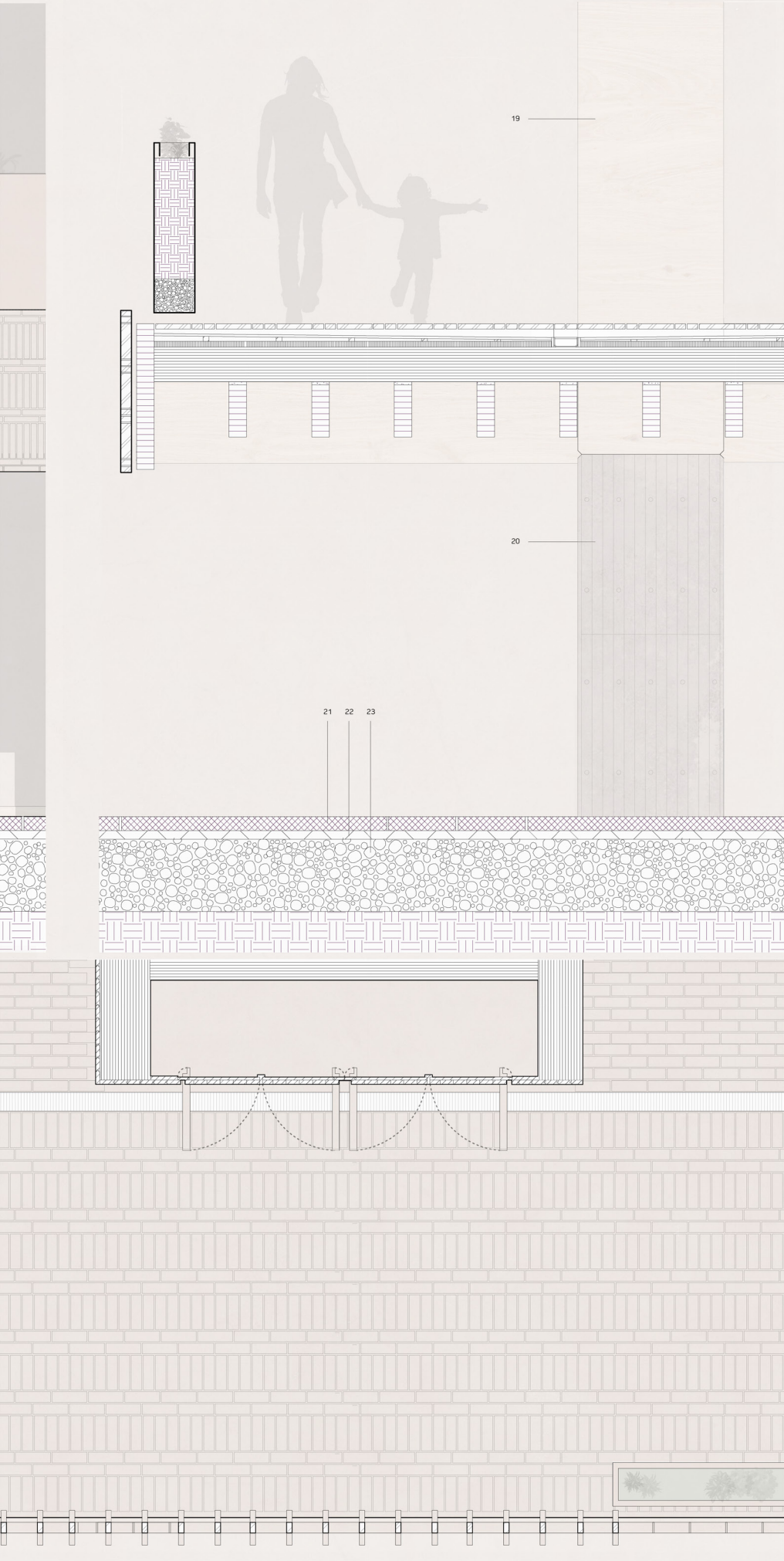
17- Aglomerado de cortiça 140mm

18- Cortiça 10mm

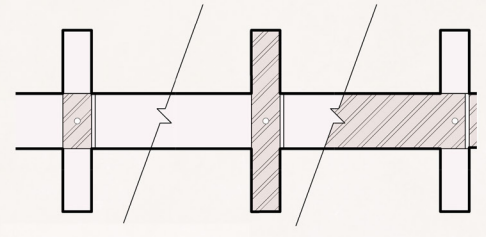
19- Pilar de glulam 1000x300mm

20- Pilar de betão 1000x300 mm, com cofragem de madeira com tábuas de 73x12

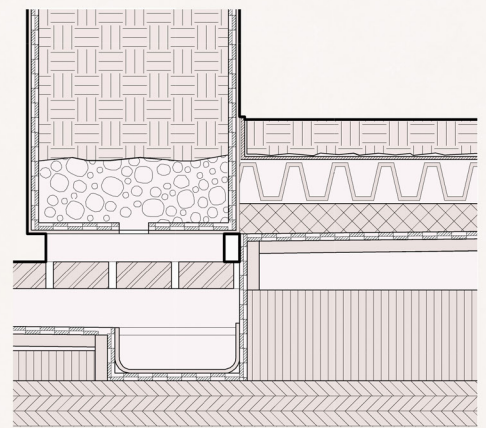




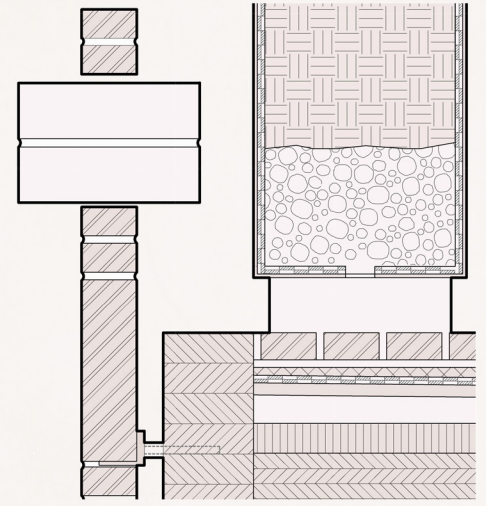
PAREDES EXTERIORES



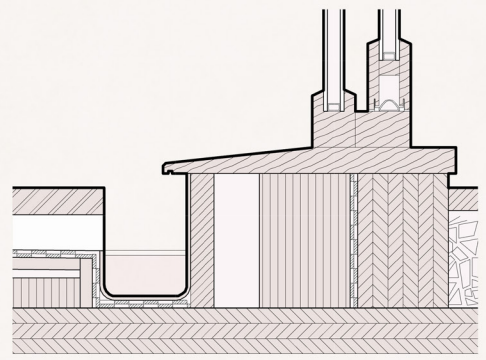
REVESTIMENTO EM TIJOLO



ENCONTRO ENTRE LAJES NA COBERTURA



FIXAÇÃO DO REVESTIMENTO EM TIJOLO



PERFIL DAS JANELAS DE CORRER

- 21- Pavimento de betão
- 22- Betonilha de assentamento 60mm
- 23- Gravilha
- 24- Tela impermeabilizante dupla
- 25- Revestimento em madeira de carvalho 0.9 x 0.3mm
- 26- Caixa de ar 60mm
- 27- Cortiça 1200mm
- 28- CLT 120mm

Painéis

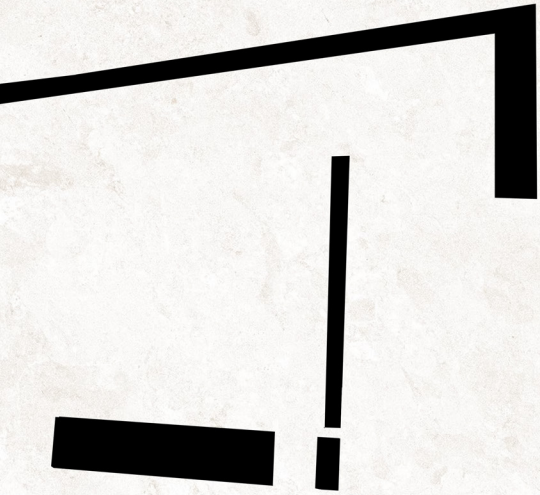
Unidade Curricular Projeto Integrado III

1º semestre 2023/24

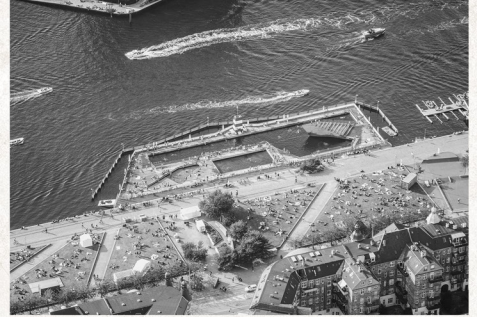


PLANTA HISTÓRICA COM REALCE SOBRE A DIMENSÃO NATURAL E/OU PRODUTIVA DO VALE

IDEOGRAMA CONCEPTUAL



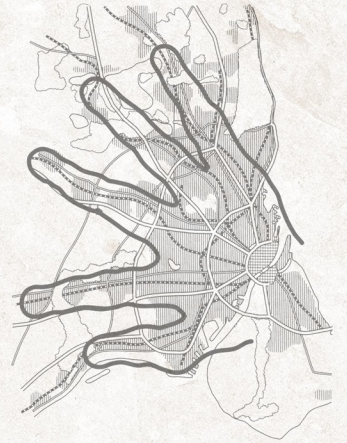
CHEONGGYECHEON | SEUL, COREIA DO SUL



HARBOUR BATHS | COPENHAGA, DINAMARCA



LITTLE ISLAND | HUDSON RIVER PARK, NOVA IORCK



FIVE FINGER PLAN | COPENHAGA, DINAMARCA



PROPOSTA FIVE FINGER PLAN | LISBOA



PLANTA GERAL DO VALE COM ENVOLVENTE





SISTEMA HUMIDO | LISBOA



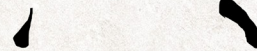
BOSQUES



HORTAS



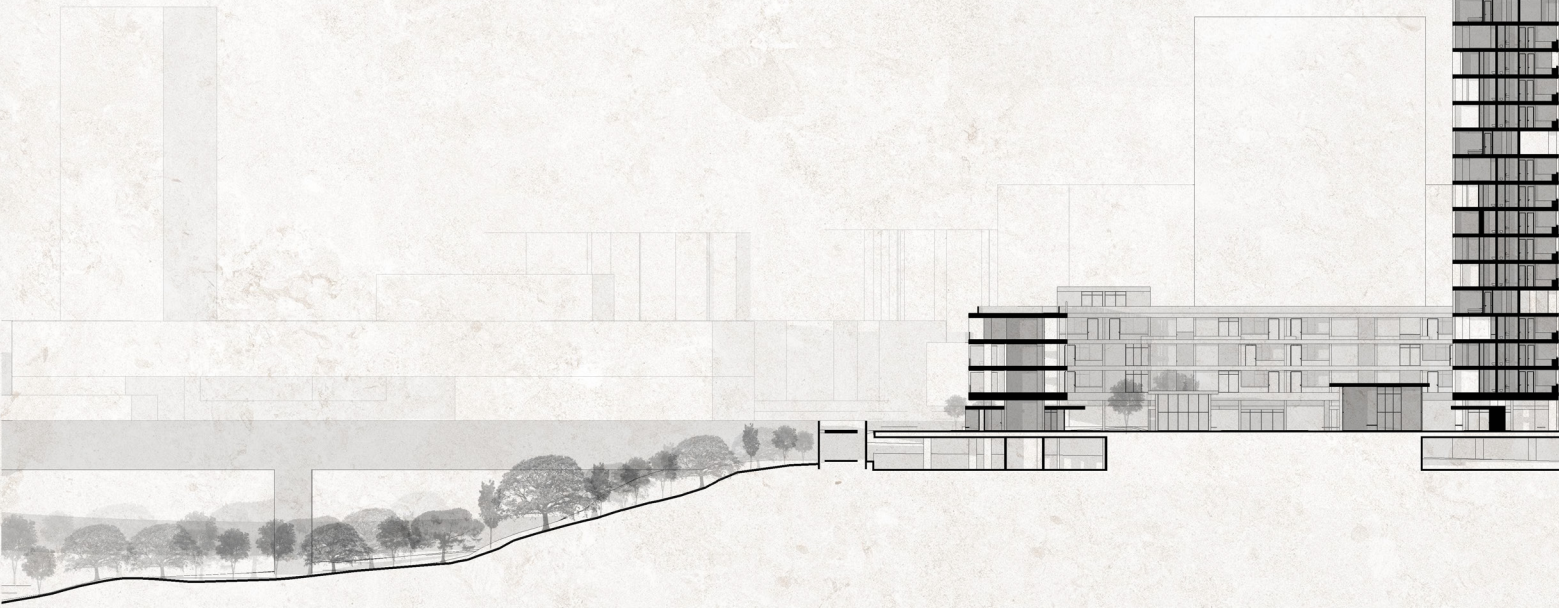
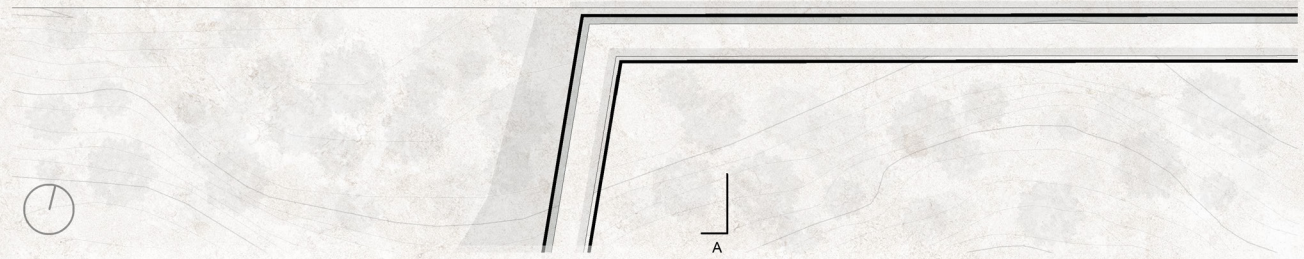
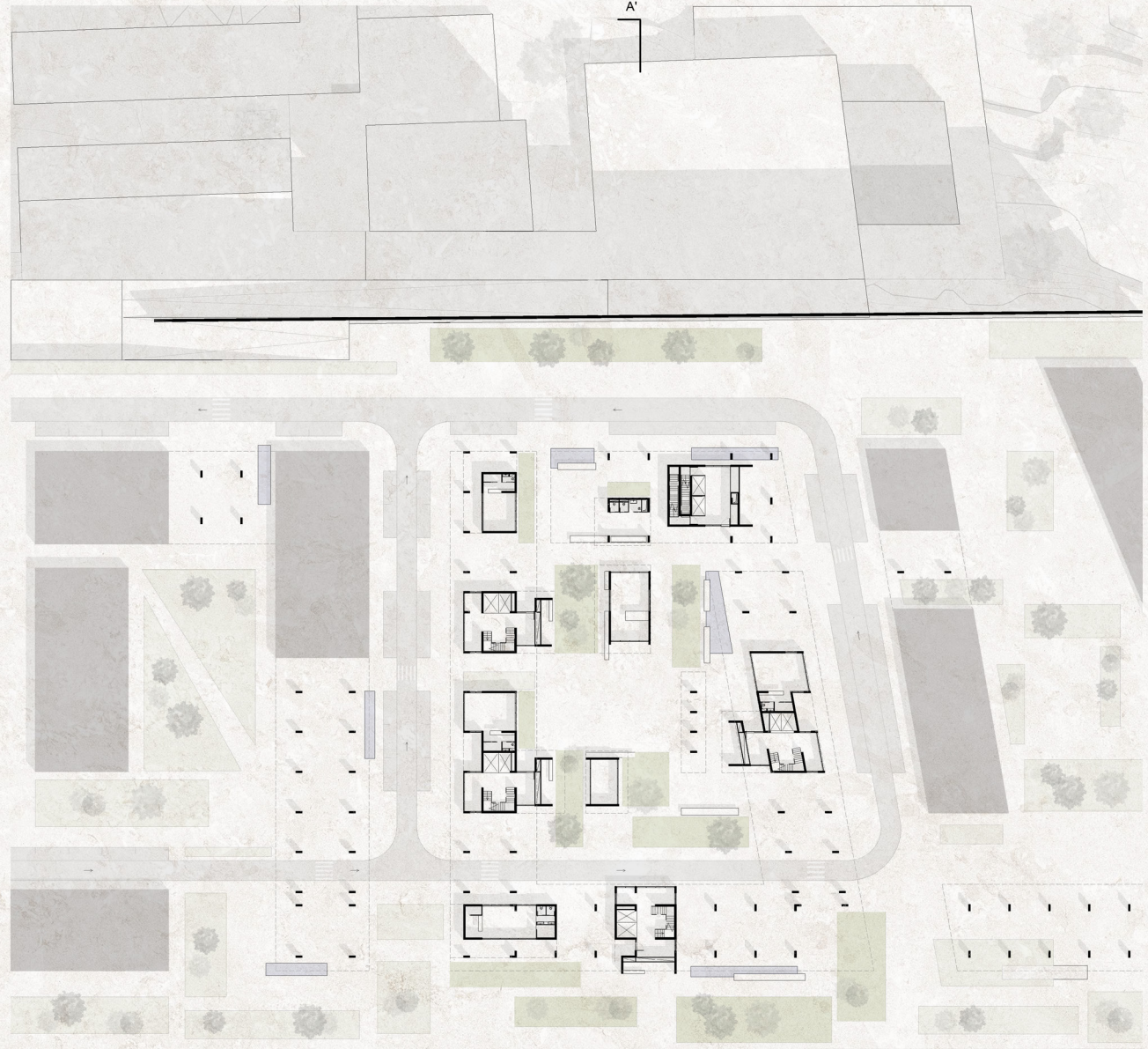
PARQUES URBANOS



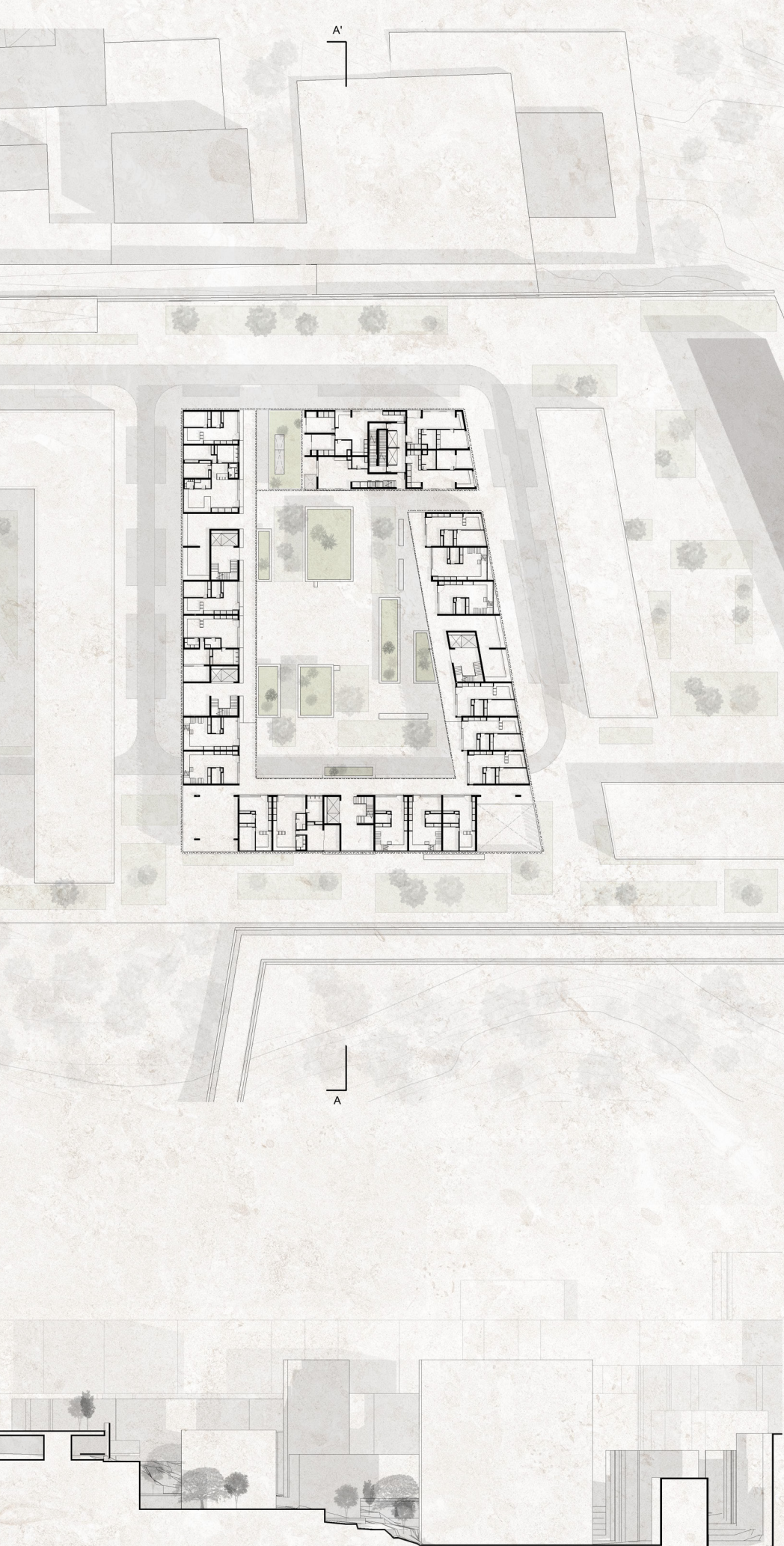
MERCADOS



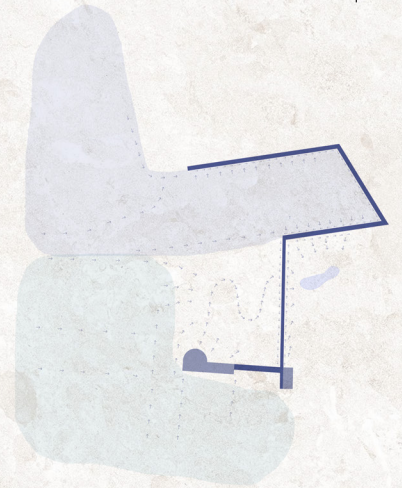
SOBREPOSIÇÃO



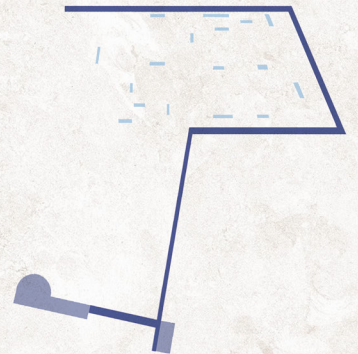
CORTE AA' 0 1 5 15 30



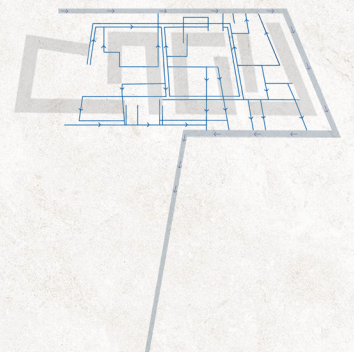
LINHAS DE ÁGUA | VALE



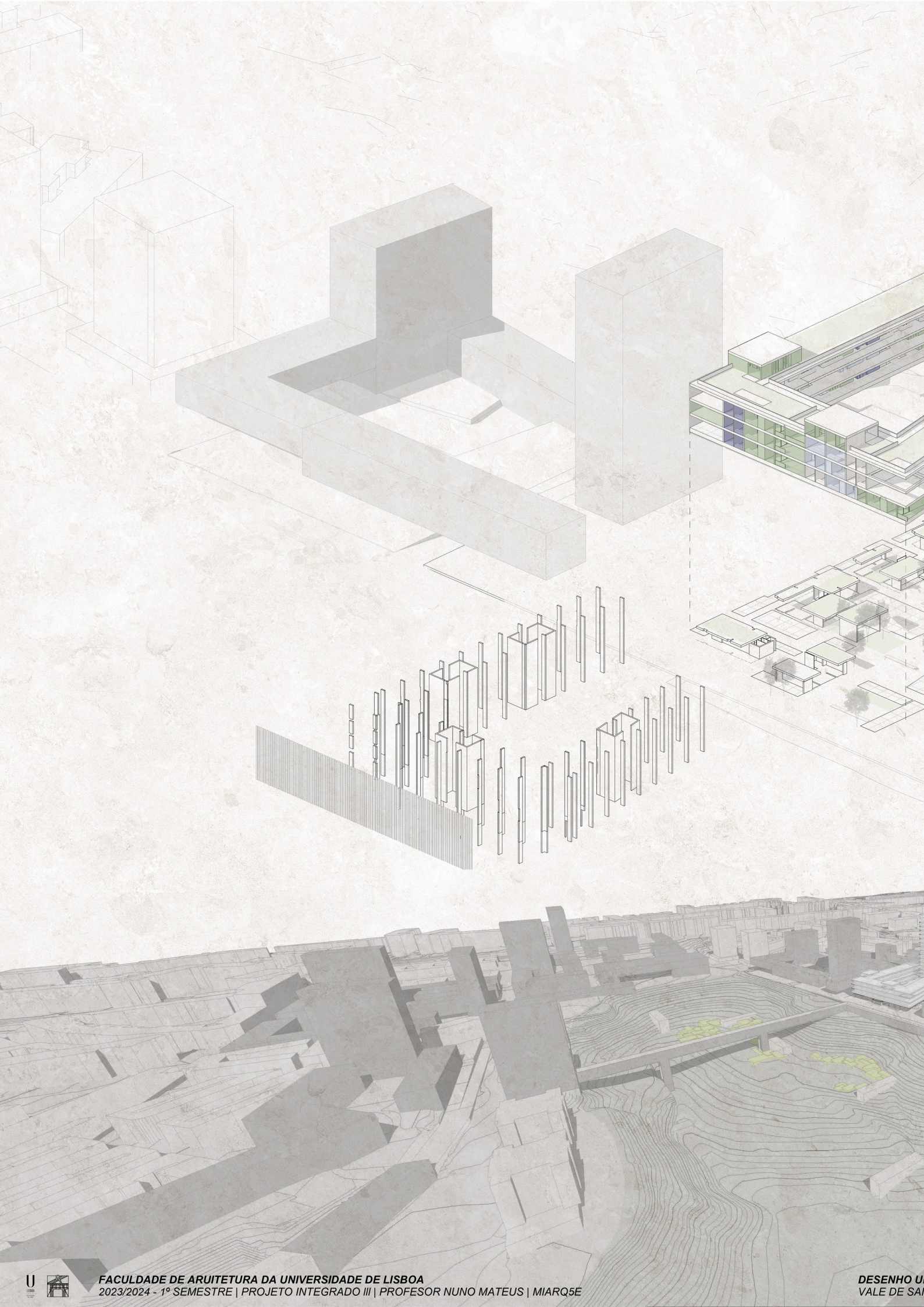
CICLO DA ÁGUA | VALE

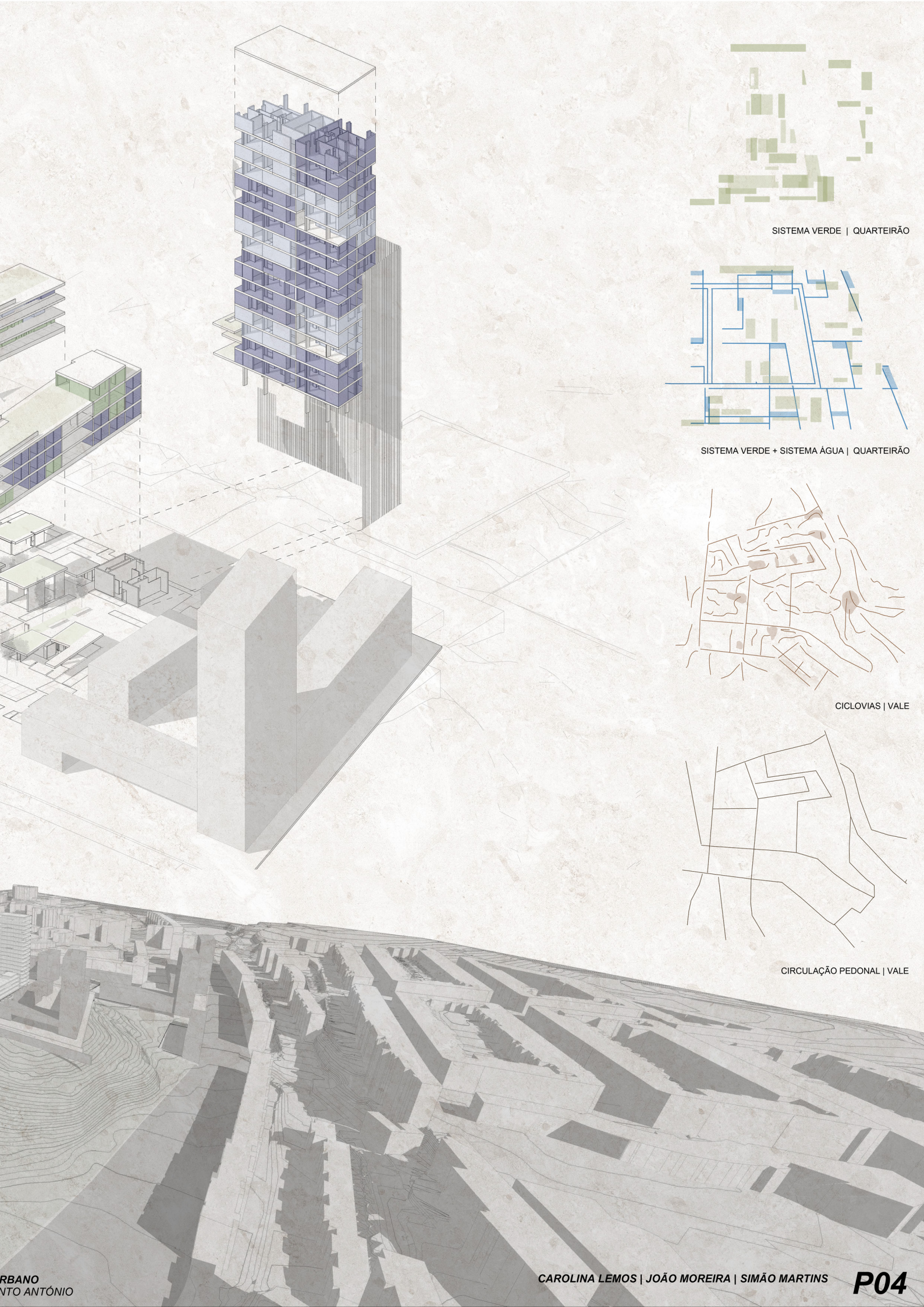


TRANSPORTE DE ÁGUA | VALE



RECOLHA DE ÁGUA | QUARTEIRÃO



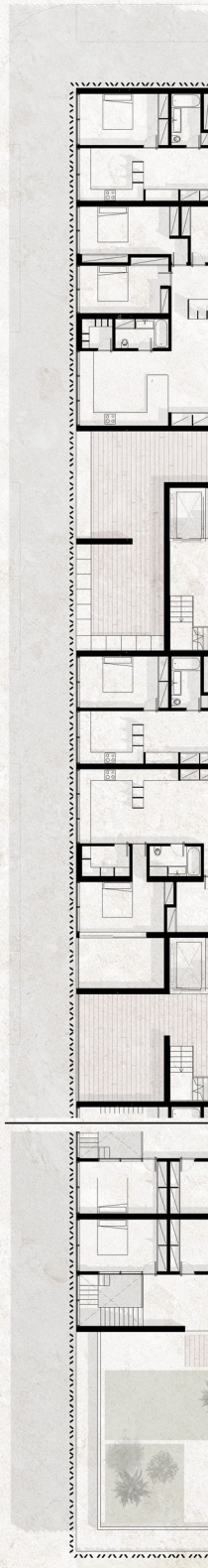


SISTEMA VERDE | QUARTEIRÃO

SISTEMA VERDE + SISTEMA ÁGUA | QUARTEIRÃO

CICLOVIAS | VALE

CIRCULAÇÃO PEDONAL | VALE





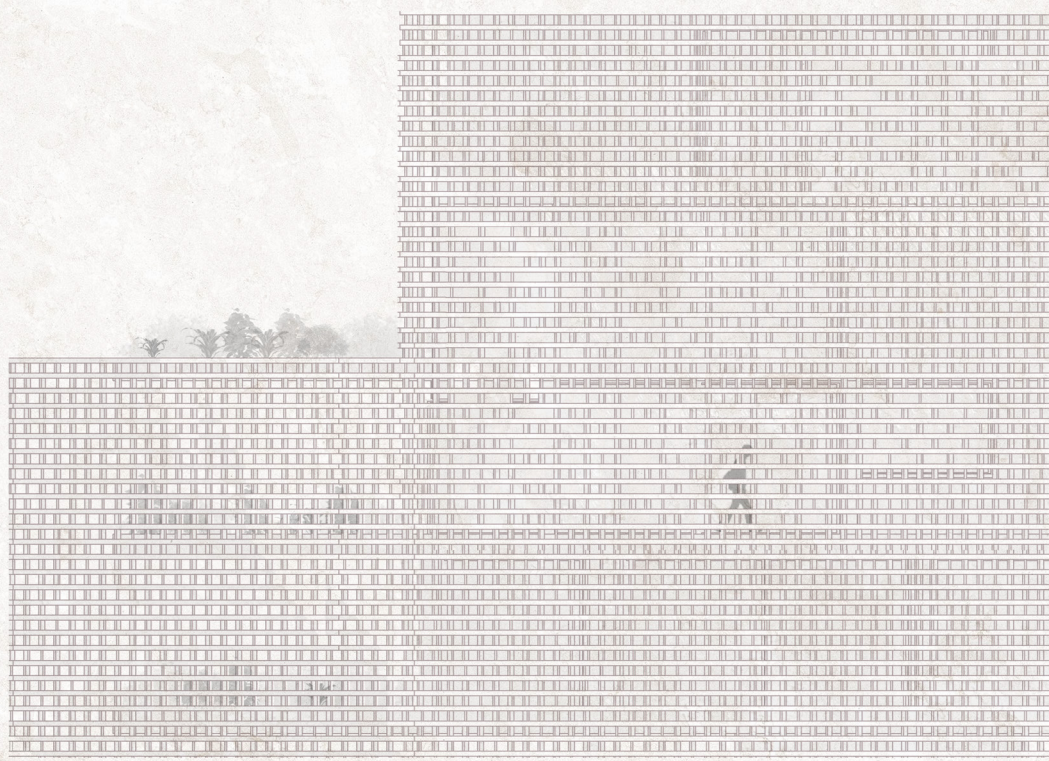
ALÇADO NORTE



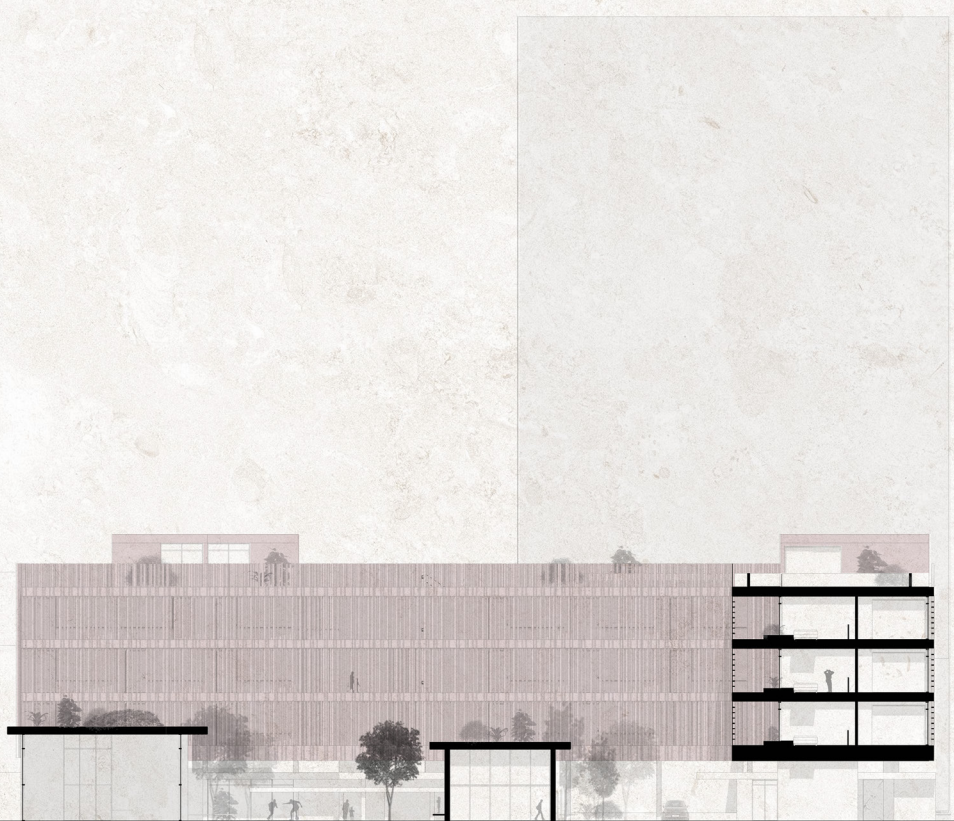
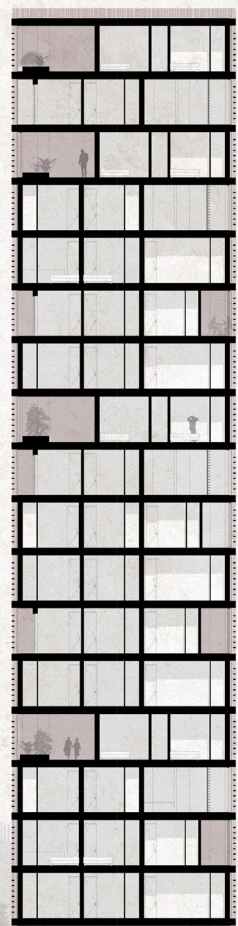
ALÇADO SUL

COBERTURA

VARIAÇÕES TIPOLOGICAS

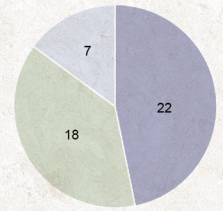
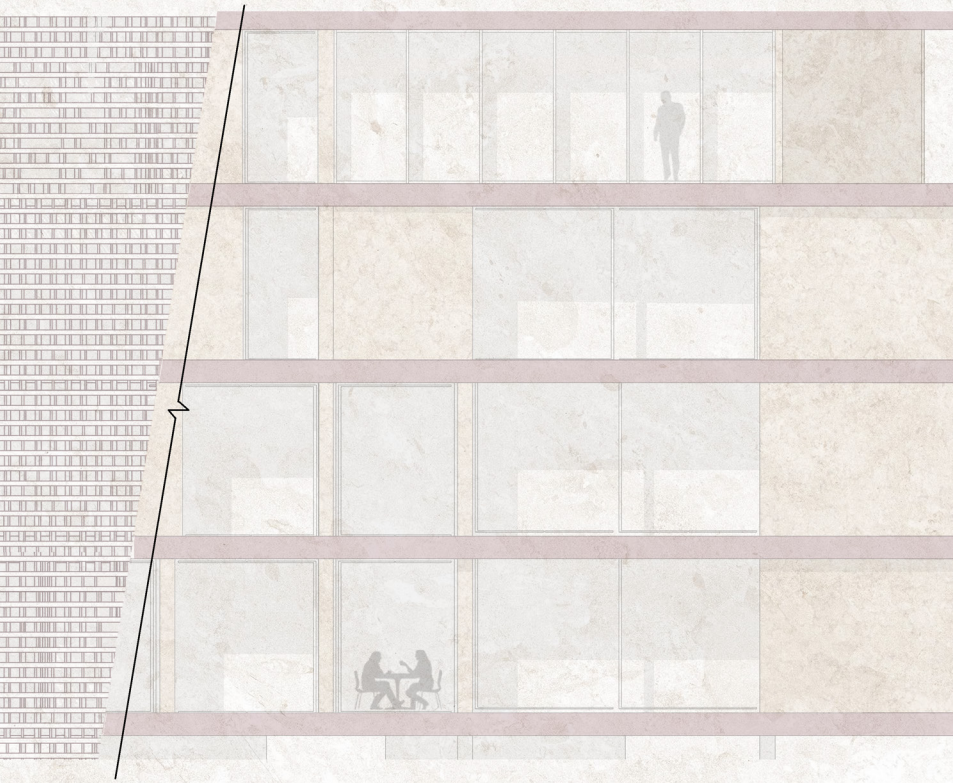


CORTE BB' 0 1 5 10

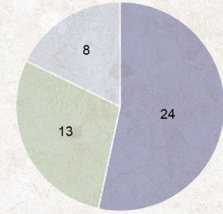


CORTE CC' 0 1 5 15 30

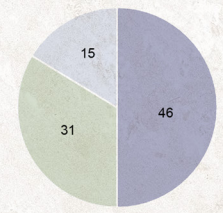




GALERIA

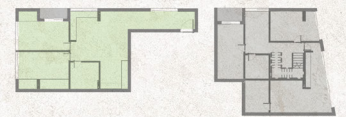


TORRE

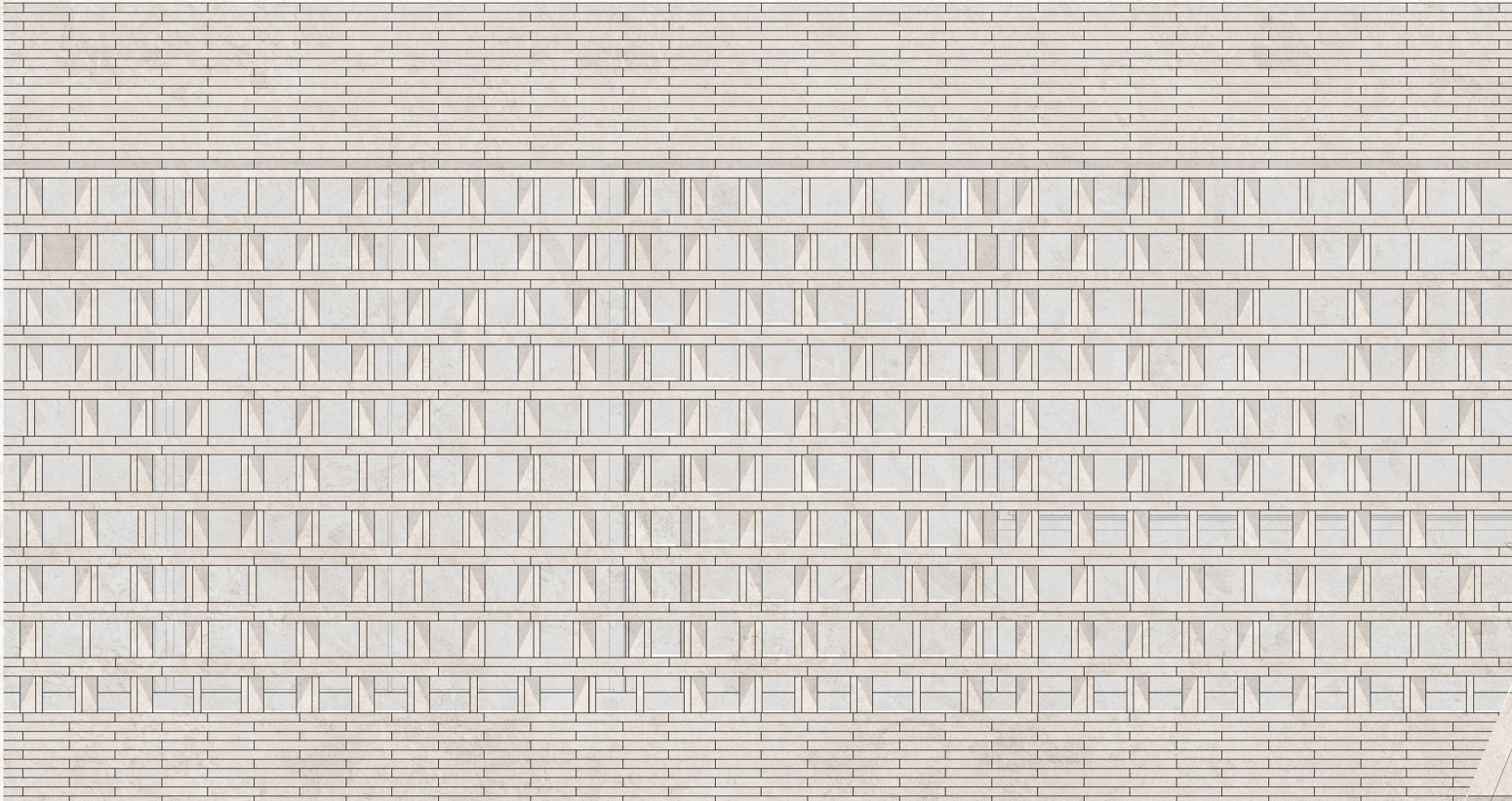


TOTAL

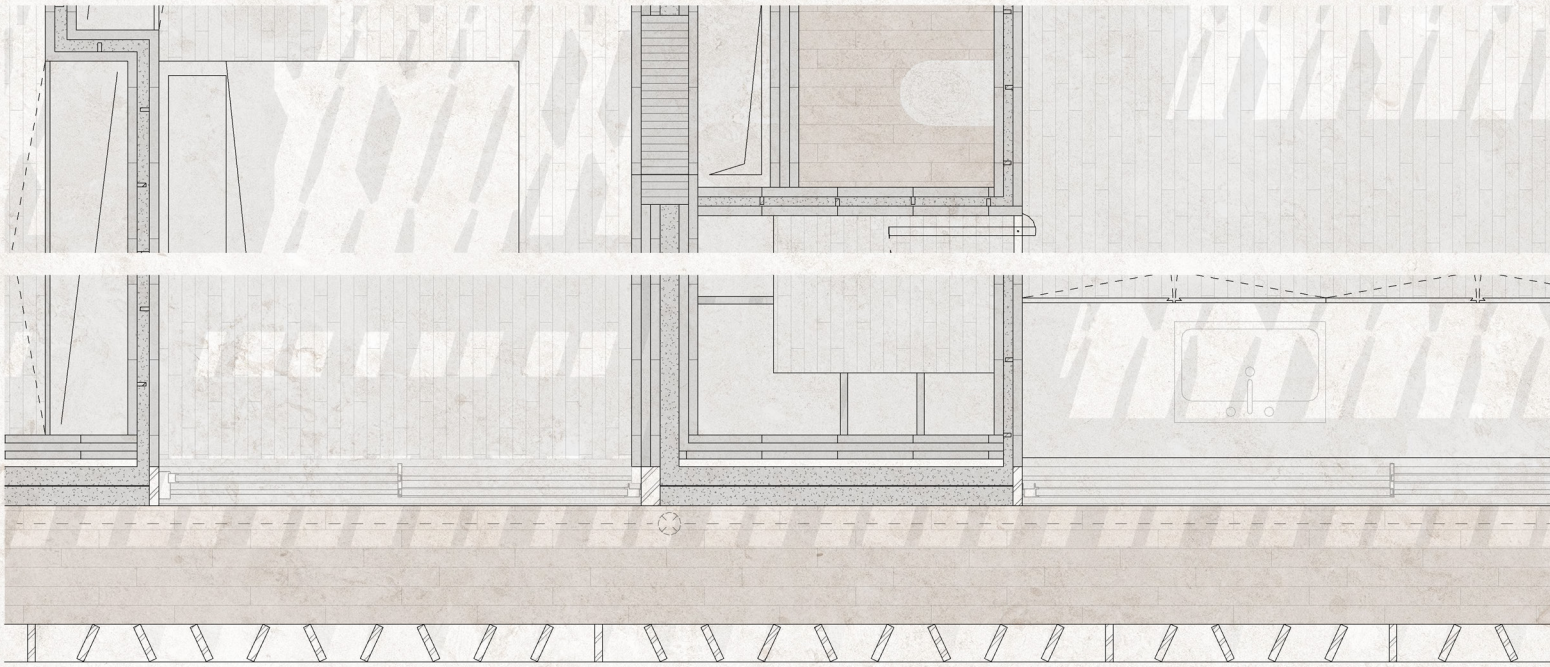
■ T1 ■ T2 ■ T3



VARIAÇÕES SINCRÔNICAS E DIACRÔNICAS DA TIPOLOGIA



ALÇADO E CORTE LONGITUDINAL



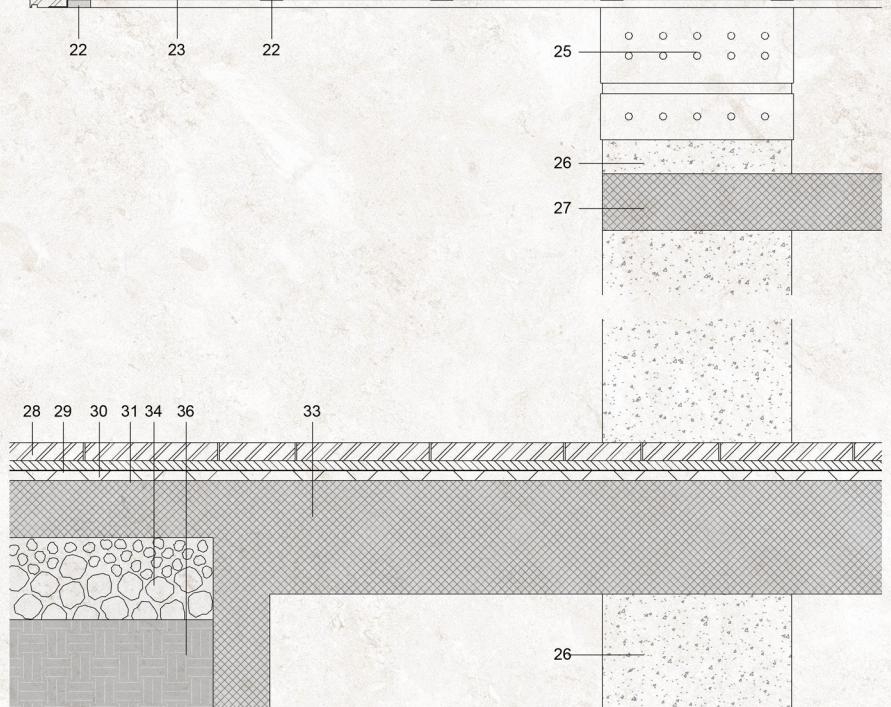
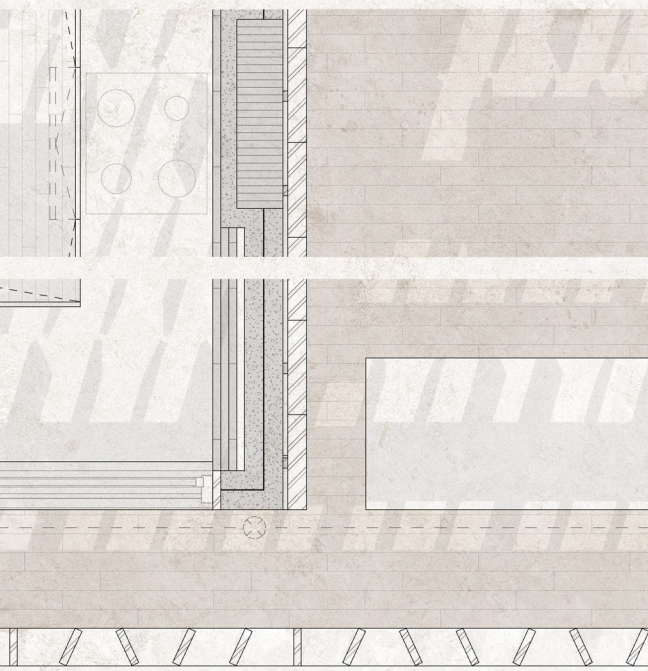
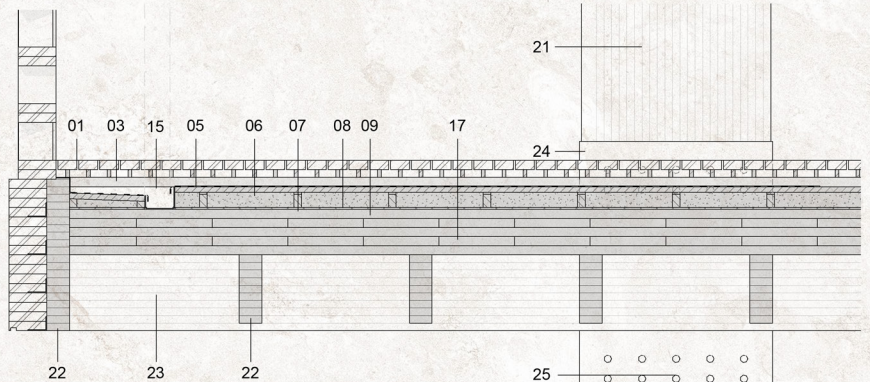
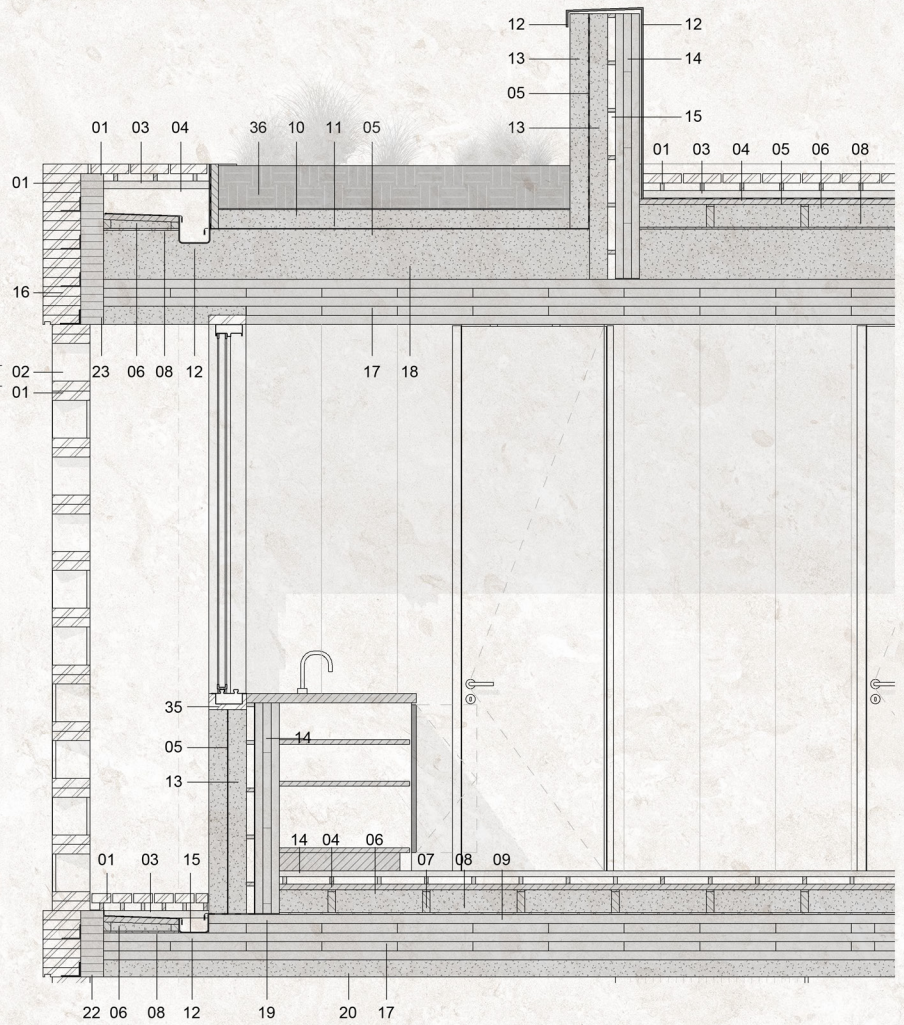
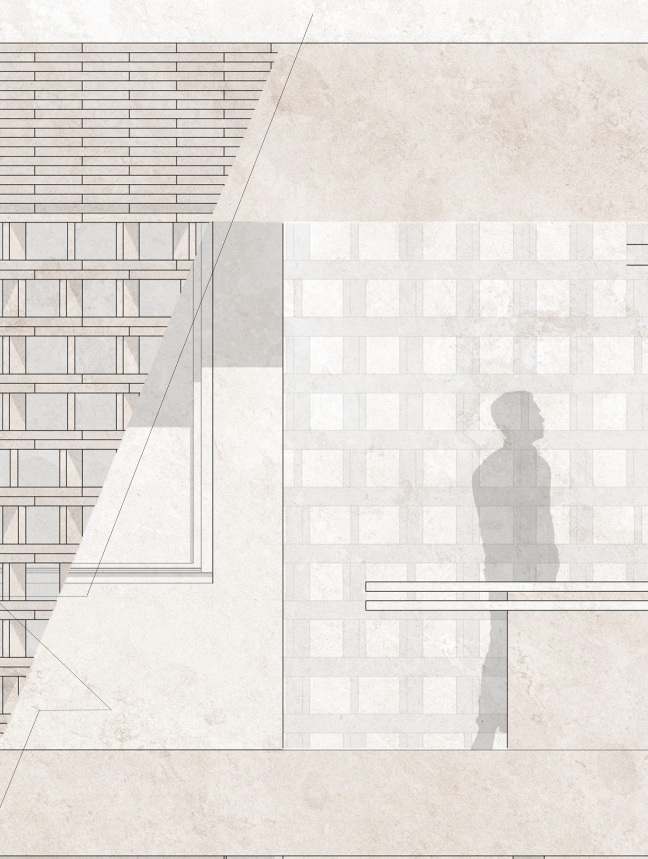
- 01 tijolo vande moortel, linha infinitum 500x100x50 mm
- 02 tijolo vande moortel, linha miniature 200x100x50 mm
- 03 ripado de assentamento em madeira com tratamento exterior
- 04 contraplacado de MDF de 19 mm

- 05 sistema de impermeabilização de tela asfáltica
- 06 sistema de isolamento térmico de cortiça
- 07 sistema de ripado estruturante de pavimento em madeira
- 08 camada de assentamento do ripado

- 09 placa de CLT com 125 mm de espessura
- 10 aglomerado de cortiça com capacidades de drenagem e retenção de água
- 11 filtro SF₂Zn/Co
- 12 peça metálica de revestimento impermeável

- 13 revestimento de fachada exterior em cortiça
- 14 pavimento de madeira maciça de carvalho pregada 20 mm de espessura
- 15 calceira metálica em zinco
- 16 sistema metálico de suporte de tijolos de frente

- 17 laje estruturante de CLT com
- 18 laje impermeabilizada com ca
- 19 sistema de assentamento en
- 20 revestimento de teto semi-ex-



240 mm de espessura
características anti-raiz
entre placas de CLT
interior em cortiça

21. pilar de glulam com secção 30x100 cm
22. viga de glulam com secção 12x36 cm
23. viga de glulam com 30 cm de espessura
24. peça metálica de revestimento de pilar

25. peça metálica de união entre pilar de glulam e de betão
26. pilar em betão armado com secção 30x100 cm
27. laje de betão armado com 30 cm de espessura
28. pavimento exterior de pedra natural calcária de tonalidade cinzenta e acabamento cónico

29. argamassa de assentamento com propriedades drenantes, 50 mm
30. camada impermeabilizante com 5mm de espessura
31. betonilha de assentamento, 50 mm
32. laje de betão armado com 30 cm de espessura

33. laje de betão armado com 60 cm de espessura
34. camada de base e sub-base em bica corrida
35. bloco térmico de betão leve de abrigados de argila
36. terra vegetal

